

CANDACE BUSHNELL
e KATIE COTUGNO

REGRAS PARA SER UMA BOA GAROTA



Harper
Collins

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CANDACE BUSHNELL
e KATIE COTUGNO

REGRAS PARA SER UMA BOA GAROTA



Harper
Collins

**REGRAS
PARA
SER UMA
BOA
GAROTA**

CANDACE BUSHNELL
e KATIE COTUGNO

**REGRAS
PARA
SER UMA
BOA
GAROTA**

TRADUÇÃO
PAULA DI CARVALHO



Harper
Collins

RIO DE JANEIRO, 2022



<https://t.me/SBDLivros>

Copyright © 2020 by Alloy Entertainment and Candace Bushnell.
Copyright da tradução © 2022 por Casa dos Livros Editora LTDA
Título original: *Rules for Being a Girl*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editora: *Lara Berrueto*

Assistência editorial: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*

Copidesque: *Thaís Carvas*

Revisão: *Fernanda Marão*

Design de capa: *Jenna Stempel-Lobell*

Adaptação de capa: *Renata Vidal*

Diagramação: *Ilustrarte Design e Produção Editorial*

Produção de ebook: *S2 Books*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bushnell, Candace

Regras para ser uma boa garota / Candace Bushnell e Katie Cotugno ; tradução Paula Di Carvalho. -- Rio de Janeiro : Harper Collins, 2022.

Título original: *Rules for being a girl*
ISBN 978-65-5511-244-3

1. Ficção - Literatura infantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil I. Cotugno, Katie. II. Título.

21-84573

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Para minha amiga meiga e feroz, Jeanine Pepler

— CB

*Para a bebê Colleran, que morou embaixo do meu coração enquanto
este livro era escrito*

— KC

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Um

Dois

três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Epílogo

UM

— **E**ssa — diz o sr. Beckett, apoiando-se na beirada da mesa durante a aula de literatura avançada, com os tornozelos cruzados e os olhos escuros brilhantes — é a história de como Hemingway e Fitzgerald se tornaram os aminorimigos literários mais famosos do século xx. Para ser sincero, essa informação não vai ser útil na hora da prova, já que por algum motivo ninguém testa seu conhecimento em fofocas do mercado editorial de cem anos atrás. Mas você pode guardá-la na manga para impressionar seus amigos em festas.

Ele dá um sorrisinho, se levanta e tira uma caneta de quadro branco do bolso traseiro da calça azul-marinho.

— Ok — continua ele —, vamos falar sobre o dever de casa.

Soltamos um grunhido coletivo, e Bex — que é como o chamamos — faz um gesto desdenhoso no ar como se fôssemos um bando de reclamações, então passa as primeiras quarenta páginas de *Adeus às armas* para lermos naquela noite.

— Vai passar rápido — promete ele, girando a caneta entre os dedos como um mágico faz com um baralho. — Uma das coisas incríveis sobre Hemingway, e existe um monte de coisas incríveis sobre Hemingway, das quais falaremos amanhã, é que ele não é fã de palavras complicadas.

— Ah, que bom — comenta Gray Kendall, um jogador de lacrosse de pernas compridas que acabou de entrar na escola, em setembro. Ele está esparramado em uma cadeira algumas fileiras atrás de mim, com uma covinha fugaz na maçã do rosto. — Eu também não sou.

Por fim, o sinal toca e todo mundo se arrasta na direção da porta, o

ruído dos pés das cadeiras no chão de linóleo e o cheiro de sanduíche de frango do refeitório se espalhando pelo corredor.

— Está pronta? — pergunto a Chloe, parando ao lado de sua carteira na frente da sala. Ela está com o seu batom vermelho de sempre e enormes óculos hipsters, o cabelo loiro caindo em ondas suaves sobre os ombros. Um broche minúsculo no formato de um flamingo rosado está preso na gola da blusa do seu uniforme.

— Hum — responde ela, olhando por cima do meu ombro para Bex, que apaga o quadro branco com movimentos dos ombros elegantes dentro do suéter de caxemira cinza.

Ergo as sobrelanceiras para aquela encarada ostensiva, e ela faz uma careta para mim.

— Estou.

— Aham. Certo. — Assinto com exagero e penduro a mochila sobre um dos ombros; estamos prestes a sair quando Bex ergue o olhar.

— Ah, Marin, oi — diz ele, balançando a cabeça de um jeito culpado. — Eu acabei esquecendo o livro *de novo*, se é que dá para acreditar. Mas trago amanhã sem falta.

— Ah! Sem problemas. — Sorrio.

Já tem umas boas duas semanas que Bex vem dizendo que vai me emprestar seu exemplar de *As correções*, que, segundo ele, eu vou amar, mas fica se esquecendo de trazer.

— Quando puder. Sinceramente, não é como se eu estivesse cheia de tempo livre para ler por prazer, de qualquer maneira.

— Sei, sei. — Bex faz uma cara maldosa. — Vocês estão ocupadas demais postando vídeos de *unboxing* nos seus canais do YouTube, ou seja lá o que fazem por diversão.

Fico boquiaberta.

— Não é verdade! — retruco, apesar de sentir o corpo todo corar agradavelmente. — Estamos mais para soterradas em dever de casa de literatura avançada.

— Tá bom, tá bom — diz Bex, sorrindo. — Saiam da minha sala. Hoje é o meu turno no almoço; vejo vocês lá embaixo.

— Que sorte a sua — implica Chloe.

— Aham. — Bex dá um sorrisinho, deixando o apagador na bancada e limpando as mãos na parte traseira da calça. — Você pode até tentar me zoar, mas está subestimando o quanto eu fico empolgado quando tem sanduíche de frango. Agora vão.

O refeitório de Bridgewater Prep é, na verdade, uma combinação

entre auditório e ginásio, com um palco na parede dos fundos e mesas que são dobradas e guardadas em um depósito durante as aulas de educação física. Nossa mesa já está cheia quando Chloe e eu chegamos, com a mistura habitual e ligeiramente desconexa de melhores alunos da turma do Bex e jogadores de lacrosse com quem nos sentamos desde que comecei a namorar Jacob.

— Oi, amor — diz ele, me apertando na lateral da cintura. — Como está o seu dia?

— Está conferindo se ela não engordou? — comenta o amigo dele, Joey, esticando a mão como se fosse me beliscar também.

Eu me esquivo e mostro o dedo do meio para ele, revirando os olhos.

— Não enche, Joey. — Então dou um cutucão no ombro de Jacob e completo: — Não vai defender minha honra?

— Você ouviu a moça — diz Jacob, o que é certamente uma tentativa fraca de defesa, mas então ele me puxa para o colo dele e me dá um beijo na bochecha, e eu esqueço de ficar irritada por um segundo.

Estamos juntos desde a última primavera; por acaso estávamos sentados lado a lado durante a aula de história avançada no momento em que a sra. Shah definiu as duplas para o projeto de pesquisa final. Eu esperava alguém que fosse me deixar mandar em tudo e garantir nota 10 para nós dois, o que tem sido a minha estratégia para trabalhos em grupo basicamente desde sempre, mas, para minha surpresa, Jacob de fato tinha opiniões sobre quais fontes primárias seriam mais úteis para criarmos uma pergunta baseada em documentos sobre as reformas sociais que levaram à Guerra Civil. Discutimos por duas semanas inteiras até descobrirmos como trabalhar juntos. Quando recebemos um 10, ele me levantou e me girou no ar bem no meio da sala.

Então eu me sento na minha própria cadeira e tiro um sanduíche de peru da bolsa, acenando para Dean Shepherd enquanto ele coloca a bandeja ao lado de Chloe. Os dois foram ao baile de boas-vindas juntos há alguns meses, e desde então ele não tem sido nada sutil em suas tentativas de ficar com ela.

— Você vai nessa parada na casa da Emily Cerato na sexta? — pergunta ele, tirando a tampa da sua garrafa de Dr. Pepper e oferecendo o primeiro gole para ela.

Chloe dá de ombros, descascando uma tangerina com habilidade.

— Eu estava pensando em ir — responde ela, dando corda. — E você?

Não escuto a resposta do Dean — e, para minha sorte, nem a maior parte do monólogo subsequente de Joey sobre como Emily e suas amigas da equipe de dança são gostosas —, enquanto avisto Bex debruçado sobre o palco do outro lado do refeitório, ao lado da sra. Klein, a professora de biologia que entrou em setembro. Ela é meio nova, talvez uns vinte e tantos anos, com cabelo escuro cacheado, óculos e um guarda-roupa que parece consistir quase totalmente de vestidos *chemise* com cintos da Banana Republic. Ela está sentada com os tornozelos cruzados, os pés com botas de saltos pesados de madeira, e come um iogurte caro enquanto Bex ri de alguma coisa que ela diz.

Chloe joga um pedaço de casca de tangerina em mim.

— Olha só quem está encarando agora — comenta ela, erguendo o queixo na direção de Bex.

— Não estou nada! — respondo com um grito sussurrado.

— Aham. Dá um secada na baba, vai — diz Chloe com uma risada.

Suspiro dramaticamente.

— Não consigo evitar. Você sabe que eu não resisto a um homem de calça de sarja. — Lanço um olhar de volta para Bex e a sra. Klein.

— Acha que tem alguma coisa rolando entre eles?

Estaria mentindo se dissesse que Chloe e eu não somos um tiquinho obcecadas pela vida amorosa do Bex.

— O quê? — Chloe balança a cabeça na mesma hora. — Não.

— Por que não? — pergunto. — A sra. Klein é bonitinha.

— Sei lá, pode ser. — Chloe não parece convencida. — Tipo, ela parece uma repórter do jornal local.

— Eu pegava — comenta Joey, prestativo.

— Ninguém te *perguntou nada*, Joey. — Volto a olhar para Chloe.
— Só estou dizendo: longas noites corrigindo trabalhos, olhares românticos na sala dos professores...

— Ai, meu Deus. — Chloe joga um gomo de tangerina na boca. — Tem certeza de que essa não é a *sua* fantasia? Talvez devesse reconsiderar seu plano de se tornar jornalista. Sinto que escrever romances é o seu verdadeiro talento.

— Isso é jornalismo! — retruco, rindo. — Sério, jornalismo investigativo sobre as nunca-antes-vistas vidas amorosas do tesouro mais importante dos Estados Unidos: nossos professores.

Chloe solta uma risada pelo nariz.

— Vai fundo — diz ela, guardando a casca da tangerina de volta no saco de papel. — Mas eu preciso ir, tenho dentista à tarde e vou sair mais cedo. Tudo bem por você fazer a reunião sem mim?

Chloe e eu somos coeditoras do *Beacon* este ano e passamos basicamente todo o tempo que temos disponível no escritório com Bex e o resto da equipe, debruçadas sobre os computadores lerdos e esparramadas no sofá velho e esfarrapado.

— Aham, tranquilo. Eu te mando uma mensagem à noite. — Dou um tchau e me volto para Jacob, que já está terminando seu segundo sanduíche de frango. — *Você quer ir à festa da Emily Cerato?*

— Claro — responde ele, dando de ombros e abrindo um pacote de Oreos. — Quer dizer, por que não?

— Não sei. — Coloco uma pipoca na boca. — Eu estava pensando que talvez pudéssemos assistir àquele filme do qual eu estava falando no outro dia, sobre as irmãs que herdaram uma casa, sabe?

— O negócio histórico? — pergunta ele, franzindo a testa. — Você não prefere ver isso com Chloe ou com a sua mãe?

Ergo bem as sobrancelhas.

— Com isso você quer dizer que preferiria arrancar os olhos a aguentar uma sessão desse filme?

— Eu não falei isso — retruca Jacob, me dando um biscoito em uma tentativa de oferta de paz. — Se é o que você quer, superpodemos.

— Tá bom, tá bom. — Sei que ele está falando sério (Jacob é realmente um cara bem tranquilo), mas não faz sentido arrastá-lo para uma coisa que sei que ele vai achar totalmente feminino e entediante. — Vou te liberar, cara. Ir à festa parece divertido.

Jacob assente, então aponta por cima do meu ombro para Bex, que está fazendo uma ronda pelo refeitório como se fosse o noivo em um casamento, arrancando sorrisos frouxos de todos, desde nerds do clube de debates aos atletas mais brutos do time de futebol americano.

— Seu queridinho está vindo aqui — comenta ele. — Devo perguntar se ele está mandando ver com a sra. Klein?

— Ai meu *Deus* — respondo, jogando uma pipoca na direção dele —, que nojo. Além do mais, *definitivamente* não foi o que eu disse que ele estava fazendo.

Ainda assim, me passa pela cabeça que, se Jacob perguntasse na cara de pau para Bex se ele estava saindo com a sra. Klein, havia uma

grande chance de ele dizer a verdade. Essa é uma das coisas legais sobre Bex: ele não é obcecado por manter um sigilo idiota sobre sua vida fora da escola, como alguns dos nossos professores. É um ser humano de verdade. Tipo, outro dia na aula ele nos contou sobre como levou uma multa por excesso de velocidade a caminho da escola depois de perder a hora porque ficou até tarde na noite anterior em uma festa em Boston para comemorar com um amigo que estava publicando uma coletânea de contos. E, no dia da fotografia, ele levou para a escola o próprio anuário do terceiro ano para que todo mundo pudesse rir do seu colar de conchas dos anos 2000 e do seu cabelo espetado.

Ele para na nossa mesa por um minuto, faz piada com Dean e pergunta a Jacob sobre uma jogada da partida de lacrosse de ontem. Tecnicamente, nem estamos na temporada de lacrosse, mas o time de Bridgewater é muito bom, então eles têm permissão especial para jogar em algumas ligas dentro da escola e ainda usar os ônibus escolares para jogos externos. Todo mundo acha que os caras do lacrosse são especiais de alguma forma. Talvez eu também ache, por mais que, sinceramente, o fato de eles parecerem saber disso sempre me irrite.

— Pegou seu sanduíche de frango? — pergunto a Bex.

Ele assente com seriedade.

— Pode apostar — responde, então estende a mão por cima do meu ombro e pega meu pacote de pipoca, do qual se serve de uma mãozada.

— Com licença! — protesto, por mais que eu não me importe de verdade.

Bex só dá de ombros.

— Imposto escolar — diz com um sorrisinho. — Pode reclamar com o seu deputado.

Estendo a mão para pegar o pacote, mas ele o segura acima da minha cabeça de brincadeira, rindo das minhas tentativas patéticas de recuperá-lo, quando ouvimos o diretor DioGuardi pigarrear sobre o palco nos fundos do refeitório.

— Atenção, senhoras e senhores — começa ele, com as mãos apoiadas nos quadris feito um fisiculturista de desenho animado.

O sr. DioGuardi era professor de educação física antes de mudar para a administração, e ainda tem a aparência de um, com braços musculosos e o tronco em formato de triângulo invertido dentro da

camisa social marrom. Ele carrega um apito pendurado no pescoço, que usa para evitar que façamos bagunça demais durante assembleias e eventos pré-jogos, e às vezes o coloca na boca aleatoriamente quando está pensando, feito um bebê com uma chupeta. Ano passado, absolutamente todos os jogadores do time de lacrosse se fantasiaram como ele para o Halloween.

— Se me permitem um minuto do seu tempo, gostaria de falar sobre o seu assunto preferido, e o meu também: as regras do uniforme!

— Ah, Deus do Céu — murmura Bex, baixo o bastante para que só eu possa ouvi-lo, então dá um breve aperto no meu ombro por cima do suéter do uniforme antes de ajeitar a postura e se dirigir de volta para a frente do refeitório. — Lá vamos nós.

Olho para ele com surpresa; é raro presenciar esse tipo de reação sem filtro de um professor, mesmo de um tão descontraído quanto Bex. Mas, pensando bem, DioGuardi é notoriamente ridículo sobre os códigos de vestimenta. Na verdade, eu nunca odiei usar uniforme — existem vantagens em não ter que se preocupar em escolher uma roupa bonitinha todo dia —, mas ultimamente DioGuardi ficou obcecado, criando regras novas quase toda semana sobre tudo, desde o comprimento das saias à maquiagem e ao tamanho dos nossos brincos. Sem mencionar o fato de que as normas nunca parecem se aplicar aos garotos.

Olho de relance para Jacob, mas ele está checando o Instagram no celular embaixo da mesa, nem um pouco incomodado.

— Lá vamos nós — repito, e me preparo para o discurso.

t

Naquela tarde, estou sentada no sofá arcaico da sala do jornal, tentando resolver um problema do meu livro de cálculo, quando Bex para na porta aberta. Já passa das 17 horas, e nossa reunião acabou há umas duas horas, mas eu estou presa ali, esperando a minha mãe vir me buscar.

— Ei — diz ele, olhando para o relógio acima do quadro branco. — Você tem carona para casa?

— Ah, tenho — respondo. Ele está vestindo uma jaqueta de couro de aparência macia, com o cabelo cacheado caindo por cima da gola.

Existe um boato de que Bex trabalhou como modelo para pagar o mestrado (parece que algum aluno do último ano desenterrou as fotos da internet no ano passado, apesar de Chloe e eu não termos conseguido encontrá-las), e nesse momento eu acredito nisso. — Minha mãe vai chegar daqui a pouco. Quer dizer, eu tenho carteira de motorista, obviamente, mas... nós só temos um carro. E minha irmã tem um negócio de xadrez.

Dou de ombros. Bex ergue as sobrancelhas.

— Um negócio de xadrez?

— Minha irmã mais nova é a campeã de xadrez de Massachusetts — explico, um pouco envergonhada. — Ela tem aulas com um velho ranzinza em Brookline. Normalmente, meu pai viria me buscar, mas ele tinha uma reunião, e Chloe tinha dentista, então... — Fecho a boca de repente, incerta sobre por que me sinto compelida a entediá-lo com os detalhes logísticos mundanos da minha vida. — Enfim. Estou bem.

Bex só sorri.

— Vamos lá — fala ele, assentindo na direção do estacionamento.

— Eu posso te dar uma carona.

— Ah. — Balanço a cabeça como se por instinto, puxando as mangas ásperas do suéter do uniforme por cima das mãos. — Não, tudo bem, não precisa ter esse trabalho.

Bex dá de ombros.

— Eu não ofereceria da boca para fora — diz ele com tranquilidade. — Daqui a pouco só vai ter você e o sr. Lyle vagando por esse lugar enorme.

Sr. Lyle é o zelador; ele tem mais de dois metros de altura e quase a mesma largura nos ombros. Todo mundo o chama de Hodor pelas costas.

— Pega suas coisas.

Dou uma olhada para fora da janela, para o crepúsculo azul arroxeadado chegando por trás dos pinheiros. Então volto a olhar para Bex.

— Ok — digo enfim, engolindo uma onda de empolgação e pegando minha mochila. — Claro. Valeu.

Mando uma mensagem para minha mãe para avisar que consegui uma carona e sigo Bex pelo corredor vazio até o estacionamento dos professores, explicando onde moro enquanto caminhamos. Ele dirige um Jeep surrado com um adesivo descascado do Bernie Sanders no para-choque. O interior cheira a café; tem um bolsa de academia

jogada no banco traseiro. Quando ele dá a partida, o carro se enche de um indie folk triste com uma guitarra pesada; Bon Iver, acho, apesar de que esse provavelmente deve ser o único artista que eu saberia nomear.

— Eu sou uma caricatura de mim mesmo, sabe — comenta Bex, apontando o queixo para o rádio enquanto saímos do estacionamento. — Só me falta a barba de lenhador.

— Não, relaxa — respondo com um sorriso. — Quer dizer, eu gosto de ficar ao ar livre e chorar na chuva tanto quanto qualquer garota.

Bex solta uma risada alta.

— Era o que minha ex-namorada sempre dizia — admite ele. — Ela chamava esse estilo de música de homem-triste-pelo-cachorro-morto.

Eu também rio, mesmo enquanto o termo *ex-namorada* provoca uma minúscula descarga elétrica pelo meu corpo. Eu me pergunto como ela era, se era bonita. Mais do que tudo, me pergunto por que eles terminaram.

Bex sempre foi estranhamente bom de papo para um professor, e mantém um fluxo bem estável de conversa durante o caminho para o meu bairro — sobre DioGuardi e o código de vestimenta, sim, mas também sobre um show ao qual havia ido há pouco tempo em Boston e uma série de eventos com escritores na Harvard Book Store que ele acha que eu deveria dar uma conferida.

— Então, você e Jacob Reimer, hein? — pergunta ele, diminuindo a música enquanto seguimos pela **vfw** Parkway, passando pela Stop & Shop e pela PetSmart. — Ele parece ser um cara legal.

— Ah! — Não sei quem contou para ele, e devo deixar isso transparecer, porque Bex imita minha expressão de maneira exagerada, com os olhos arregalados e a boca aberta.

— Eu sei das coisas — diz ele, sorrindo. — Vocês acham que professores são, tipo, dinossauros surdos e cegos, como se nós andássemos por aí sem a menor ideia do que está acontecendo.

— Não, eu não penso isso! — protesto.

Ele torce os lábios.

— Sei, sei.

— É sério — insisto com uma risadinha. — Mas sim. Jacob é ótimo.

— Que bom — responde Bex, olhando de relance por cima do ombro antes de passar para a pista de conversão, com os dedos longos casualmente enganchados na parte inferior do volante. — A maioria dos adolescentes são basicamente caixas de correio ambulantes. Você

está certa em se guardar para uma pessoa legal.

Um calor agradável e nada familiar sobe pelo meu peito, quente e formigante. Fico feliz por estar de cachecol.

— Valeu — digo, mexendo no zíper emperrado do bolso externo da minha mochila, dando puxões ineficientes para baixo.

Bex dá de ombros.

— É verdade.

Assinto.

— Hum, é aqui que eu fico — aviso, apontando com a cabeça para a minúscula casa estilo colonial dos meus pais. — Obrigada de novo pela carona.

— Claro, sem problema.

— Até amanhã — falo, puxando a maçaneta da porta.

— Ei, Marin — chama ele, colocando uma das mãos no meu braço enquanto saio do carro; sinto a vibração do toque descer pela minha espinha, fazendo todo o meu esqueleto ressoar prazerosamente. — Hum, só para garantir. Provavelmente é melhor que você não comente com ninguém da escola que eu te dei carona.

— Ah — respondo, surpresa. — Tudo bem.

— No último lugar em que trabalhei era diferente; era um internato, então eu dava carona para os alunos o tempo todo, sabe? Recebia alunos no meu apartamento para *jantar*, tipo, uma vez por semana. Mas aqui... — Ele faz uma pausa. — DioGuardi tem uma mentalidade diferente.

— Não, não, eu superentendo. — Eu não sabia que ele havia trabalhado em um internato antes de entrar em Bridge-water. Sinto um ciúme instantâneo e estranho de todos os alunos para os quais ele já cozinhou. — Não vou dizer nada.

— Valeu, colega — diz Bex, com um sorrisinho meio tímido. — Boa noite.

— Boa noite — respondo, fechando a porta do carro com cuidado e erguendo a mão num aceno estúpido. Fico parada no gramado escuro até o Jeep desaparecer de vista.

DOIS

A festa da Emily acontece duas noites depois. Jacob me busca no Subaru que ganhou dos pais em seu 17º aniversário, e nós passamos na casa da Chloe no caminho.

— Oie — digo, me virando no assento enquanto ela se ajeita no banco traseiro, desenrolando o cachecol peludinho do pescoço.

A voz lendária de Whitney Houston canta no som, o ar do carro denso com o aroma da colônia que Jacob jura não borrifar nas saídas de ar.

— Onde você estava esta tarde? Achei que fôssemos fazer os negócios de layout.

Chloe balança a cabeça.

— Precisei cobrir um turno no trabalho — explica ela. — Rosie tinha uma consulta médica. Desculpa, esqueci de te mandar uma mensagem. Foi super de última hora.

Os pais da Chloe são donos de um restaurante grego chamado Niko's; nós duas começamos a trabalhar lá no oitavo ano, primeiro limpando as mesas e agora como garçonetes.

— Bex também não estava lá — reclamo, me sentando sob uma das pernas e estendendo a mão para diminuir o aquecedor. — Ficamos só Michael Cyr e eu, o que significa que eu tive que passar uma hora inteira escutando sobre como ele acabou de descobrir *Breaking Bad* e Walter White é o seu novo herói.

— Só você e Michel Cyr, é? — pergunta Jacob, lançando um olhar do banco do motorista. — Eu deveria ficar com ciúmes?

— Só se você se sentir ameaçado por um cara que conheceu todos

os melhores amigos no Reddit — respondo, estendendo a mão para cutucar as costelas dele.

Jacob agarra meus dedos e aperta. Chloe revira os olhos.

A casa da Emily é grande, no estilo das casas do pós-guerra do século passado, em um condomínio cheio de casas idênticas, cada uma pintada de um tom pastel diferente.

— Uma vez, no segundo ano do ensino fundamental, eu saltei do ônibus e entrei na casa errada — conta Emily, nos guiando pelo corredor e tirando duas cervejas de um cooler sem gelo perto da porta dos fundos. — Uma senhorinha chamada Gloria me fez sentar à mesa da cozinha e assou pão irlandês para mim, e então acabou virando minha melhor amiga por três anos, até morrer.

No mesmo momento, Jacob é absorvido por uma multidão de amigos do time de lacrosse; Joey e Ahmed, além de Gray Kendall e alguns outros caras. Existe um boato de que Gray foi expulso da sua escola particular chique no ano passado por dar festas do tipo descontroladas em que as pessoas vão parar no hospital por comer pastilhas de sabão de lavar roupa. Mal está há dois meses em Bridgewater, e já ficou com praticamente todas as garotas da escola, o que gera um desfile interminável de alunas do primeiro e segundo ano com expressões esperançosas rondando a porta do vestiário nos dias de jogo. É profundamente constrangedor para todo mundo, por mais que eu tenha que admitir que ele é absurdamente bonitinho.

Chloe e eu nos acomodamos na escada que leva ao segundo andar, escutando o rap metalizado de Cardi B que sai da caixa de som Bluetooth na mesinha de centro. Dois alunos esquisitos do nono ano se amontoam ao redor de um vídeo no celular de alguém. Deanna Montalto, que é meio oferecida, relaxa no sofá ao lado de Trina Meng.

— Você ouviu o que estavam falando sobre o que rolou entre Deanna e Tyler Ramos no auditório? — pergunta Chloe baixinho, passando o dedão ao redor do gargalo da cerveja. — Acho que ela é o motivo por trás da nova regra de vestimenta.

— Ai meu Deus, aquele lance de não-pode-mais-meias-três-quartos? — fala Emily, desabando no degrau abaixo da gente com uma latinha de bebida gaseificada em uma das mãos. — Tão idiota.

— *Tão idiota* — concordo. — Tipo, me explica como é que nossos joelhos, dentre todas as coisas, podem ser distrações capazes de prejudicar o rendimento escolar desses delicados e preciosos garotos.

Eu me levanto e seguro o braço do Jacob por cima do corrimão,

puxando-o um pouco para fora da bagunça dos jogadores de lacrosse.

— Posso te fazer uma pergunta? — digo, entrelaçando os dedos com os dele. — Como exatamente o fato de vestirmos meias-calças em vez de meias três-quartos vai ajudar vocês, bobões, a se tornarem alunos melhores?

— Não vai — responde ele na mesma hora, com um sorriso largo e maldoso. — O que *vai fazer* é interferir no lucrativo negócio de Charlie Rinaldi de tirar fotos por baixo da saia de vocês no refeitório e vender na internet.

Joey e Ahmed explodem na gargalhada. Até mesmo Chloe deixa escapar um sorrisinho.

— Você é nojento — informo Jacob, dando um tapinha no cotovelo dele, mas também não consigo segurar uma risada.

O único que não está rindo é Gray; ele está com o corpo magro recostado contra uma coluna na base da escada.

— Alguém precisa de uma cerveja? — pergunta, erguendo a própria garrafa vazia. Ele a aponta para nós num cumprimento antes de se virar e se afastar

— Esse cara é bizarro pra cacete — comenta Jacob quando ele vai embora, passando um dos braços pesados ao redor dos meus ombros. Observo as costas largas de Gray desaparecerem na multidão.

t

A festa acaba cedo — parece que os pais da Emily Cerato nem sabiam que a filha estava dando uma festa, para começo de conversa, e não ficaram superfelizes quando voltaram para casa depois de jantar e assistir a uma peça no Theater District e encontraram duas dúzias de adolescentes espalhados por seus móveis.

— Como é que a Emily não sabia que eles iam assistir a uma peça de *um ato*? — pergunta Chloe enquanto disparamos pelo gramado em direção ao carro de Jacob, com o cachecol esvoaçando para trás no vento cortante do outono.

— Talvez a gente devesse ter tentado convencê-los de que estavam na casa errada — devolvi.

Isso faz com que ela comece a gargalhar, o que *me* faz gargalhar; quando finalmente conseguimos afivelar nossos cintos de segurança, Jacob parece estar a um passo de deixar nós duas para trás no

acostamento.

— Tenham um pouco de piedade do motorista sóbrio aqui.

— Desculpa, desculpa — respondo, ainda dando risadinhas. Tenho bastante certeza de que ele acha nós duas meio malas quando estamos juntas, mas é legal demais para admitir. — Vamos lá.

Nós três estamos morrendo de fome, então paramos no McDonald's 24 horas para comprar batatas-fritas e milk-shakes antes de deixar Chloe em casa.

— Te vejo no trabalho amanhã? — pergunto, me virando no banco para olhar para ela. Normalmente, nós duas temos o mesmo horário no sábado, mas ela faz que não com a cabeça.

— Estou de folga amanhã — explica ela, tirando o milk-shake da bandeja de papelão e pendurando a bolsa em um dos ombros. — Vou passar o fim de semana na casa da Kyra.

Franzo a testa.

— Jura?

Kyra é a prima um pouco mais nova dela, que mora em Watertown e é superdedicada ao seu grupo de juventude grega ortodoxa. Eu a conheço porque a encontro nas festas de aniversário da Chloe há anos, e ela é legal de um jeito meio careta, mas eu definitivamente não diria que as duas são próximas.

— Por quê?

Ela dá de ombros.

— Meus pais querem que sejamos amigas, acho. Provavelmente esperam que ela me ensine a rezar em grego.

— Nossa — provoco. — Boa sorte, Kyra.

— Pois é, pois é. — Chloe revira os olhos. — Valeu pela carona, Jacob. Vejo vocês na segunda.

Quando ela entra em casa, Jacob se vira para mim, seu rosto familiar iluminado pela luz do painel.

— Você precisa ir para casa agora? — pergunta ele.

Olho para o relógio, hesitando. Para ser sincera, ainda falta pouco mais de uma hora para o meu toque de recolher, mas eu também sei o que ele está perguntando de verdade: se eu quero que ele estacione embaixo das árvores no ponto mais afastado do estacionamento de Bridgewater para a gente se pegar.

— Hum.

— Não precisamos fazer nada que você não queira, obviamente — fala Jacob rapidamente.

— Nossa, valeu. — Faço uma careta.

— Ah, vai. — Jacob franze a testa, chateado. — Você entendeu. Estou tentando não ser, tipo, um babaca que força a barra. Só quis dizer que...

— Não, eu sei.

Balanço a mão para interrompê-lo, um pouco envergonhada. Ele tem razão, na verdade; Jacob nunca me encheu sobre nunca termos transado, mesmo que eu perceba que ele fica um pouquinho desapontado toda vez que estamos quase fazendo alguma coisa mais séria e eu o interrompo. Nem é uma questão de não *querer*, necessariamente. Eu estava falando sério quando disse ao Bex que Jacob é ótimo. Ele é inteligente. Todo mundo vive comentando como ele é engraçado. Ele é o técnico assistente do time mirim de basquete do irmãozinho dele, pelo amor de Deus. E se às vezes eu sinto como se ainda estivesse esperando por algum *signal* louco de reconhecimento, alguma sensação de *Ah, é você* — bem, eu estou no ensino médio, não em uma comédia romântica da Netflix. Não tem por que ser tão menininha sobre essa coisa toda.

Finalmente, eu suspiro, estendendo um dedo e dando uma puxadinha no cinto de segurança sobre o peito do Jacob.

— Vamos lá — falo.

Ele dá um sorrisinho.

TRÊS

No fim de semana seguinte Gracie tem um torneio de xadrez na Harvard Square, então meus pais e eu vamos vê-la jogar. O problema das competições de xadrez é que, mesmo no nível do ensino fundamental — especialmente no nível do ensino fundamental —, as várias partidas são quase mais complicadas do que as etapas de eliminação dos times da NCAA, o que significa que ao longo dos anos eu já passei uma quantidade absurda de tempo sentada em auditórios aleatórios esperando pela vez da minha irmã ganhar de lavada de supostos prodígios de Newton e Andover.

Hoje as disputas estão ainda mais lentas do que o normal; o irmãozinho de alguém está chutando as costas da minha cadeira de tempos em tempos, e o calor seco e artificial está me fazendo bocejar. Gracie está sentada ao meu lado com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás sobre a poltrona vermelha de veludo, ouvindo músicas de Natal. Meu celular vibra com uma mensagem do Jacob; um Bitmoji dele mesmo fazendo snowboarding com a língua para fora igual a um cachorro. Eu o interrompi — mais uma vez — antes que as coisas fossem longe demais na noite da festa da Emily, mas ele não pareceu realmente chateado. Está passando o fim de semana na casa do primo em Vermont, então é possível que esteja empolgado demais sobre “surfar a montanha” — palavras dele, não minhas — para ficar contrariado por não ter tirado minha calcinha.

— Vou atrás de um café e fazer um pouco de dever de casa — sussurro enfim.

Minha mãe assente.

— Não vá para muito longe — instrui ela, tirando uma nota de dez dólares da bolsa e entregando-a para mim. — Envio uma mensagem antes da partida de sua irmã começar.

Acabo me instalando em uma grande Starbucks perto da estação T, as janelas embaçadas pelo frio úmido do lado de fora. Tiro o laptop da mochila e observo os turistas e universitários esperando na fila por seus cafés, os hipsters com suas tatuagens e cabelos com corte dégradé. Às vezes penso que seria legal ser um pouco mais como eles, tentar um cabelo pink neon, um piercing na sobrancelha ou sei lá. Então imagino os olhares curiosos e os comentários sarcásticos que eu sei que receberia se fizesse qualquer coisa desse tipo em Bridgewater, e parece mais seguro simplesmente me misturar.

— Marin?

Ergo o olhar e arquejo de surpresa, quase derrubando meu copo ao ver Bex de calça jeans e moletom de capuz surrado ao lado da minha mesa. Com os óculos e o copo de café, ele parece um universitário que veio passar as férias em casa, com uma bolsa carteiro pendurada no ombro e um laptop embaixo do braço.

— Achei que fosse você — diz ele.

— Ah! — Estabilizo meu copo na mesa e sorrio. — Oi.

— Desculpa, estou te traumatizando? — Ele dá um sorrisinho. — Quando eu estava no primeiro ano do fundamental, vi minha diretora na piscina e acho que nunca me recuperei de verdade. Uma freira de maiô, só para gravar essa imagem no seu cérebro como está gravada no meu.

Ergo as sobrancelhas.

— Freiras têm permissão para usar maiôs?

— Aparentemente, sim. — Bex dá de ombros, então aponta para o meu computador com o queixo. — No que está trabalhando?

Olho de relance para a tela com a vista embaçada, então de volta para ele.

— Minha redação de inscrição para a Brown — admito.

— Jura? — Ele franze a testa. — O prazo está chegando, né? Não combina com você deixar as coisas para última hora assim.

— Na verdade, já está pronta — confesso, estupidamente feliz por ver que ele anda prestando atenção o suficiente para saber o que combina ou não comigo. — Ou melhor, está pronta no sentido de que é uma redação de cinco parágrafos com começo, meio e fim. Mas eu

fico revisando. Quero que fique cem por cento.

— A maldição do perfeccionista — comenta Bex com um sorriso sábio. — Quer que eu dê uma olhada?

Balanço a cabeça.

— Não precisa.

— Não, sério — insiste ele. — Eu quero.

Ele coloca o MacBook surrado dele na mesa.

— Vamos lá, passa pra cá.

— Como assim, agora?

Ele dá de ombros.

— Consegue pensar em um horário melhor?

Ele se senta na cadeira vazia à minha frente e estende os braços para o meu laptop. Fecho minha janela do navegador — acho que ele não precisa saber que eu estava lendo *fanfics* de *Riverdale* para procrastinar — antes de empurrar o laptop para o outro lado da mesa, segurando meu copo vazio com ambas as mãos, sem jeito.

— Bem, eu definitivamente não posso ficar *parada* aqui enquanto você lê a minha redação — declaro depois de uns cinco segundos.

Eu me levanto e entro na fila para pedir outro latte, mas não consigo evitar dar umas olhadas por cima do ombro para Bex, tentando decifrar sua expressão enquanto lê. Seus olhos estão sérios por trás dos óculos casco de tartaruga. O sol da tarde se reflete nos fios dourados do seu cabelo.

Volto para a mesa alguns minutos depois, mordendo o lábio.

— Está fantástica — diz ele antes mesmo de eu me sentar.

Consigo me impedir de colocar as mãos sobre a boca, mas por pouco.

— Sério?

Bex assente.

— Sinceramente, Marin, eu já li um monte de redações desse tipo, e não diria isso se não fosse verdade. Sua escrita é, tipo, supermadura.

— Bem, obrigada. — Baixo os olhos para o copo, tentando não sorrir demais. Ele não é o primeiro professor a me dizer isso, mas parece significar mais vindo dele. — Quer dizer, para ser realista, eu ainda vou ficar mexendo nesse texto até o dia do prazo, mas agradeço mesmo assim.

Bex dá uma risada.

— Eu também sou assim. Como falei: a maldição do perfeccionista

— comenta ele, inclinando a cadeira para trás, como se estivesse em uma sala de aula. — Escuta, não sei se você sabe, mas eu estudei na Brown. Assim como o meu pai... e o pai do meu pai, na verdade. — Ele dá um sorriso meio tímido. — Quando for fazer sua entrevista, procura o Auditório Beckett.

— Ah, nossa — comento, arregalando os olhos enquanto absorvo a informação. Eu já tinha ouvido falar que a família dele tinha dinheiro, mas nunca me dei conta de que era *tanto* assim. — Claro, vou procurar.

— De qualquer maneira, eu gostaria que você soubesse que se quiser que eu dê uma ligada para lá, que eu tente usar um pouco da minha influência, seria um prazer. Não sei se vão cagar para mim, mas não poderia fazer mal, né?

— Obrigada — respondo, assentindo e sorrindo. — Seria incrível.

Bex assente, satisfeito.

— Juro, o prazer é meu. Você merece.

— Então, hum, e você? — pergunto, gesticulando para o laptop com o copo. — No que está trabalhando?

— Ah, céus — diz ele, balançando a cabeça com pesar. — Você não quer saber.

Ergo as sobrancelhas.

— Bom, agora você precisa me contar.

— Meu livro. — Bex se encolhe visivelmente, baixando o rosto em direção das mãos. — Nem acredito que estou dizendo isso em voz alta. Vá em frente, pode rir.

Arregalo os olhos.

— Você está escrevendo um *livro*? Sério? Sobre o quê?

Bex solta um suspiro dramático, voltando a erguer a cabeça para me olhar.

— Estou confiando em você, sabe. Você poderia me arruinar.

— Eu não faria isso.

— Não, eu sei que não.

Ele desloca o peso do corpo, fazendo as pernas da frente da cadeira aterrissarem no chão frio com um ruído, então continua:

— É sobre um cara que quer ser ator de teatro, mas não é muito *bom* nisso, então está trabalhando em um teatro infantil fazendo peças de fantoche sobre a Guerra da Independência dos Estados Unidos e tal. E aí o pai dele morre. — Ele faz uma careta. — Viu, parece idiota quando eu falo em voz alta.

— Não parece idiota — garanto na mesma hora. — Juro, parece bom. É, tipo, autobiográfico, ou...

Bex faz uma expressão enigmática.

— Meu pai está vivo. — É tudo o que diz. — Enfim, eu comecei a escrevê-lo na faculdade, e tenho um rascunho quase finalizado. Só que fico...

— Revisando? — sugiro com uma risada. — A maldição do perfeccionista, certo?

— Exatamente — confirma ele, brindando com o copo de papel.

Espero que ele se mude para uma das mesas vazias, mas em vez disso ele continua onde está enquanto eu bebo meu segundo latte, sentindo a cafeína zumbindo loucamente pelas minhas veias. Conversamos sobre todo tipo de coisa: nossos pedidos da Starbucks — o dele foi um café americano —, o colíe velhinho dos pais dele, uma exibição de arte de protestos que ele viu no museu de arte contemporânea. Volto a ser atingida pela mesma sensação que tive no dia em que ele me deu carona para casa há algumas semanas, de que ele é estranhamente bom de papo para um professor.

Não só para um professor. Para um *cara*.

Sinto um calor subir pelo meu peito por baixo do suéter enquanto observo os baristas atrás do balcão e me pergunto distraidamente se eles acham que Bex e eu estamos num encontro. E, tipo, é óbvio que *eu* não acho que estamos — ele é meu professor e tem, sei lá, trinta anos —, mas durante a conversa consigo me imaginar saindo com alguém como ele. Alguém que se importa com quais novas peças estão sendo ensaiadas em Boston. Alguém que sabe o nome do Presidente da Câmara.

Bebo meu café devagar de propósito, em uma tentativa de manter Bex falando e também porque minhas mãos estão começando a tremer de tanta cafeína. Está começando a escurecer do lado de fora. Sei que provavelmente deveria voltar para o torneio, mas parte de mim sente que eu poderia ficar nessa Starbucks a noite toda. Então o celular de Bex apita no bolso.

— Puta me... — diz ele ao olhar para a tela, olhando de relance para mim antes de terminar o palavrão. — É sério que já passou das quatro? Como isso aconteceu?

Balanço a cabeça.

— Desculpa — digo, por mais que não esteja arrependida. — Eu te distraí. Você não escreveu nada.

Bex dá de ombros.

— Sejam os sinceros — admite ele. — Eu provavelmente não escreveria nada de qualquer maneira. — Então dá um sorrisinho. — Além disso, a conversa valeu a pena.

Ele se levanta e pendura a bolsa carteiro sobre o ombro, erguendo o copo vazio em uma saudação.

— Bom fim de semana — diz com um sorriso tranquilo. — E mande essa redação antes da minha aula na segunda. Está oficialmente encerrada a temporada de revisão.

— Vou mandar — prometo.

Observo as costas de Bex até que ele desapareça na multidão do lado de fora.

QUATRO

Meu pai faz o dobro de canja para o jantar no domingo à noite, então na segunda-feira depois da escola eu vou ao Sunrise Senior Living para deixar um pote para a vovó. Sei que a maioria das pessoas acha que casas de repouso são totalmente bizarras, e acho que elas não estão erradas, mas eu já frequento esse lugar há tanto tempo que o cheiro de desinfetante e as pessoas confusas vagando aleatoriamente não me incomodam tanto assim.

— Quer dizer — observou minha mãe da última vez que nós duas fomos juntas —, dependendo da sua perspectiva, não é tão diferente de uma escola de ensino médio.

Eu me identifico na recepção antes de subir as escadas do átrio e acenar para Camille, a enfermeira supervisora do andar da vovó. Ela está com um jaleco estampado de flores silvestres e um par de Crocs verde-claro. Camille têm jalecos de diferentes estampas e Crocs de todas as cores do arco-íris; a cada vez que a vejo está com uma combinação diferente, misturando e combinando como se fosse uma boneca de papel que fala e anda.

— Oi, Marin — diz ela, inclinando o pacote de biscoitos Trader Joe em formato de gato sobre o balcão em minha direção. — Já enviou suas inscrições para as faculdades?

— Aham — respondo, estendendo a mão para pegar um biscoito. Segui o conselho do Bex e apertei “enviar” no fim de semana, estupidamente encorajada pelo discurso inspirador dele. — Já mandei tudo.

— E vai me trazer uma camiseta quando entrar na Brown, certo?

— Uma camiseta, uma flâmula — prometo. — Uma daquelas mantas gigantes usadas em jogos de futebol, talvez.

— Veja bem, você está fazendo piada, mas eu vou cobrar. — Camille dá um sorrisinho. — Pode entrar, querida.

A porta da vovó está sendo mantida entreaberta por um peso de porta no formato de um Boston terrier, mas eu bato de leve para alertá-la antes de entrar.

— Oi, vó.

Quando ela se mudou para Sunrise, na época em que eu estava no ensino fundamental, a vovó ainda tinha mais dias bons do que ruins; plantava mudinhas de rosa nos fundos do prédio e organizava torneios de pinocle na sala de recreação. Agora está meio que cinquenta-cinquenta; ela sempre se lembra de mim, mas, segundo a minha mãe e Camille, é melhor não a assustar.

— Aí está ela! — exclama vovó com um sorriso, deixando o livro (um calhamaço de suspense, ligeiramente assustador) na mesa de cabeceira. Vovó é integrante do Book of the Month Club desde os anos 1970, e todo mundo diz que herdei meus genes de leitora voraz dela. — Vem, pode entrar.

Eu me abaixo para abraçar seus ombros estreitos, com cuidado. Vovó sempre foi magra, mas nos últimos anos ficou frágil de verdade. Diz que é porque não gosta da comida do Sunrise, então muitas vezes mamãe, Gracie e eu cozinhamos algumas de suas antigas receitas — frango à parmegiana, macarrão ao forno, suas famosas almôndegas — e trazemos para ela. Ainda assim, acho que ela pesa menos de cinquenta quilos. Eu me lembro dela me levantando acima das ondas quando eu era pequena na praia de Cape Cod, de como seus ombros eram fortes e bronzeados. Hoje em dia ela parece um passarinho nos meus braços.

— Senta aqui — diz, gesticulando para o lugar na frente dela, uma poltrona espaçosa da sua antiga casa em Brockton. O quarto em que vive no Sunrise é uma suíte com uma área de estar, uma cama recuada e um banheiro privado que ela equipou com sabonetes luxuosos da Williams-Sonoma e uma cortina com estampa artística de abacaxis. — Me conta sobre o seu dia.

— Foi tudo bem — falo, guardando a sopa no frigobar e pendurando a mochila no cabideiro. — Nada de mais.

— Nada de mais! — Vovó ergue as sobrancelhas, que ela preenche

toda manhã com um lápis marrom-escuro da Revlon. Então ela se levanta em direção à minúscula cozinha do lado oposto da sala de estar e tirar uma jarra de chá gelado do frigobar. — Quanta eloquência.

— Desculpa, desculpa. — Dou um sorriso culpado. — Acho que foi meio difícil voltar para a escola depois do fim de semana, só isso.

Vovó assente.

— Sabe, as pessoas sempre dizem que o ensino médio é a melhor época da vida — diz ela, me servindo um copo sem se dar ao trabalho de me perguntar se quero ou não. — Mas isso é besteira. Quando for para a faculdade é que vai descobrir todo o mundo que existe lá fora. Vai ver só.

— Eu acabei de agendar minha entrevista na Brown, na verdade — conto, tomando um gole do chá gelado. — Então, com alguma sorte, você estará certa.

— Viu só? — Vovó abre um sorriso radiante. — Pronto.

Ela mesma foi para Brown; ou para Pembroke, na teoria, que era como a faculdade para mulheres era chamada antes da universidade passar a ser mista, nos anos 1970. Ela me levou de acompanhante no seu reencontro de cinquenta anos um tempo atrás, e foi quando eu decidi que queria estudar lá. Ainda me lembro do seu olhar quando contei isso para ela, da maneira como o rosto todo dela pareceu se iluminar.

Agora ela estende a mão livre e prende meu cabelo atrás da orelha.

— Você é sempre tão boazinha, minha Marin — diz ela. — Mas não precisa ser sempre assim. Deus sabe que eu não fui.

— Ah, não? — pergunto, incapaz de esconder um sorriso.

— Não ria — fala vovó. — É sério.

— Eu acredito — declaro, por mais que não acredite de verdade. Com todo seu estilo e sofisticação, vovó é uma das pessoas mais certinhas que eu já conheci: casou com meu avô aos 22 anos, criou minha mãe e meus tios enquanto trabalhava meio período como tesoureira para uma empresa de colchões em ponta de estoque e organizava reuniões da Tupperware nos fins de semana. Literalmente nunca a vi sem batom; ela usa o mesmo tom da Clinique pelo menos desde os anos 1980. — Quero ouvir mais sobre esse passado selvagem e rebelde, vó.

— Ah — diz ela, balançando a mão.

Seu esmalte claro reflete na luz que entra pela janela.

— Ah — repete ela, e sei que sua mente está vagando. O mais surpreendente sobre a doença da vovó é como ela se torna evidente depressa, como se minha avó tivesse saído do quarto mesmo que ainda esteja sentada bem aqui.

— Quer ver se está passando Ina? — pergunto antes que ela se agite, pegando o controle remoto na mesa de centro e ligando a TV no canal de culinária.

Minha vó é obcecada por *Barefoot Contessa*; minha mãe ainda compra todos os livros de receita no dia no lançamento para ela, mesmo que só tenha um micro-ondas e uma chaleira elétrica na suíte. Ainda assim, algumas vezes nós viemos visitá-la em uma ocasião especial e descobrimos que ela fez castanhas caramelizadas ou um drinque sofisticado. Suspeito que Camille tenha alguma influência nisso.

— O programa dela só começa às quatro — informa minha avó, franzindo a testa. Sua voz assumiu um tom diferente, mais agudo e um pouco rabugento. — E eu não gosto dessa outra mulher com toda essa carne.

Ainda assim, ela se acomoda para assistir, com os dedos ossudos ao redor do copo de chá gelado. Reclino a cabeça contra o encosto da poltrona.

t

Minha mãe está preparando frango empanado para o jantar quando chego em casa depois da visita, a cozinha morna e aconchegante mesmo enquanto o início do crepúsculo se pressiona contra as janelas acima da pia. O ar está denso com os aromas familiares de manteiga e alho.

— Como foi o xadrez? — pergunto a Gracie, arrancando uma uva da tigela na bancada e jogando na boca.

— Bom — diz ela, dando de ombros. Ela está sentada à ilha, reconectando o celular da mamãe à caixa de som Bluetooth que o papai deu para ela no último Dia das Mães; não importa quantas vezes Gracie faça isso, minha mãe sempre insiste que não funciona. — Ganhei a minha partida.

— Ela acabou com aquele esnobezinho com cara de peixe do Owen Turner — conta animadamente minha mãe, que nunca permitiu que a

idade de ninguém a impedisse de declará-lo um inimigo mortal.

Dou uma risada, estendendo a mão e puxando a ponta do rabo de cavalo da Gracie.

— Mandou bem.

— Valeu — responde ela, assentindo com satisfação enquanto a caixa de som finalmente conecta e a ópera italiana que minha mãe ama enche a cozinha. — Ele falou que teria que morar num vilarejo remoto da Sibéria para o resto da vida para se redimir de ter perdido para uma garota.

— Bem, Owen Turner cara-de-peixe pode ficar à vontade para arrumar as malas e fazer esse favor a todos nós — comento alegremente.

— Foi o que eu disse! — exclama minha mãe.

Ela dá um beijo na minha testa ao tirar um pote de molho de tomate do congelador e colocá-lo no micro-ondas.

— Como estava a vovó? — pergunta depois de apertar o botão de ligar. Ela usa uma voz cuidadosamente casual, mas não consegue disfarçar o tremor de preocupação no rosto.

— Está bem — digo, deixando de fora aquele momento estranho em que ela pareceu perder o fio da meada. Afinal, não é como se alguém pudesse fazer qualquer coisa para ajudar, e não faz sentido preocupar a minha mãe sem motivo. Abro a porta da geladeira e balanço um saco de alface na direção dela. — Quer que eu faça uma salada?

Minha mãe me olha por mais um momento, com os olhos ligeiramente cerrados. Às vezes eu acho que ela é leitora de mentes quando se trata das minhas mentiras.

— Claro — responde ela enfim. — Uma salada seria ótimo.

CINCO

Chloe quer adiantar suas compras de Natal, então pegamos a linha T para a cidade na quinta-feira depois da escola para dar uma olhada nas lojinhas da Newbury Street. Está parecendo fim de ano de verdade agora, com os postes antiquados enfeitados com guirlandas e todas as janelas das lojas adornadas com luzinhas piscantes e neve falsa. O céu crepuscular está de um tom azul arroxado.

— Você sabia que Bex está escrevendo um livro? — pergunto enquanto vagamos pela enorme Urban Outfitters, vasculhando araras de suéteres felpudos e velas perfumadas. Pego um par gigante de óculos escuros de plástico branco com lentes em formato de coração e fico andando pela loja com ele no rosto por um tempo, fazendo caretas bobas em cada espelho por que passamos.

Chloe me olha por cima de uma exposição de livros de arte.

— Como *você* sabe disso? — pergunta ela.

Ergo as sobrancelhas.

— Então você já sabia?

— Não — diz ela, deixando um diário do tipo uma-pergunta-por-dia que vinha considerando comprar e se virando para uma prateleira de batons orgânicos. — Quando ele te contou isso?

— Eu o vi na Starbucks da Harvard Square no fim de semana — digo, ciente de que pareço estar me gabando um pouco, e tem uma pequena chance de que eu esteja mesmo. — Acabamos sentando juntos e conversando por, tipo, duas horas.

Chloe parece surpresa.

— Sério? — pergunta ela. — Sobre o que vocês conversaram por duas horas?

Pelo seu tom de voz, não sei dizer quem ela acha que teria tornado a conversa desinteressante, eu ou Bex.

— Tipo, sei lá — respondo, subitamente desejando não ter contado a ela. — Coisas aleatórias, acho. O livro dele, por exemplo.

Eu a atualizo sobre a trama, que realmente parece um tiquinho ridícula quando explicada por mim.

— Ele conta melhor do que eu — asseguro, por fim, devolvendo os óculos à prateleira.

Espero que ela ria, ou pelo menos fique superinteressada, como ficou em setembro, quando passamos toda a duração de uma maratona de Harry Potter na TV a cabo tentando descobrir se ele tinha um Instagram secreto, mas Chloe só dá de ombros, enrola o cachecol no pescoço e aponta com o queixo para a saída.

— Vem — diz ela —, vamos embora. Não tem nada que eu queira aqui.

— Ok.

Eu a sigo em direção à calçada movimentada da hora do rush; ficou totalmente escuro enquanto estávamos na loja, com uma brisa gélida e cortante no ar.

— Para quem você quer comprar um presente, aliás? — pergunto, enfiando as mãos nos bolsos para esquentá-las.

— Ninguém — responde ela, e acelera na minha frente para dentro da multidão.

t

Chloe continua com um humor estranho enquanto vamos à livraria hipster e à cafeteria chique, mas se anima quando passeamos pelo grande shopping da Boylston Street, onde seus óculos se embaçam com o súbito calor. Ela me leva para a escada rolante e, depois, direto para dentro da Sephora, com a expressão ligeiramente contemplativa enquanto passeia pelas fileiras de rímel e blush, segurando meu pulso e borrifando amostras de perfumes até eu tossir.

— Muito obrigada — digo, fungando na nuvem ligeiramente sufocante de baunilha e jasmim.

— De nada — responde ela em tom meigo, respirando fundo e

devolvendo o frasco à prateleira. A Sephora é o lugar feliz da Chloe.
— Vem, preciso de batons novos.

— Falando em batons — comento, seguindo-a pelos corredores cheios —, você e Dean parecem bem próximos ultimamente.

— Como é que é? — Ela para de repente ao lado de uma pilha de paletas de sombras metálicas, franzindo o rosto como se eu tivesse enlouquecido. — *Dean e eu?*

— O que foi? — pergunto, meio incomodada com seu tom; afinal, não é como se eu tivesse tirado a ideia do nada. Ele estava literalmente rondando o armário dela hoje de manhã, vestido com um casaco de moletom contra-as-condutas-de-vestimenta e devorando um pacote tamanho família de nozes com M&M. — Qual é o problema com Dean?

— Quer dizer, não tem nenhum *problema* com ele — admite Chloe, dando de ombros dentro do casaco preto fofo e se virando para um display da M.A.C. — E é verdade, acho que ele vem me rondando ou sei lá o que desde o baile das boas-vindas.

— Tudo bem — respondo. — E aí?

— E aí nada. — Chloe se volta para os batons.

— É por causa do Frank com a Bandana da Padaria? — provoco. Chloe terminou com Frank com a Bandana da Padaria no verão passado; o que, pensando bem, faz com que esse seja o período mais longo que ela já ficou sem namorado desde que nos conhecemos. — Quer dizer, é claro que ele sempre teve *um pouco* de cheiro de salame, mas não estou julgando. O coração quer o que quer, blá-blá-blá.

— Ai, meu Deus, não tinha nada! — Chloe me dá um tapa no ombro, mas está rindo, o que era o meu objetivo. — E não, obrigada, isso não é sobre Frank com a Bandana da Padaria. Não sei. Eu só meio que sinto que estou cansada de garotos do ensino médio, só isso.

— Ah, é? — retruco com uma risada sarcástica. — Vai começar a frequentar o estacionamento do Saint Xavier, talvez pegar um ou outro garoto do sexto ano?

— Caramba, você está impossível. — Chloe faz uma careta. — Só estou dizendo que vamos entrar na faculdade daqui a pouco, então...

Ela se interrompe, tirando um bastão de batom líquido da prateleira e segurando contra a luz.

— Não sei — continua ela. — Tipo, você acha que você e Jacob vão continuar juntos?

— Eu... — Não tinha realmente pensado sobre esse assunto, mas

parece zoadado dizer isso em voz alta, mesmo para Chloe. — Acho que depende de onde vamos acabar estudando.

Eu me esquivo, examinando um tubo de corretivo em vez de olhar diretamente para ela.

— Você quer dizer que depende do quão perto ele vai estar da Brown? — pergunta ela com um sorrisinho.

— Nem fala isso! — Faço uma careta. — A gente não sabe se eu vou passar para a Brown.

— *Eu* sei que você vai passar para a Brown — declara Chloe, então ergue dois batons vermelhos. — Qual?

Estreito os olhos.

— Eles... são cem por cento idênticos.

Chloe bufa.

— Não são nada! — reclama. — Affe, eles têm subtons totalmente diferentes. Você é inútil, sabia?

Levanto as mãos num gesto de *Fazer o quê?*.

— Você me ama.

— Amo — admite ela, entrelaçando o braço no meu e me puxando na direção do caixa. — Vamos. Vou levar os dois.

SEIS

Estou a caminho do meu armário depois da última aula de sexta-feira quando passo pela sala do jornal e vejo Bex relaxando de pernas cruzadas no sofá.

— Oi — digo, dando uma batidinha leve na porta aberta.

Bex não tem uma sala particular, mas muitas vezes se esconde aqui quando tem provas para corrigir e não quer lidar com a sala dos professores.

— Oi — responde se levantando com esforço. Está usando calça cáqui e uma camisa de flanela xadrez azul com as mangas dobradas até o cotovelo, os óculos ligeiramente caídos. — Está indo embora?

— Quase. — Puxo o rabo de cavalo sobre um dos ombros. — Apesar de que, na verdade, se você tiver um minuto, será que eu posso pedir sua opinião sobre um texto rapidinho?

Bex assente, gesticulando para a outra extremidade do sofá antes de puxar uma carteira para apoiar os pés.

— Com certeza.

— Valeu — digo, tirando minha agenda da mochila. — Ok, então eu estava pensando...

Paro de repente quando ele solta um bocejo gigante, fechando os olhos escuros com força e deixando aparecer um vislumbre rosa da língua.

— Desculpa — falo com uma risada, meio constrangida. — Estou interrompendo sua soneca?

— Não, não, não, desculpa. — Bex balança a cabeça, tira os óculos

e esfrega o rosto antes de recolocá-los. — Eu só não ando dormindo muito.

— Oh-oh — respondo, sentindo um arrepiozinho pelo corpo. A palavra *dormindo* me parece estranhamente íntima vinda dele, como se sua mera menção abrisse alguma porta invisível para pensar em... todo o resto que as pessoas fazem em camas. — Muitos trabalhos empolgantes para corrigir?

— É claro — responde Bex com um risinho pesaroso. — Não, hum, honestamente? Minha ex e eu estamos tentando voltar, e tem sido... — Ele faz um gesto tímido no ar. — É. Só tem sido.

Fico sem reação.

— Ah. — Mantenho a voz neutra, como se professores conversassem comigo sobre seus relacionamentos românticos o tempo todo e ele fosse o quarto ou quinto da semana. Eu realmente não quero pensar no que voltar com a namorada tem a ver com não dormir; ou, para ser mais sincera, talvez eu queira, mesmo que isso seja passar do limite totalmente.

— Enfim — continua Bex, torcendo a boca —, a gente terminou de vez ontem à noite. O que explica... — Ele gesticula para si mesmo. — O cadáver dissecado diante de você hoje.

Sorriso.

— Que droga.

Ele dá de ombros.

— É melhor assim — admite ele. — A parada da Lily é só que ela é muito... — Ele se interrompe. — Desculpa. Isso é literalmente a última coisa de que eu deveria estar falando neste momento.

— Não, não — respondo, cheia de curiosidade. Não consigo evitar. Sento sobre uma das pernas. — Não tem problema.

— Quer dizer, provavelmente tem — argumenta Bex, balançando a cabeça. — Não me ajuda nada a ganhar pontos como figura de autoridade, isso é um fato. Mas não sei, é que você parece, tipo... *mais velha* que as outras garotas do seu ano. Alguém já te disse isso?

Na verdade, não; penso em como brinquei de Littlest Pet Shop secretamente até Chloe me pegar no flagra no meio do sétimo ano.

— Pareço?

— Aham — responde Bex, sem hesitar. — Sinceramente? Eu já dei aula para muitos adolescentes. E gosto de adolescentes, não me leve a mal. Mas às vezes ouço os papos de Emily Cerato com as amigas durante a minha aula e penso... Marin não é assim. É como se você

tivesse uma alma antiga ou algo do tipo.

Uma sensação agradável desabrocha dentro do meu peito, grande e súbita.

— Bem — digo, abaixando a cabeça e sorrindo para a minha agenda. — Valeu.

Quando volto a erguer a cabeça, Bex está sorrindo para mim.

Ficamos lá por quase uma hora, ele corrigindo trabalhos e eu resolvendo algumas equações da aula de cálculo que só preciso entregar no meio da semana que vem. Já passa das 16 horas quando Bex finalmente se levanta e espreguiça, fazendo a camisa sair um pouco de dentro da calça e mostrando um pouco da pele do quadril.

— Muito bem — fala ele, abafando outro bocejo com um sorriso culpado. — Hora de dar o fora, Lospato. Precisa de uma carona?

— Ah! — É a primeira vez que ele oferece desde aquele dia, há algumas semanas, quando me pediu para não contar a ninguém. E eu não contei a ninguém, nem mesmo a Chloe, e talvez uma parte de mim andasse prendendo o fôlego à espera de que ele oferecesse de novo. — Na verdade, seria ótimo. Valeu.

Bex assente, e eu pego minhas coisas antes de segui-lo pela porta lateral em direção ao estacionamento quase vazio, onde ambos estreitamos os olhos para a luz branca. A previsão do tempo não para de ameaçar neve.

— Droga — diz Bex ao tirar as chaves da bolsa carteiro, dando um leve tapa no capô do Jeep. — Sabe o que eu esqueci de trazer para você *de novo*?

— Oh-oh — respondo com uma risada. — Deixa eu adivinhar.

— Não sei o que tem de errado comigo — murmura ele, afivelando o cinto de segurança e aumentando o aquecimento. — Quer dizer, falta de sono, pra começar, mas aquele maldito livro está parado no meu aparador desde o Halloween, e literalmente toda manhã eu penso: *Não se esqueça de levá-lo pra Marin*. E toda manhã saio de casa sem ele.

— Talvez você devesse usar um Post-it — implico.

— Se eu achasse que Post-its fossem o suficiente para resolver a minha vida, eu literalmente compraria um estoque — retruca Bex com uma careta.

Então ele parece ter uma ideia.

— Na verdade — continua ele ao dirigir para fora do estacionamento —, você está com pressa para chegar em casa?

Podemos pegá-lo no caminho.

Fico surpresa.

— Não precisa — digo com cuidado. Por um lado, não é como se eu não estivesse curiosa para saber onde ele mora (eu estou *super* curiosa, na verdade), mas por outro, eu não quero ser um pé no saco. — Você pode só levar pra mim na segunda, não?

Ele para em um sinal e me encara com um olhar de dúvida.

— Segunda, possivelmente semana que vem. Ou ano que vem. Talvez no seguinte.

— Tudo bem, já entendi — digo com uma risada. — Vamos lá.

Bex vive em uma casa vitoriana romanticamente dilapidada que foi dividida em três ou quatro apartamentos. Ao parar no meio-fio, ele gesticula com a cabeça na direção da porta.

— Vem comigo — convida ele, desligando o carro. — Está congelando aqui fora.

— Ah! — Eu estava totalmente convencida de que ia esperar no carro, espiando as janelas descombinadas para tentar descobrir qual era a dele; pensar em de fato ver o interior do apartamento faz o meu coração dar saltos mortais dentro do peito. Uma parte de mim quer mandar uma mensagem para Chloe neste segundo. Outra parte jamais contará a ela. — Hum, tá bom.

O corredor dentro da casa é quente demais e violentamente coberto de papéis de parede com rosas de cem pétalas estampadas em cor-de-rosa e fúcsia agressivos. Um candelabro empoeirado lança uma luz fraca e dramática sobre o rosto dele.

— Tome cuidado — diz ele enquanto eu o sigo pelas escadas, apontando com a cabeça para um local onde o carpete marrom está descosturado. — Minha mãe nem vem mais me visitar. Acha que vai quebrar a perna ou sofrer envenenamento por chumbo pela tinta velha da parede ou algo do tipo. Ela me manda propagandas desses prédios novos com cara de dormitório todo santo dia.

— Poxa — comento. Uma imagem dos pais de Bex começa a se formar em minha mente: severos e praticamente sem humor, o tipo clássico de branco protestante da Nova Inglaterra sobre os quais lemos em *A crônica dos Wapshot* no começo do ano. Sinto que ele deve se sentir solitário em uma família assim — Eu achei o lugar ótimo.

Como prometido, o livro de Franzen está no aparador da antessala minúscula. Ele o entrega para mim, e eu o guardo na mochila, mas em vez de me levar de volta para a calçada como espero, ele pendura a

bolsa carteiro em um cabideiro oscilante e tira o casaco.

— Está com fome? — pergunta, colocando uma das mãos no meu ombro por um brevíssimo momento antes de seguir para a cozinha estreita. — Só vou pegar uma coisa para beber antes de irmos.

Balanço a cabeça.

— Estou bem — afirmo, soltando um suspiro curto ao ouvi-lo abrir a geladeira.

Não quero que ele me pegue encarando, mas não consigo parar de olhar ao redor, querendo guardar tudo na memória: o sofá surrado e a escrivaninha antiga lotada de papéis, prateleiras e mais prateleiras de livros. Ele tem arte de verdade nas paredes — pinturas verdadeiras de artistas verdadeiros, nada parecidas com as telas com palavras como *Viva Ria Ame* escritas em letras rebuscadas que minha mãe sempre compra no HomeGoods e pendura em todas as superfícies disponíveis. Tem uma adega cheia de vinhos ao lado de um toca-discos perto da janela.

Avanço mais para dentro da sala de estar, tiro um álbum da pilha e o viro para ver: *Nina Simone Sings the Blues*. A capa está com as beiradas ligeiramente amassadas pelo manuseio. Não sei nada sobre ela, mas faço uma nota mental para pesquisá-la no Google a fim de poder mencioná-la na conversa em uma próxima ocasião.

— O que você está olhando aí? — pergunta Bex, entrando na sala e espiando por cima do meu ombro com uma garrafa de água com gás aromatizada em uma das mãos. A casa inteira tem o cheiro dele, café e alguma coisa que pode ser incenso; tem mais livros empilhados sobre a lareira e um cesto de revistas *New Yorker* transbordando onde deveria estar o fogo.

Ergo o disco, me virando para encará-lo.

— Você realmente escuta isso? — pergunto.

Bex dá um sorrisinho presunçoso.

— Claro, espertinha — responde ele. — A qualidade do som é bem melhor do que do Spotify ou seja lá o quê.

— Isso é verdade mesmo? — pergunto. — Ou é só, tipo, o que dizem na Urban Outfitters para te fazer gastar mais dinheiro?

Bex arregala os olhos.

— Eu não compro meus discos na porra da Urban Outfitters — diz ele com uma risada, estendendo a mão e tirando o álbum delicadamente da minha mão.

— Ah, não? — pergunto, empolgada e um tiquinho horrorizada

com o linguajar dele.

Bex dá um sorriso, mostrando um vislumbre dos dentes perfeitamente alinhados.

— Não — responde ele, entrelaçando os dedos nos meus e me puxando um passo mais perto. — Eu os compro em uma loja de discos, como qualquer pessoa com um grama de respeito próprio.

Faço um barulho baixinho, não exatamente uma risada, assustada com o contato, o movimento e a súbita suspeita de que algo ruim está prestes a acontecer. Ele estende a mão e afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

Não tenho tempo para registrar nada disso, no entanto, porque é nesse momento que Bex coloca a mão livre na minha bochecha, abaixa a cabeça e me beija.

Meu cérebro para por um segundo, luzes piscando durante uma tempestade. É como se a boca dele estivesse pressionada contra a de outra pessoa, não a minha. Fico paralisada e deixo que ele me beije por um momento, até que sinto a mão dele descer do meu rosto em direção ao meu peito. De repente, todas as reações de pânico do meu corpo despertam com um grito.

— Hum — exclamo, me afastando e dando um passo instintivo para trás. Meu pescoço parece pegar fogo. Minha pele encolheu dois tamanhos. — O que você está fazendo?

— Calma — diz Bex imediatamente, erguendo as mãos em um gesto de rendição, com um meio sorriso no rosto. — Achei que você... — Ele se interrompe, limpa a garganta. — Calma.

— Hum — repito, dando outro passo na direção da porta. Lembro-me da minha mãe me contando sobre as vezes em que ela ia a bares pé sujo quando tinha vinte e poucos anos, e como no fim da noite o *bartender* subitamente desligava a música e ligava todas as luzes ao mesmo tempo, encerrando abruptamente a diversão e revelando o mundo em detalhes gritantes. — Não, eu só... É melhor eu ir.

— Ah! É, claro — fala Bex. Ele apalpa os bolsos, agitado. — Deixa só eu pegar minhas chaves e eu posso...

— Quer saber? — Balanço a cabeça. — Não é muito longe daqui. Posso ir andando sem problemas.

Bex franze a testa.

— Marin — chama ele. — Ei. Será que a gente pode só conversar um...

— Tudo bem — respondo, com a voz aguda e talvez um pouco

histórica. — Tá tudo super de boa, juro. — Gesticulo na direção da porta. — É melhor. Hum. Bom fim de semana!

Disparo pela escada estreita e ando até chegar em casa, mesmo que o tempo esteja congelante; minhas mãos estão apertadas dentro dos bolsos e um vento frio se infiltra pelo meu casaco. Quando entro, minha mãe está na cozinha separando ingredientes para fazer um bolo de especiarias para a minha avó e Gracie joga xadrez no laptop na mesa da cozinha.

— Oie — diz ela, colocando o saco de farinha no balcão. — Eu estava me perguntando onde você estava. — Ela me olha por um momento, estreitando os olhos como se pudesse ver o sangue fluindo sob a minha pele. — O que houve?

Hesito por momento, olhando da minha mãe para a minha irmã. Não faço ideia do que dizer. Sinceramente, sempre houve uma minúscula parte de mim que se perguntava se talvez algumas das coisas que Bex dizia não eram totalmente transparentes, se um professor tão descontraído e engraçado — e, beleza, gato — não era bom demais para ser verdade. Se, às vezes, sua atenção não parecia... diferente. Mas aceitei a carona mesmo assim, não aceitei? Fiquei com ele na sala do jornal.

Concordei em ir à casa dele.

Quer dizer, o que eu *pensei* que ia acontecer?

— Nada — respondo, agarrando as alças da mochila, dando meia-volta e subindo as escadas.

Fecho a porta do quarto ao entrar, tiro o celular do bolso e rolo a tela até o nome da Chloe antes de perceber que não faço ideia do que dizer à minha amiga. Meu Deus, provavelmente nem tenho *nada* para falar. É quase certo que estou exagerando. Talvez nem seja nada de mais. Afinal, não é como se algum pervertido nojento tivesse se forçado para cima de mim num beco escuro e deserto. É o Bex.

É o Bex.

E ele *me beijou*.

E talvez eu quisesse que ele me beijasse, de certa forma? Exceto que eu não queria.

Ainda estou segurando o celular feito uma arma quando ele vibra de repente, me assustando tanto que eu o solto, e observo enquanto ele desliza no tapete como se tivesse vida própria. Eu me abaixo e pego o aparelho, então o deixo cair *de novo* antes de finalmente segurá-lo direito, vendo o nome de Jacob na tela acesa. Tínhamos

combinado de encontrar um monte de gente no Applebee's hoje à noite, lembro ao apertar o botão para atender. Combinei de sair com os nossos amigos.

— Ei, oi — falo com esforço, torcendo para que o tom falso e agudo da minha voz esteja apenas na minha imaginação. — Como foi o seu treino?

— Incrível — diz Jacob alegremente, então começa a contar uma história longa e complexa sobre como Joey e Ahmed brigaram para saber de quem eram as meias que estavam empestecendo o vestiário por uns bons cinco minutos.

Ele está ligando do carro, o som alto do rádio audível no fundo.

— E você, hein, amor? — pergunta ele finalmente. — O que está aprontando?

— Hum — enrolo, fazendo um milhão de cálculos infinitesimais em um espaço de dois segundos. Consigo imaginá-lo com tanta clareza, sua mão pendurada sem preocupação sobre o volante e tudo na sua vida exatamente igual a duas horas atrás. — Nada de mais. Só passando tempo.

— Tem certeza? — pergunta Jacob. — Você está com uma voz estranha.

— Estou? — Não sei o que a minha surpresa por ele ter percebido significa. — Acho que é só cansaço.

Não consigo decidir se estou torcendo para ele insistir ou não, mas Jacob só murmura uma concordância, como de costume.

— Tira uma soneca — sugere ele, animado. — Vou para casa tomar um banho, então te busco para o jantar, ok?

Lanço um olhar pelo quarto, vislumbrando meu reflexo no espelho de corpo inteiro atrás da porta; minha trança e meu uniforme, a expressão ligeiramente selvagem no meu rosto.

— Claro — respondo, desviando o olhar. — Parece ótimo.

SETE

— Então — digo para Chloe na noite seguinte, estendendo a mão para o saco de Doritos que ela está segurando. Ela veio para a minha casa depois do nosso turno do almoço no restaurante dos pais dela, e nós duas estamos esparramadas no chão do meu quarto. — Posso te contar uma coisa estranha que aconteceu?

Chloe dá uma mordida delicada em uma das pontas do salgadinho triangular.

— Literalmente sempre.

— Não, eu sei — respondo, vasculhando o interior do saco de Doritos até pegar uma grande porção. — Mas isso é realmente estranho, não estranho tipo “Jacob assistindo àqueles vídeos de espinhas sendo espremidas”.

— Ah, não sei — comenta Chloe, pensativa. — Eu acho esses vídeos meio relaxantes.

— Ai, meu Deus! — Deixo os salgadinhos caírem de volta no saco.

— Credo, vocês são tão nojentos.

— Mas eles são relaxantes! — Chloe dá um sorrisinho. — Ok, ok, vai, me conta a coisa estranha.

Assinto, respirando fundo e dizendo a mim mesma que não há motivo para ficar nervosa; é só Chloe, afinal.

— Então — digo de novo. — Bex me ofereceu uma carona pra casa depois da escola ontem.

Chloe arregala os olhos.

— *Sério?*

— Aham — confirmo —, mas essa não é a parte estranha. Ou

melhor, acho que isso faz parte da estranheza, agora que estou dizendo em voz alta, mas...

Recosto a cabeça na beira da cama e conto o resto da história, concluindo com o beijo.

— Eu fui embora correndo depois disso, obviamente. Mas agora não sei, tipo, o que fazer.

Chloe fica em silêncio por um momento. Quando olho, ela está quebrando uma *tortilla* em centenas de pedacinhos e arrumando-a no colo como se fosse um mosaico.

— Tem certeza? — pergunta ela enfim.

Franzo a testa.

— Como assim, tem certeza? Sobre o que aconteceu? Sim, tenho certeza, eu estava lá.

— Não, eu sei, só quero dizer... — Ela para. — Tipo, tem certeza de que ele realmente estava tentando... Sei lá, você não esbarrou nele ou algo assim?

— Sim, tenho certeza — retruco rispidamente, por mais que de repente haja uma minúscula parte de mim que não está tão certa assim. Eu me sento com as costas mais retas. — Você acha que estou inventando?

— Claro que não — diz Chloe, catando as migalhas do colo e jogando-as na lixeira embaixo da minha escrivaninha.

— É mesmo? — pergunto. — Porque parece que talvez...

— Marin! — Chloe dá uma risadinha. — Qual é. Ei, sou eu. Não é isso o que eu acho.

— Mas? — incito.

— Sem “mas”! — promete ela. — Que horrível, se ele fez isso. Totalmente nojento. Teve, tipo... — Ela se interrompe.

— Teve o quê?

— Quer dizer, o que aconteceu exatamente? — pergunta ela, puxando os joelhos para o peito e os abraçando. — Tipo, foi só um beijo de vó? Teve língua? O quê?

Penso na mão dele no meu rosto, deslizando para baixo. Parece que, de alguma maneira, não estou explicando direito.

— Não — admito enfim. — Sem língua.

— Ok — comenta Chloe, parecendo aliviada. — Bom, pelo menos isso.

— Acho que sim. — Suspiro. — Desculpa, eu só... É.

Dou um giro no tapete e me deito de costas no chão.

— Você acha que eu deveria contar para alguém? — pergunto olhando para o teto.

— Você acabou de me contar.

— Não, tipo, DioGuardi ou alguém? Quer dizer, eu nem contei aos meus pais.

— Como assim — pergunta Chloe —, para, sei lá, tentar arrumar problema para ele?

— Eu não estou tentando arrumar problema para ninguém — digo, erguendo o corpo sobre os cotovelos.

— Não, claro que não — diz ela depressa. — Eu não me expressei direito. Acho que só... É óbvio que acredito no que você contou, mas tem certeza de que ele não... se confundiu sobre a sua vibe, ou sei lá?

Fico surpresa.

— Minha *vibe*?

— Você entendeu! — exclama Chloe, defensiva. — Ou talvez *you* tenha se confundido? É claro que eu não estou dizendo que é o caso, só estou tentando entender...

— Eu não estou confusa. — Credo, essa conversa não está sendo nem um pouco como eu imaginei. Respiro fundo, tento me recompor. — Foi um comportamento estranho, ok? Fala sério, para um professor? Foi inapropriado.

— Sim, é claro. Sem a menor dúvida — afirma Chloe, mesmo que esteja dando de ombros de uma maneira descomprometida. — Mas também meio que parece que você talvez esteja surtando em um nível desproporcional, sabe? Eu não estava lá, óbvio, mas quantas vezes a gente já conversou sobre como ele é gato, ou sei lá? Talvez ele só estivesse fazendo o que achou que você quisesse, ou tentando não deixar a situação esquisita, ou...

— É sério? — interrompo. — Como me *beijar* torna a situação menos esquisita?

— Não sei! Só estou tentando entender, só isso. E se você sentir que precisa, tipo, falar com as autoridades ou sei lá, eu não vou dizer para não falar.

— Mas *you* nãoalaria — retruco, voltando a desabar no tapete.

— Bom, não — responde Chloe baixinho. — Eu não tentaria arruinar a vida inteira de alguém por uma coisa que eu sequer tenho certeza de que interpretei certo.

— Meu objetivo não é arruinar a vida de ninguém!

— Claro que não. Mas é o que aconteceria, certo? — Ela dá de

ombros de novo. — Se você contar para DioGuardi, ele vai demiti-lo ou sei lá o quê, então ele não vai conseguir outro emprego porque vai ter esse negócio marcado no histórico profissional dele, algo que talvez nem tenha sido... — Ela se interrompe, estendendo a mão e equilibrando uma *tortilla* no meu joelho. — Não sei. É o Bex, Marin. Ele é literalmente seu professor preferido.

E o meu também, consigo escutá-la adicionar na cabeça. E de todo mundo.

— Não é como se a gente tivesse uma relação totalmente normal com ele mesmo — adiciona ela.

— É — digo, fechando os olhos por um momento. Não sei por quê, mas de repente me sinto prestes a chorar. — Acho que você tem razão.

Por muito tempo, nenhuma de nós diz nada. Finalmente, Chloe enrola o pacote de salgadinhos.

— Preciso ir — informa ela, pegando o clipe de plástico na minha mesa de cabeceira. — Eu disse pra minha mãe que devolveria o carro às onze horas.

Ela se levanta e oferece a mão para me ajudar a levantar, então nós duas descemos e passamos pelos meus pais, que estão assistindo a um filme antigo do Tom Hanks na sala.

— Boa noite, sr. e sra. Lospato! — exclama ela com animação.

Chloe tira o casaco do gancho sobrecarregado da antessala antes de me olhar mais uma vez.

— Ele realmente fez essas coisas todas? — pergunta, bem baixinho.

— Sim — respondo, engolindo de novo aquela sensação de choro. Meu Deus, como eu posso ter sido tão idiota? — Fez.

Chloe assente, e por um momento parece que vai dizer alguma coisa, mas no fim das contas só estende a mão e destranca a porta, deixando o ar gélido de dezembro invadir a casa.

— Te vejo na segunda — promete ela, e simplesmente vai embora.

OITO

Passo o resto do fim de semana ajudando meus pais a tirar a decoração de Natal do sótão e assistindo a *Esqueceram de mim* na TV a cabo, tentando, com pouquíssimo sucesso, não pensar no que aconteceu. Na segunda, quando chega o horário da aula de literatura, estou uma pilha de nervos. Por um minuto eu sinceramente considero faltar à aula, mas seria ridículo, não seria? O que eu vou fazer, matar aula todos os dias até o final do ano?

Bex não está na sala quando começamos a entrar, e por um momento eu me pergunto — com uma mistura de esperança e pavor profundo e horripilante — se talvez ele nem tenha vindo trabalhar hoje. Será que alguém descobriu o que aconteceu entre nós dois? Será que Chloe simplesmente contou para alguém? Estou prestes a sussurrar o nome dela quando Bex entra e fecha a porta, erguendo a mão para dar oi.

— Desculpa o atraso — diz ele, com uma covinha na bochecha enquanto pendura a bolsa carteiro no encosto da cadeira. — A máquina do refeitório está comendo dinheiro hoje, só para vocês saberem. Não que eu estivesse lá agora tentando tomar um café da manhã à base de salgadinhos sabor churrasco e uma barrinha de nozes ou algo assim.

Ele se lança em uma biografia detalhada de Joseph Heller, porque devemos começar *Catch-22* esta semana. Sinto como se alguém batesse na minha cabeça. Não sei o que esperava, mas não era essa normalidade branda e agressiva; por um momento desconcertante eu

considero me perguntar se talvez eu realmente não tenha inventado tudo o que aconteceu.

Então me lembro da pressão da boca dele contra a minha, e estremeço dentro da blusa do uniforme.

— Primeiras quarenta páginas para amanhã — exclama ele quando o sinal finalmente toca.

Estou guardando meu caderno na mochila quando ele captura meu olhar da frente da sala.

— Ei, Marin — diz ele, a própria definição de casual —, quero falar com você um segundo, pode ser?

Então nós *não vamos* fingir que nada aconteceu. No mesmo momento, sinto minha pele formigar e meu rosto pegar fogo. Assinto, ficando para trás enquanto todo mundo sai para o corredor e ignorando o olhar que sinto Chloe me lançar ao se encaminhar para a porta. Quando finalmente estamos sozinhos na sala, ele senta na beirada da mesa.

— Então, oi — fala Bex esfregando o rosto recém-barbeado com uma das mãos. — Acho que provavelmente temos que conversar, certo?

— Hum — respondo, puxando as mangas do suéter do meu uniforme sobre as mãos e cruzando os braços como se por instinto, mudando o peso do corpo de um pé para o outro nos meus mocassins surrados. — Quer dizer, é, não sei se...

Bex sorri.

— Marin — diz ele, erguendo as mãos. — Sou só eu, ok? Não precisa ficar com medo de mim, ou fazer essa cara de que queria estar morta, nem nada do tipo. — Ele volta a esfregar as bochechas, com uma expressão encabulada. — Obviamente, eu... — Ele se interrompe. — A gente só... Acho que talvez a gente tenha se confundido um pouco, só isso.

Pisco, sem reação.

— Confundido? — repito, antes de conseguir me segurar.

— Falha de comunicação — continua Bex, balançando a cabeça. — Extremamente constrangedor para ambos, é óbvio. Mas acontece.

— Hum. — Engulo em seco. — Claro. É.

Por um lado, é um pouco tranquilizadora a maneira como ele está falando sobre o acontecido, como se fosse só uma coisa boba e constrangedora que aconteceu e não o fim do mundo. Por outro, percebo que ele não pediu desculpas de verdade pelo que fez.

Mas talvez ele não me deva um pedido de desculpas?

Afinal: *eu fui à casa dele. Eu flertei com ele. Não é como se eu não tivesse pensado nisso antes.*

— De qualquer maneira — continua Bex, escorregando para o chão e se aproximando da porta —, eu só queria resolver qualquer mal-entendido e me certificar de que nós dois podemos seguir em frente sem climão. Sinceramente, você é uma aluna excelente, e eu odiaria que isso atrapalhasse qualquer uma das coisas incríveis que você vai fazer quando sair deste lugar. — Ele estende a mão como se estivéssemos prestes a encerrar uma reunião de negócios. — Enfim. Estamos bem?

— Eu... É, claro — digo enquanto apertamos as mãos, o toque da palma macia e fria dele provocando uma nova onda de nojo pelo meu corpo. — Estamos bem.

NOVE

Chloe está me esperando no nosso lugar de sempre no refeitório, com a bandeja intacta à sua frente na mesa.

— O que Bex queria? — pergunta ela assim que eu me sento.

Dou de ombros.

— Só ter certeza de que estava tudo bem, acho. Tipo, depois... — Olho ao redor. — Depois.

Chloe assente.

— E você disse que estava?

— Bom, disse. — Tiro um saquinho de uvas da minha lancheira e arranco todas do cacho de uma vez para evitar encará-la. — O que mais eu poderia dizer, não é?

Chloe franze a testa, com o batom vermelho característico caprichosamente espalhado pelos lábios.

— Então não está? — pergunta ela. — Digo, tudo bem?

— Não, não é isso, é só...

Eu me interrompo. É... confuso. Afinal, Chloe e eu passamos grande parte do ano letivo obcecadas por Bex. Mas as pessoas têm quedinhas por seus professores gatos, né? É normal. Não significa que eu queria — que eu estava *pedindo* — que algo realmente acontecesse entre nós dois.

Certo?

Ainda estou tentando descobrir como responder à pergunta de Chloe quando Jacob e dois dos seus colegas de lacrosse se sentam à mesa, com as bandejas lotadas de um macarrão com queijo tão

massudo que poderia ser usado para cimentar tijolos.

— Senhoritas — diz ele com um sorrisinho. — E aí?

— Só estamos falando de coisas do jornal — respondo, lançando um olhar para Chloe do outro lado da mesa. — Temos um prazo de fechamento no fim da semana. — Jogo uma uva dentro da boca. — Inclusive, você recebeu aquelas sugestões de editoriais que eu te mandei por mensagem?

Chloe assente, evasiva.

— Eu também tive várias ideias — comenta ela. Então, apontando para o macarrão com queijo na bandeja de Jacob, completa: — Você quer escrever alguma coisa sobre o menu novo, talvez?

Não consigo evitar; dou uma risada alta.

— O que foi? — Ela dá de ombros.

— Não é exatamente jornalismo de verdade, só isso.

Chloe franze a testa de novo.

— É isso o que você quer fazer agora? — pergunta. — Jornalismo de verdade?

— Eu só... — Eu me interrompo, sem entender muito bem por que ela parece tão irritada do nada. — Não é o que estamos sempre tentando fazer?

Chloe faz uma careta.

— É só um jornal de ensino médio, Marin — lembra ela. — Não a equipe “Spotlight” do *The Boston Globe*.

Estou começando a responder quando ouvimos uma comoção na frente do refeitório; é o diretor DioGuardi de novo, com uma Deanna Montalto de expressão arrasada a reboque.

— Atenção, por favor! — grita ele do outro lado do salão. — Visto que aparentemente algumas das senhoritas ainda não entenderam o memorando sobre as novas regras do uniforme, pensei em contar com a ajuda da minha amiga Deanna para mostrar a todos vocês o que não devem fazer!

— É sério? — Olho de Deanna para Chloe e de volta. — Ele realmente está prestes a usá-la como exemplo na frente de todo mundo?

— É o que parece — murmura Chloe, mordendo o lábio.

DioGuardi anda de um lado para o outro na frente do refeitório como um técnico de basquete assistindo a um treino.

— Agora — começa ele —, quem pode me dizer como Deanna está violando o código de vestimenta hoje?

Ele aponta com a cabeça para uma garota do nono ano sentada a uma mesa perto da janela.

— Que tal você?

— Hum — diz a garota, sua voz mal audível. — Ela não está de meia-calça?

— Ela não está de meia-calça! — repete DioGuardi com empolgação. — Esse certamente é um dos problemas. O que mais?

Deanna fica em silêncio enquanto DioGuardi aponta todas as violações no uniforme dela, uma por uma, desde a camisa para fora da saia às argolas grandes demais. Ele até mesmo pede que a sra. Lynch, secretária da escola, leve uma régua para medir o comprimento da saia da jovem.

— Que horror — murmuro.

Mas quando olho para Jacob em busca de confirmação, descubro que ele está assistindo à cena com um sorrisinho bem-humorado.

— O que você está fazendo? — pergunto, dando um cutucão mais forte do que pretendia nas costelas dele. — Não é engraçado.

— Ah — responde Jacob, dando de ombros —, é um pouco engraçado. Além disso, Deanna não se importa. Ter o refeitório inteiro cheio de caras olhando pra ela ao mesmo tempo deve ser o sonho dela.

— Você está sendo um nojento — falo para ele, mesmo que seus amiguinhos tenham caído na gargalhada.

Volto a olhar para a expressão vaga de Deanna. Para começo de conversa, não sei por que nunca parei para pensar direito em *por que* todo mundo diz que ela é oferecida, exceto pelo fato de que ela tem peitões e teve um namorado no sétimo ano. Mesmo que ela *já tenha* ficado com um milhão de caras, penso subitamente, mesmo que ela *esteja* vestida para chamar atenção, por que isso é da conta de qualquer um além dela própria?

— Sra. Montalto — conclui o sr. DioGuardi finalmente —, vejo você na detenção hoje à tarde. Quanto ao resto das senhoritas, por favor, lembrem-se de se vestir de uma maneira adequada aos valores estimados aqui em Bridgewater.

— É, senhoritas — debocha Jacob. — Demonstrem alguns valores, hein?

— Eu posso contar três violações de uniforme diferentes em você neste exato momento sem nem tentar — observo. — Sorte a sua que DioGuardi não arrastou você para a frente do refeitório.

— *Nah*. — Jacob dá de ombros, despreocupado.

Olho para Chloe em busca de apoio, mas ela está mexendo no celular dentro da bolsa.

— Posso comer isso? — pergunta Jacob, apontando para o que restou das minhas uvas, e eu as entrego sem reclamar. Perdi totalmente a fome de repente.

DEZ

Naquela noite, eu me sento à minha escrivaninha comendo todas as balas cor-de-rosa de um saco enorme de Starburst que comprei na farmácia e encaro o cursor piscante na tela do meu laptop, tentando com pouquíssimo sucesso criar o rascunho de um editorial sobre o novo menu do refeitório. Normalmente eu gosto muito de escrever para o *Beacon*, mas agora tudo parece misturado com o que aconteceu com Bex, todas as tardes que passamos no escritório do jornal supostamente nos divertindo. Quer dizer, nós *estávamos* nos divertindo. Pelo menos eu estava. Mas agora...

Além disso, fazer frango grelhado com alface murcha parecer empolgante e interessante está longe de ser uma tarefa fácil.

Por fim eu afasto a cadeira da escrivaninha, vislumbrando meu reflexo no espelho da porta do armário. Meu cabelo cresceu, as pontas ainda com mechas mais claras por causa da solução de limão que usamos antes de pegar sol. Quando eu era pequena, queria parecer uma sereia; lembro que Chloe e eu dormíamos de trança na noite anterior a uma viagem para a praia, e passávamos horas no banheiro dela ou no meu nos besuntando de autobronzeador, gastando bem mais tempo nos arrumando do que brincando nas ondas. De repente me vem à cabeça quanto tempo eu já gastei na vida tentando fazer parecer que não gastei tempo nenhum.

Levanto e me encaro no espelho de corpo inteiro, observando meu cropped e a faixa de barriga que aparece acima da minha calça jeans de cintura alta, me perguntando momentaneamente o que eu pensaria

se não me conhecesse e visse uma foto minha no Instagram. O que diria a Chloe sobre a bunda reta e o rímel borrado daquela garota? Provavelmente não seria “Ela parece ser esperta e uma boa amiga”, disse eu tenho certeza.

Lanço um olhar para o espaço vazio no tapete que Chloe ocupou há algumas noites, ouvindo a nossa conversa se repetir na minha cabeça como se fosse uma música chiclete ruim: *Você está surtando num nível desproporcional*. Fiquei tão exaltada quando ela disse isso, mas e se ela tiver razão? Eu fui à casa dele, lembro a mim mesma de novo. Reapliquei meu protetor labial bem ali, no banco do carona. Mas isso foi um convite? Não era o meu objetivo — ou ao menos, não achava que fosse —, mas talvez a gente apenas tenha tido uma *falha de comunicação*.

Então eu me lembro: *aconteceu*. Eu estava lá. Meu Deus, é como se até *eu* quisesse me fazer duvidar de mim mesma. Isso é muito louco. Mas existem tantas regras tácitas para se passar pelo ensino médio — para se passar pela vida, talvez — que eu não consigo deixar de tentar entender qual delas eu quebrei para me meter nessa situação. Existem tantas regras para garotas.

Alongo os braços acima da cabeça e volto a pensar sobre o que aconteceu com Deanna no almoço hoje, sua expressão de animal capturado enquanto DioGuardi a repreendia na frente de todo mundo. Quanto mais eu penso nisso, mais raiva sinto; de DioGuardi, é claro, mas também de mim mesma. Quero me desculpar com Deanna por todas as coisas casualmente maldosas e sexistas que eu já ouvi sobre ela, por todas as vezes que eu poderia ter dito *Isso não é engraçado* e não disse. Quero dizer como essa história toda é injusta. Tipo, todos os caras querem transar, mas se você de fato transa, tem que se preocupar com *isso*? Quero perguntar se ela também sente que existem todas essas regras que devemos seguir em troca do suposto privilégio de andar pelo mundo como uma adolescente: flertar, mas *não muito*. Ser confiante, mas não agressiva. Ser engraçada, mas de um jeito discreto, ponderado. Comer hambúrgueres, mas não engordar. Ser descontraída, mas não perder o controle. Sinto que eu poderia continuar enumerando as regras por muito tempo, como se a lista pudesse encher um daqueles pergaminhos de antigamente que aparecem em desenhos sobre o Papai Noel.

Reviro o interior do saco de balas e abro outra Starburst, mastigando e pensando por um momento antes de colocar as mãos de

volta no teclado.

REGRAS PARA SER UMA BOA GAROTA

Digito freneticamente por quase uma hora, os dedos voando sobre as teclas e a língua entre os dentes. Estou quase acabando quando Gracie bate na porta.

— Você vem ver TV? — pergunta ela, recostando-se contra o batente, vestida com um pijama xadrez e pantufas peludinhas. — Papai está fazendo pipoca.

— Eu... O quê? — Sinto como se alguém tivesse me torcido feito um pano de chão. Lanço um olhar para o relógio no canto da tela, certa de que horas se passaram e estamos no meio da noite, mas, para minha surpresa atordoada, não são nem 21 horas. — Hum. Claro.

— Ok. — Gracie me olha por mais um minuto. — Você está bem? Olho para o meu editorial, então de volta para ela.

— Estou bem — digo, sorrindo um pouco. E, pela primeira vez desde aquele dia no apartamento do Bex, isso realmente parece verdade.

Regras para ser uma boa garota

Por Marin Lospato

Começa antes das suas primeiras lembranças: você aprende, tão certo quanto aprende a andar e falar, as regras para ser uma garota. Você é a princesa. É a menininha do papai. Você é sensível? Dê um abraço nele. Você é meiga, não é? É uma boa menininha.

Você não se lembra desses primeiros anos, mas eis do que se lembra: Você se lembra da aula de balé, de como sua barriga esticava o collant rosa e seus pais se preocupavam sobre algum futuro transtorno alimentar, então quando você viu já estava testando aulas de sapateado, futebol, e que tal um instrumento musical? Você se lembra de ouvir “Só queremos que você seja feliz!” e se lembra de dizer que estava feliz porque sabia que era o que eles queriam ouvir. Por quanto tempo vem dizendo o que todo mundo quer ouvir?

O tempo passou, e GAROTAS PODEM FAZER TUDO! Então fale mais alto, não estou escutando! Mas também: Modos, mocinha.

Um garoto está perturbando você na escola? Aprenda a se defender! Um garoto está perturbando você na escola? Ele só está tentando chamar sua atenção. Você gosta de brilhos e unicórnios e de tudo rosa? Ah, isso agora é idiota. Você pode participar desse jogo? Foi mal, garotas não podem jogar.

Bote uma corzinha no rosto. Depile as pernas. Não use maquiagem demais. Não use saias curtas. Não distraia os garotos usando body ou blusas de alcinha ou meias três quartos. Não distraia os garotos com o seu corpo. Não distraia os garotos.

Não seja uma dessas garotas que não comem pizza. Vai pedir um milk-shake também? Eita. Você ganhou peso? Não fique magra demais senão suas curvas vão desaparecer. Não tenha curvas demais a ponto de não ser magra. Não ocupe espaço demais. É só uma questão de saúde.

Seja engraçada, mas não monopolize as atenções. Seja inteligente, mas saiba que ainda tem muito a aprender. Não seja um capacho, mas, pelo amor de Deus, não seja mandona. Seja tranquila. Seja descontraída. Aja como um dos caras. Não aja *de verdade* como um dos caras. Seja feminista. Pratique sororidade. Calma aí, você é, tipo, gay? Mas pode beijar uma garota se ele estiver olhando; isso dá tesão. Chame atenção. Nem pense em chamar atenção, que horror.

Não seja fácil. Não ceda. Não seja pudica. Não seja fria. Não o veja só como amigo. Não aja com desespero. Não deixe as coisas irem longe demais. Não passe a ideia errada para ele. Não o culpe por tentar. Não ande sozinha à noite. Mas se acalme! Não se preocupe tanto. Sorria!

Lembre-se, garota: é o melhor momento da história do mundo para ser você. Você pode fazer qualquer coisa! Você pode fazer tudo! Pode ser o que quiser!

Desde que siga as regras.

ONZE

Na manhã seguinte, estou a caminho do meu armário quando alguém chama meu nome no corredor; eu me viro e vejo Bex com a cabeça para fora da sala do jornal, com o colarinho da camisa de flanela xadrez um pouquinho torto.

— Oi — diz ele com animação, gesticulando para que eu me aproxime. — Tem um minuto?

— Hum — respondo, olhando de relance para o relógio arcaico do corredor. Há uma semana, eu nem pensaria duas vezes antes de ficar sozinha com Bex na sala do jornal (até mesmo desejaria a chance de ter sua total e exclusiva atenção), mas as coisas mudaram. — Claro.

Bex assente e volta a entrar na sala, se empoleirando na beira da escrivaninha, mas eu só fico parada na porta, sem jeito, cruzando e descruzando os braços.

— Então — ele continua com a mesma voz animada (será que estou imaginando, ou ela parece um pouquinho falsa?) —, eu só queria bater um papo rápido sobre o editorial que você postou ontem à noite.

— Claro — repito, com cuidado. O editorial foi a última coisa em que eu pensei antes de dormir e a primeira ao acordar (acho que é um dos textos mais fortes que já escrevi), mas algo no tom da voz dele me faz duvidar de mim mesma de repente. — Por quê, você não curtiu?

— Não, não, achei incrível — responde Bex depressa, erguendo as mãos. — É realmente inteligente, consciente e inovador; e, obviamente, a escrita é da melhor qualidade. Eu só queria ter certeza de que você analisou todos os ângulos antes de o publicarmos, só isso.

Franzo a testa.

— O que há para analisar?

— Bem, não sei — diz Bex, tombando a cabeça para o lado. — Você está assumindo posições bem ousadas, não acha?

— Acho que sim — respondo, devagar. — Quer dizer, eu não achei que elas fossem *tão* ousadas assim.

— Olha, Marin, não me leve a mal. — Bex sorri. — É um texto brilhante. Mas essa escola está cheia de idiotas, só isso. Como seu orientador, quero ter certeza de que estará preparada para qualquer repercussão negativa que possa haver.

— Você acha que vai haver repercussões negativas? — pergunto, surpresa. Isso nem tinha passado pela minha cabeça, e eu me pergunto de repente se sou uma completa ingênua. — De quem?

— Não faço a menor ideia — responde ele imediatamente. — Não de mim, é óbvio. Só não quero que você seja pega de surpresa caso as pessoas não fiquem superfelizes com o que você tem a dizer, só isso.

Assinto, cruzando os braços com um pouco mais de força até quase parecer que eu estou abraçando a mim mesma. Tenho a nítida impressão de que ele acha que eu deveria desistir do editorial, e uma parte de mim quer concordar com ele — afinal, a última coisa que eu quero é que o pessoal da escola pense que sou algum tipo de feminista militante.

A outra parte de mim não consegue deixar de se perguntar se, de alguma forma, isso tem relação com o que aconteceu no apartamento dele.

— Não é esse o ponto de ser editor de um jornal? — pergunto enfim, me forçando a relaxar a postura, esticar as costas e estufar o peito como alguém que acredita nas próprias ideias e não tem medo de expô-las. — Dizer coisas que deixam as pessoas desconfortáveis às vezes?

Bex me olha por um longo momento, com uma expressão inescrutável.

— Justo — declara ele quando o primeiro sinal do dia toca. — Vamos publicar seu editorial na próxima edição.

t

A semente de dúvida que Bex plantou na minha cabeça passa a manhã

toda criando raízes, folhas e flores; perto do começo da terceira aula ela já virou praticamente um parque nacional. Estou torcendo por um discurso de incentivo de Chloe antes do sinal tocar, mas quando ela entra apressada na sala de Bex, suas sobrancelhas preenchidas estão franzidas com preocupação.

— Ok — diz ela, traçando uma linha reta pelo corredor e se apoiando na beira da minha carteira, soprando uma mecha de cabelo loiro para longe dos olhos e largando a bolsa de couro azul-claro no chão de linóleo com um baque surdo. — Podemos conversar sobre o seu editorial por um segundo?

Sinto o coração afundar.

— Você também não gostou? — pergunto.

— Não, não é isso, eu só... — Chloe franze a testa. — Calma aí, quem mais não gostou?

Dou de ombros, olhando de relance por cima do ombro para a frente da sala e abaixando a voz.

— Bex fez um discurso esquisito sobre isso hoje de manhã. Sei lá.

— Ele provavelmente só estava tentando te proteger.

— Mas por que eu preciso de proteção? Tipo, o que tem de tão ruim sobre esse editorial a ponto de...

— Não é ruim! — interrompe Chloe. — É só... um pouco... estridente.

Sinto o queixo cair de indignação.

— Como assim, estridente?

— Quer dizer, sua voz está estridente agora, pra começar — brinca Chloe com delicadeza, dando uma risadinha. — Relaxa, garota. Não sei. Só meio que parece que você odeia todos os garotos, pra começo de conversa. Ou como se pensasse que sofre uma grande opressão porque precisa depilar as pernas. Ou como se estivesse prestes a virar uma dessas garotas que *nem sequer* depilam as pernas.

— É claro que vou continuar depilando as pernas! — protesto. — Não é isso o que estou...

— Olha — diz ela —, eu não estou dizendo que deveríamos desistir do editorial. Nem estou criando problemas por você ter dado uma de rebelde e feito isso sem nem me consultar, por mais que eu achasse que, na teoria, nós fôssemos coeditoras desse jornal. Eu só acho que você precisa se preparar para repercussões negativas, só isso.

— *Repercussões negativas?* — Estreito os olhos, subitamente desconfiada. Foi a mesma expressão usada por Bex. — Você conversou

com o Bex sobre isso?

— O quê? — Chloe balança a cabeça. — Não!

Por algum motivo, não acredito totalmente nela, por mais que eu possa apenas estar sendo paranoica. Não confio cem por cento no meu julgamento hoje. Ou melhor, não tenho confiado cem por cento no meu julgamento ultimamente.

— Ok — digo devagar. — Então vamos publicá-la?

— Vamos publicá-la — promete ela com um sorriso, dando uma batidinha com o ombro no meu antes de se sentar.

t

Meu editorial sai na primeira página do *Beacon* na segunda-feira seguinte, bem ao lado dos resultados da competição de natação e do menu de almoço da semana.

Encontro Jacob no refeitório antes da primeira aula, ele está comendo sanduíche de ovo e olhando o Snapchat no celular.

— Oi — digo, aliviada em vê-lo.

Passei metade da noite em claro me perguntando se estava cometendo um baita erro — me abrindo a todo tipo de drama desnecessário, aborrecendo o *status quo* —, mas isso é ridículo, não é? Afinal, é só um editorial. E sério, é realmente tão controverso assim? Tipo, as regras para ser uma boa garota são ridículas. Todo mundo consegue ver isso.

Jacob não sorri de volta.

— Oi — responde, então noto o jornal aberto na frente dele feito um jogo americano.

— Deixa eu adivinhar — digo, me sentando na cadeira ao lado dele com cuidado. — Você não amou.

Jacob dá de ombros.

— Não é que eu não tenha amado — responde ele. — É só que... não me fez sentir muito bem, só isso.

— Não? — pergunto, momentaneamente confusa. — Por quê? Quer dizer, não é sobre você.

— Talvez não — argumenta Jacob —, mas todo mundo vai pensar que é. Tipo, é realmente assim que você vê todos os caras?

— Mas o texto não é *sobre* caras — contesto. — É sobre as expectativas sobre as garotas, só isso.

— Pode ser — diz Jacob, não parecendo nem um pouco convencido.

— Sabe, você poderia tentar fazer algum comentário legal sobre o meu texto — retruco, subitamente irritada. — Já que, na teoria, eu sou sua namorada e tal.

— Na teoria? — Jacob estreita os olhos. — O que quer dizer com isso?

Passo os olhos ao redor do refeitório, inquieta; está bem vazio a essa hora, mas estamos longe de estar sozinhos. Vejo uns dois alunos do nono ano a algumas mesas, fingindo não escutar.

— Significa que eu adoraria se você pudesse tentar demonstrar algum apoio, só isso — explico, reduzindo a voz a um murmúrio. — Desculpa. É só que eu não tenho muita certeza de como as pessoas vão reagir, então...

— Então por que publicou, pra começo de conversa? — pergunta ele, me interrompendo. — Além disso, você obviamente não se importa com o que eu penso também, já que nem me avisou antes... Eu tive que ficar sabendo pela droga do Joey, que...

— Não preciso da sua permissão para escrever um texto.

— Não é isso que eu estou dizendo! — Jacob balança a cabeça. — Você me ouviu dizer isso em algum momento?

Ele suspira.

— Vamos lá — ele continua, pegando minha mão e a apertando. — Sinto muito por você estar estressada. Se serve de consolo, não é como se as pessoas ficassem contando os minutos para ler o *Beacon* assim que ele sai.

— É sério? — pergunto, afastando a mão. — Provavelmente ninguém nem vai ler? Isso é o melhor que você tem pra me dizer?

Jacob contrai os ombros.

— Qual é o *seu problema* esta manhã, hein? — retruca ele, parecendo genuinamente perplexo. — Você está na **tpm** ou o quê?

Eu o encaro por um momento, sem reação.

— Ok — falo, empurrando a cadeira para trás com um ruído alto e estridente. De repente, não me importo mais com quem está prestando atenção. — Quer saber? Acho que isso não está funcionando.

— Calma aí. — Jacob arregala os olhos. — O que não está funcionando?

— Isso. — Gesticulo apontando para nós dois. — Eu, você, tudo isso. Eu acho... talvez eu só precise de um pouco de tempo. Longe de

você. Tipo, pra sempre.

Fico verdadeiramente chocada ao ouvir as palavras saírem da minha boca e, pela expressão de Jacob, ele também. Há dez minutos, nem passava pela minha cabeça terminar com ele. Mas de repente parece a única opção lógica.

— Que droga é essa, Marin? — Jacob se levanta também, ficando cara a cara comigo e fazendo um barulho alto com a cadeira. — De onde veio isso? Ok, desculpa por ter falado esse negócio sobre você estar menstruada. Foi escroto. Mas não é motivo pra terminar.

— Não é? — pergunto, apesar de que, pensando melhor agora, me parece que é por muito mais do que um único comentário idiota.

É a lista que os amiguinhos dele do lacrosse fizeram no ano passado listando as garotas do primeiro ano em ordem de quem era mais gostosa. É a maneira como ele riu da Deanna no refeitório. É o sorrisinho sarcástico dele quando falamos sobre o código de vestimenta, e a maneira como ele sempre presume que eu quero frozen yogurt e não sorvete. São milhões de coisinhas que eu disse a mim mesma que não importavam, exceto que, de uma hora para a outra, passaram a importar muito.

— Não sei, cara.

— Beleza — diz Jacob, erguendo as mãos. Ele está puto da vida agora, com a boca apertada e as bochechas de um rosa raivoso. — Acabou, então. Sabe, provavelmente é melhor que a gente termine de qualquer maneira, se é assim que você vai agir agora.

— Ah, é? — Arqueio as sobrancelhas. — E como exatamente eu estou agindo?

— Assim — responde ele, fazendo um gesto vago na minha direção. — Você escreve um editorial bizarro e começa a agir igual a uma psicótica e... o quê? Vira uma louca feminista?

Rio alto ao ouvir isso, uma risada cruel e sem humor.

— Uma louca... Quer saber, Jacob? Talvez seja exatamente nisso que eu esteja me transformando. E talvez você possa ir se ferrar.

Por um momento, Jacob só me encara, abrindo e fechando a boca. Eu nunca falei nada desse tipo — nem para ele, nem para ninguém. Espero sentir uma onda de horror, mas em vez disso só me sinto meio poderosa. Talvez eu devesse mandar as pessoas se ferrarem com mais frequência.

— Beleza, então — diz ele finalmente, amassando a embalagem do sanduíche e enfiando-a na lixeira do refeitório. — Até nunca mais.

— Até nunca mais — repito, pendurando a mochila no ombro e seguindo para a primeira aula do dia.

t

A reação de Jacob ao meu editorial é um bom teste de como será o resto da manhã, de maneira geral. Dean Shepherd faz uma cena quando me vê, se encolhendo de medo como se achasse que eu fosse bater nele. Hallie Weisbuck faz uma piada sobre Hillary Clinton.

— Talvez seja uma boa coisa — comenta Chloe para me consolar no começo da aula de Bex. — Sinceramente, ninguém nunca falou tanto do *Beacon* desde que começamos a editá-lo.

— Manchetes não fazem o jornal vender, são os editoriais malucos da Marin que fazem? — pergunto, citando o filme *Extra! Extra!* a que assistíamos o tempo todo no ensino fundamental. Então franzo a testa.

— Ah, sim, e eu acabei de terminar com Jacob.

— Calma aí, o quê? — Chloe larga as mãos no colo. — *Por quê?*

— Porque... — Eu me interrompo. De repente, *o sexismo casual dele começou a me incomodar quando ele disse que não tinha gostado do meu editorial não pareceu o motivo irrefutável que parecia mais cedo.* — Porque...

Chloe balança a cabeça.

— Marin, o que está *havendo* com você?

— Ok — fala Bex antes que eu consiga responder, se inclinando sobre sua mesa na frente da sala. — Vocês estão prontos pra começar?

Eu me afundo na cadeira enquanto ele apresenta a unidade de vocabulário da semana, então passa um trabalho para a semana seguinte.

— Tenho uma nova lista de leituras pra vocês darem uma olhada — declara ele, passando uma pilha de papéis pela turma. — Quero que escolham um dos contos dessa lista, então escrevam duas ou três páginas sobre uma das técnicas literárias usadas pelo autor.

É uma tarefa fácil, do tipo que eu poderia me livrar em uma ou duas horas, mas ao examinar a lista de autores, me flagro franzindo a testa: John Updike, Michael Chabon, John Cheever. Antes que eu consiga reprimir o impulso, levanto a mão.

— Sim — diz Bex, apontando com a cabeça na minha direção. — Marin.

— Desculpa, eu só... — Olho ao redor com nervosismo. Dean Shepherd já está com um sorrisinho sarcástico. — Não deveriam ter algumas escritoras nessa lista? Ou escritoras e escritores não brancos?

Bex parece surpreso por um momento; ele baixa o olhar para a lista, como se fosse possível que não tivesse notado a omissão. Então faz um “tsc” baixinho e volta a erguer o olhar para mim.

— Muito beeeem, Marin — diz ele em tom animado. — Não curtiu a lista, hein? Que conto você acha que eu deveria adicionar?

— Ah... hum.

Hesito, minha mente completa e aterrorizantemente vazia. Nesse momento, eu não seria capaz de citar um único conto nem se a minha vida dependesse disso, quanto mais um que não foi escrito por um cara branco morto.

— Acho que não cheguei a pensar em nenhum — admito por fim.

— Bem — responde Bex na mesma voz animada; ligeiramente artificial, penso agora, mais sarcástica do que amigável. É a primeira vez no ano que eu noto um desconforto nele em relação a uma tarefa; apesar de ser também a primeira vez que eu reclamo. — Não deixe de nos falar se algum nome te vier à cabeça, tá?

A turma meio que dá uma risadinha, e assinto, arrasada, sentindo o corpo inteiro formigar de vergonha. Chloe me lança um olhar incrédulo. Meu Deus, por que eu simplesmente não fiquei com a boca fechada? Não é como se eu já não estivesse chamando atenção o suficiente.

Bex está se virando de volta para o quadro branco quando alguém bate na porta. Dou uma olhada; é a sra. Klein, de vestido *chemise* azul-marinho, grandes óculos redondos e o cabelo escuro preso em um coque caprichado no topo da cabeça.

— Sr. Beckett — diz ela, olhando de relance de mim para ele de uma forma que me faz imaginar se ela ouviu toda a conversa. — Estou com as suas listas de presença. Falei para a sra. Lynch que deixaria com você.

— Ah! — Bex assente, abrindo um sorriso de mil watts para ela. — Obrigado.

Quando volta à mesa, já parece ter se esquecido de mim, graças a Deus. Ainda assim, passo o resto da aula afundada na cadeira, desejando desaparecer. Chloe segue em uma linha reta até mim quando o sinal do fim da aula toca, agarrando o meu braço e me levando para o corredor.

— Tá, você precisava mesmo adicionar “arrumar briga com Bex na frente da turma toda” à lista de coisas dramáticas que fez hoje? — pergunta ela, brincando, mas não exatamente. — Você está com uma **tpm** enraivecida ou o quê?

— Ah, por favor. — Não conto para ela que dei um pé na bunda de Jacob basicamente por fazer essa mesma pergunta há menos de três horas. Eu me defendo: — Eu não estava arrumando briga. Só achei que...

— Marin!

Eu me encolho. Não vou aguentar outra pessoa me esculachando hoje. Mas quando me viro, vejo a sra. Klein, segurando sua garrafa d’água em uma das mãos e um livro fino e branco no outro.

— Posso falar com você um minuto?

— Hum. — Olho da professora para Chloe, então de volta para ela.

— Claro — concluo, e a sigo pelo corredor.

— Ouvi sua conversa com o sr. Beckett — conta ela, e faz uma careta.

— Não sei se eu chamaria aquilo de conversa — admito. — Eu paralisei totalmente.

Sra. Klein sorri.

— Acontece. Mas foi um bom impulso da sua parte; uma lista de leitura só com obras de homens brancos é ridícula. Da próxima vez você precisa estar mais bem-preparada, só isso. Toma — ela estende o livro para mim —, esse pode ser um começo.

Olho o título do livro: *Má feminista*, de Roxane Gay.

— Sabe — diz ela, me olhando com uma expressão pensativa —, se você não está feliz com a maneira como as coisas estão por aqui, precisa fazer algo a respeito.

Ela segue pelo corredor antes de que eu consiga perguntar o que ela quis dizer exatamente, então se vira para mim no meio do caminho.

— Por sinal — conclui, falando mais alto —, gostei muito do seu editorial.

t

Leio *Má feminista* na biblioteca na hora do almoço, nos intervalos entre as aulas e na minha cama tarde da noite, e duas manhãs depois vou me encontrar com a sra. Klein antes do sinal da primeira aula

tocar. Ela está no laboratório de biologia revisando planos de aula, o celular ao lado tocando uma música clássica suave. O vestido *chemise* dela é de um verde-militar escuro.

— Oi, Marin — cumprimenta ela, sorrindo. — O que achou do livro?

— Acho que tenho uma ideia — falo em vez de responder. — Mas preciso da sua ajuda.

DOZE

— Só estou te avisando; acho que não vem ninguém — digo à sra. Klein duas semanas depois, nervosamente sentada na ponta de um banco do laboratório depois do sinal da última aula.

Quando pensei em formar um clube do livro feminista, na noite depois de ela me dar o livro de Roxane Gay, a ideia pareceu quase brilhante; que grande *foda-se* ao código de vestimenta ridículo de DioGuardi e à lista de leitura sexista de Bex, certo? Que grande *foda-se* a tudo o que tem acontecido. Fiz folhetos e agonizei para escolher nosso primeiro livro antes de finalmente me decidir por *O conto da aia* porque era o que tinha mais exemplares na biblioteca, então preenchi a papelada para uma nova-organização-estudantil com a sra. Lynch na administração.

Mas agora que chegou o dia da nossa primeira reunião, eu só me sinto como a anfitriã de uma festa à qual ninguém quer ir: até Chloe disse que precisaria faltar por causa de um turno extra no restaurante, o que provavelmente não deveria ter me surpreendido a essa altura, mas ainda assim foi meio que uma droga. O fato de não ter conseguido convencer nem minha melhor amiga de que um clube do livro feminista é uma boa ideia não parece um ótimo presságio de sucesso.

A sra. Klein dá de ombros.

— Que não venham, então — responde ela. — Nós duas podemos conversar sobre o livro sozinhas. — Ela aponta com a cabeça para uma caixa de Dunkin' Donuts na escrivaninha ao lado dela. — E comer 25 minidonuts cada uma.

Dou uma risada, o que me acalma um pouco; estou prestes a perguntar se ela já leu outra coisa da Margaret Atwood quando duas alunas do nono ano aparentemente nervosas, que eu reconheço vagamente como membros da banda de jazz, deslizam para dentro da sala. Meu coração dá um salto quando percebo que ambas seguram exemplares do livro.

— Oi — diz a mais alta, uma menina branca e loira com dois coques à la Princesa Leia, olhando ao redor com uma boa dose de ansiedade. — Hum, esse é o clube do livro?

— Pode apostar — responde a sra. Klein. — Sentem-se.

É um pouco esquisito, mas, para a minha surpresa, um monte de outras pessoas começam a entrar uma por uma: um garoto chamado Dave do clube de audiovisual, com cabelo meio ruivo e rosto pálido cheio de sardas; Lydia Jones, que é negra e trabalha na revista literária. Elisa Hernandez, a capitã de 1,50 metro de altura do time feminino de vôlei, aparece com duas colegas de equipe.

— Vocês têm um jogo importante por vir, certo? — pergunta sra. Klein, e Elisa abre um sorriso radiante.

— Fomos campeãs estaduais no ano passado — explica ela, assentindo. — Vamos defender nosso título.

— Sério? — pergunto. Não ando muito atenta aos assuntos escolares ultimamente, mas ouvi um total de zero comentários sobre isso. Penso em como todo mundo (inclusive eu) sempre comparece para torcer pelo nosso péssimo time de futebol americano, mesmo que eles tenham vencido apenas duas vezes na temporada passada inteira. — Como é que não estão organizando nenhum evento de incentivo pré-jogo pra vocês?

— Você tá brincando? — pergunta Elisa enquanto suas colegas de time dão risadinhas. — A gente mal consegue um ônibus para ir aos jogos fora da escola na maioria das vezes.

Franzo a testa.

— Que absurdo. — É como se, agora que estou procurando por desigualdade, eu a visse por todo lugar, classificando milhares de injustiças grandes e pequenas a cada lugar que vou. Por que eu não via isso antes?

— Parece um ótimo assunto para seu próximo editorial, Marin — observa a sra. Klein, jogando um minidonut na boca.

Que... ah. Olho para Elisa, erguendo as sobrancelhas.

— Gostaria de fazer uma entrevista? — pergunto, e ela sorri.

Em dado momento, a sra. Klein nos guia de volta a *O conto da aia*. Eu nunca participei de um clube do livro, e imprimi uma lista de perguntas para discussão da internet para o caso de haver silêncios horripilantes durante a conversa, mas acaba que nem precisamos delas: Lydia e Elisa falam bastante, e Dave é surpreendentemente hilário, com um senso de humor tão sarcástico que eu levo uns bons segundos para entender quando ele está brincando. Estamos conversando sobre as similaridades entre a República de Gilead e os Estados Unidos dos tempos modernos quando alguém bate na porta aberta. Quando levanto a cabeça, me deparo com Gray Kendall vestido com o moletom do time de lacrosse de Bridgewater e a mochila pendurada em um dos ombros musculosos.

— Hum — diz ele, com os olhos escuros disparando pela sala. — Desculpa o atraso. Essa é a reunião do clube do livro?

Na mesma hora, eu me sento mais ereta na cadeira.

— Por quê?

— Marin — reprime suavemente a sra. Klein. — É aqui mesmo, Gray.

— Legal. — Ele me lança um olhar meio estranho, então levanta um livro; um exemplar em brochura surrado de *O conto da aia*, com um adesivo laranja chamativo onde se lê **usados economizam** descolando da lombada. — Posso, hum...?

— Você não leu esse livro — deixo escapar. Sei que estou sendo muito grosseira, mas é óbvio que ele tem algum tipo de motivo oculto. Por um segundo insano, eu me pergunto se Jacob o mandou para zoar com a minha cara.

— Hum. — Gray solta uma risada, bem-humorada mas ligeiramente incrédula. — Li, sim.

Estreito os olhos.

— Inteiro?

— Aham.

Eu o encaro com ceticismo, tentando entender qual pode ser o jogo dele. Um cara do time de lacrosse aparecendo aleatoriamente aqui como se fosse algum tipo de cavalo de Troia, tentando se fazer de interessado para tentar... o quê? Se infiltrar no meu clube do livro? Não faz sentido.

Todo mundo está observando em silêncio. Dave limpa a garganta.

— Tudo bem — falo finalmente. — Pode ficar.

Gray sorri, erguendo o livro surrado dele para mim em

cumprimento e caminhando para uma cadeira vazia do círculo. A sra. Klein faz uma pergunta sobre Offred e o Comandante, e a discussão fica bem animada a partir daí. Espero que Gray tente dominar a conversa, mas, para minha surpresa, ele mantém a boca fechada durante boa parte do tempo; quando lanço um olhar em sua direção, ele está ligeiramente inclinado para a frente na cadeira, escutando Elisa com as sobrelanceiras franzidas. Ele está *tão* quieto, na verdade, que quando estamos prestes a encerrar a reunião, a sra. Klein se dirige a ele.

— Você não está expondo muito as suas opiniões, Gray — diz ela com um tom agradável. — Tem algum ponto sobre o livro que você acha que não abordamos?

— Hum. — Gray pigarreia. — Honestamente, achei a história aterrorizante. Meu coração ficou o tempo todo acelerado. Quase fiz xixi nas calças quando o avião daquela garota para o Canadá foi detido na pista.

Franzo a testa. Isso definitivamente não aconteceu no livro, a não ser que eu tenha deixado passar de alguma maneira.

— Que garota? — pergunto.

Lydia e Elisa o olham com curiosidade.

— A principal — explica ele, pela primeira vez na vida parecendo vagamente desconfortável diante de tanta atenção feminina de uma vez. — Sabe, aquela que fez *Mad Men*.

Aí está.

— Aham — digo, satisfeita. — Foi o que eu pensei.

— Muito bem — falou a sra. Klein, mal escondendo um sorriso. — É melhor encerrarmos por hoje, de qualquer maneira, mas vejo vocês de novo na semana que vem.

Decidimos que vamos ler mais contos e ensaios para poder nos reunir com mais frequência.

— Quem quiser levar as sobras de minidonut, fique à vontade.

Pego alguns com cobertura de açúcar e saio para o estacionamento, onde me surpreendo ao ver Gray andando de um lado para o outro na frente do prédio, parando a cada poucos metros para franzir a testa para o que parece ser seu relógio.

— Tudo bem com você? — pergunto.

Gray assente com timidez.

— Contador de passos — explica ele, balançando o pulso na minha direção. — Mas não está funcionando.

Não consigo reprimir uma risada.

— É sério? — Eu não sei o que esse cara tem que me dá vontade de provocá-lo.

— O que tem de errado com um contador de passos?

Balanço a cabeça, me aproximando.

— Nada, se você for minha mãe.

— A sua mãe está extremamente em forma? — dispara Gray de volta.

— Se lambaeróbica contar, ela com certeza está. — Aponto para o pulso dele com a cabeça. — Qual é a sua meta?

— Vinte mil.

Ergo as sobancelhas e mexo os ombros para ajeitar o casaco.

— Todo dia?

Ele dá de ombros.

— Não é tanto assim, na verdade.

— Você não precisa ter falsa modéstia sobre sua contagem de passos — comento com um sorriso. — Não estou tão impressionada assim.

— Claramente — responde ele, dando um sorrisinho de volta. Não sei dizer se ele está flertando comigo ou não. Mesmo que esteja, eu sei que isso não significa nada. Gray tem a fama de flertar com todo mundo.

— Então, o que você estava realmente fazendo lá dentro, hein? — pergunto, incapaz de me conter, inclinando a cabeça para trás na direção do prédio. — No clube do livro, quero dizer.

Gray faz uma careta.

— Inscrições para faculdades — admite ele. — Preciso de mais atividades extracurriculares.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Mas achei que você teve muito *culhão* em brigar com o sr. Beckett. Então vim pra dar apoio. Ou, tipo... — Ele franze a testa. — Acho que *culhão* não é a palavra certa, né?

— Não tem problema falar *culhão*.

— Eu quis dizer *coragem*.

Sorrio de novo, mais devagar, e dessa vez não há qualquer tom de provocação.

— Desculpa por ter pegado no seu pé lá dentro — falo.

— Tranquilo — responde Gray. — Eu entendo.

A parte estranha é como parece que talvez ele realmente entenda.

Penso em sua expressão séria quando Jacob fez aquela piada idiota na festa da Emily, na maneira como ele sempre meio que parece manter certa distância dos caras do lacrosse. Apenas por um momento, eu me pergunto se é possível que Gray Kendall tenha mais a oferecer do que eu pensava.

Meu celular toca dentro na mochila — a musiquinha animada que significa que é minha mãe —, mas quando vou pegá-lo, o zíper defeituoso do bolso externo prende de novo. Xingo baixinho, puxando-o sem um pinga de sucesso.

— Está travado — explico, meio sem graça. — Eu provavelmente preciso comprar outra.

Gray balança a cabeça.

— Você tem um protetor labial? Quer dizer, na verdade, não precisa. Eu tenho.

Ele pega um tubo no bolso da mochila e tira a tampa com os dentes, passando o bastão ao longo do zíper até que ele abra sem problema.

— Pronto — diz ele, com uma covinha furtiva na bochecha enquanto me devolve a mochila. — Parece nova, certo?

— É — respondo, sorrindo de volta sem querer. — Parece nova.

TREZE

— Oi, Marin — diz o pai de Chloe, sorrindo para mim de trás do bar quando entro no Niko's naquela noite. — Li seu editorial. Muito bom.

Sorrio de volta revirando um pouco os olhos.

— Valeu.

— Estou falando sério — afirma ele, animado.

Eu sempre gostei de Steve, com suas sobrelhas grossas, barriga de cerveja e piadas de tio bem toscas.

— Arrasou, garota.

— Ah, meu Deus — fala Chloe, passando atrás de mim na direção da cozinha. — Pai, dá para ficar de fora da política feminista por hoje?

Steve franze a testa, passando a mão na barba desganhada e observando-a se afastar. Só dou de ombros.

Eu a alcanço no balcão da cozinha, amarrando o avental.

— Oi. — Abro um sorriso tímido. — Eu mal te vi hoje. Tudo bem?

— Tudo — responde ela na mesma hora, com um breve sorriso. — Só ando superocupada.

Torço os lábios; eu nunca passei *tanto* tempo afastada de Chloe quanto nessa última semana.

— Tem certeza?

— Claro. Como foi seu clube do livro?

— Foi bom! — afirmo, surpresa em notar que estou falando sério, e começo uma descrição detalhada do nosso encontro.

Estou contando sobre os nossos planos de fazer camisetas de *Nolite*

te bastardes carborundorum para usar no dia sem uniforme da semana que vem quando percebo que ela não está ouvindo uma palavra sequer.

— Você deveria pensar em entrar — concluo com a voz fraca. Então: — Chlo, qual é o *problema*?

Ela suspira.

— Olha — responde —, eu provavelmente vou parecer meio escrota, e juro que não é meu objetivo, mas, sei lá... Você está tão *diferente* ultimamente. Tipo, cadê a Marin? Minha melhor amiga divertida e legal?

Ela ergue as mãos, olhando de relance por cima do ombro na direção do salão.

— Eu sei que você teve algumas... *questões*... — continua ela, com um tom cheio de significado. — Mas achei que você fosse deixar pra lá. Em vez disso, você está meio que... rolando em cima disso, sei lá.

Fico sem expressão.

— Rolando em cima do quê, exatamente?

— Não fica irritada — pede Chloe. — Eu só...

— Senhoritas! — chama Steve, com a voz grave ressoando de trás do bar. — Mesas, por favor.

Não conversamos pelo resto da noite, orbitando ao redor uma da outra feito duas luas concorrentes. Sim, eu tive algumas *questões*, penso, um pouco amarga. E deixei isso para lá, obviamente. Não contei para ninguém. Continuo fazendo tudo o que fazia antes. Mas também estou pensando sobre as coisas de uma forma um pouco diferente. Qual é o problema nisso?

Às 21h30, cheguei no meu limite. Isso é ridículo, decido finalmente. *Cadê a Marin? Estou bem aqui.* Levo a conta para minha última mesa, dois caras de meia-idade que eu tenho bastante certeza de que estão comemorando o aniversário de casamento. Sou *eu*. É a *Chloe*. Vou ver se ela quer pegar um café noturno na Starbucks a caminho de casa. Vamos ouvir o álbum novo da Sia no Spotify e ter uma conversa sincera.

No entanto, depois de guardar meu avental e sair para o estacionamento, eu olho ao redor por um longo momento e franzo a testa. Chloe me deu carona para casa depois de todos os turnos desde que tirou a carteira de motorista no verão passado, mas eu não vejo o SUV dela — um Jeep bege com um adesivo de um bicho preguiça de desenho animado colado na janela traseira — em lugar nenhum.

Tiro o celular da mochila com um puxão. *Você foi embora?*, envio por mensagem.

A resposta chega trinta segundos depois. *putz mil desculpas! Pedi pro meu pai te avisar, mas ele deve ter esquecido. Kyra está tendo uma crise por causa de um garoto, então eu disse que ia encontrar com ela. Você consegue arrumar uma carona???*

Se eu pensar demais na probabilidade de Chloe realmente ter me dispensado para encontrar com a prima nerd posso surtar, então, em vez disso, eu me sento em um banco em frente ao restaurante e considero minhas opções para chegar em casa: é longe demais para ir andando. Meus pais estão em Burlington, em um evento para angariar fundos para bolsas escolares que a professora de xadrez da Grace organiza todo ano. E eu definitivamente não posso ligar para Jacob. Rolo pela tela dos contatos do meu celular, tentando descobrir qual dos meus amigos eu não afastei recentemente e que também possa ter acesso a um carro. Nada como ficar sozinha no estacionamento de um shopping a céu aberto na frente de um restaurante grego às 22 horas de uma sexta-feira para colocar suas escolhas de vida em uma perspectiva gritante.

Estou prestes a voltar para dentro e contar com a misericórdia de Steve quando um pensamento me vem à cabeça. Mordo o lábio, descendo pelos meus contatos até achar Gray. Ele próprio salvou o número dele depois da reunião do clube do livro, depois mandou uma mensagem para si mesmo para ficar com o meu número:

— Para o caso de eu precisar de ajuda com as palavras complicadas — explicou, me devolvendo o celular com um floreio.

Oie, escrevo, apertando “enviar” antes que eu tenha tempo de me convencer do contrário. *Tá ocupado?*

Ele chega quinze minutos mais tarde, parando na frente do restaurante em um Toyota de dez anos com um cachorro de cabeça balançante no painel.

— Alguém chamou um Uber? — pergunta ele enquanto eu entro.

— Oi — digo com um sorrisinho grato. — Obrigada. Você está me salvando.

— Sem problemas.

O carro dele tem cheiro de Altoids de canela e um pouco de bolsa de academia; o celular dele está de cabeça para baixo no porta-copo, e Kendrick Lamar soa suavemente da caixinha de som de baixa qualidade.

— Sem Bluetooth — explica ele, um pouco tímido.

— Vou ter que tirar uma estrela da sua avaliação — provooco, empurrando meia dúzia de garrafas vazias de Pepsi para o lado e colocando a mochila no chão entre os pés. — Mas sério agora. Valeu mesmo. Eu não achei que você fosse estar por perto.

— Porque eu sou tão popular?

Faço uma careta.

— Bom, você é mais popular do que eu neste momento, disse não há dúvida.

Gray não comenta.

— Eu estava com uns amigos — admite ele, olhando por cima do ombro antes de sair para a rua principal —, mas já estava cansado deles mesmo.

— Estava, é?

— É — confirma ele, tranquilo. — Vou ser sincero, Marin. Venho pensando que preciso de uma mudança.

Ele está só jogando conversa fora, é óbvio, mas eu sorrio mesmo assim. Reclino a cabeça sobre o encosto do banco.

— Eu também.

— Então, hum — diz ele. — Para onde?

— Ah, bosta! — Dou uma risada e passo meu endereço. — Pode me deixar na esquina da Oak se não quiser pegar a rotatória. Posso andar o resto do caminho.

— Mas que tipo de motorista de Uber eu seria se fizesse isso? — pergunta ele com um sorrisinho. Então: — Ei, você está com fome?

Eu literalmente acabei de comer uma travessa de *spanakopita*, mas...

— Você está?

— Bom, eu tenho dezessete anos — responde ele com um sorrisinho torto. — Estou com fome o tempo todo.

Paramos no Executive Diner na Route 4 e seguimos uma garçoneira de expressão severa até uma mesa perto da janela. Peço um milkshake de manteiga de amendoim enquanto Gray pede um cheeseburger com anéis de cebola e uma porção de panquecas com gotas de chocolate.

— Eu nunca tinha vindo aqui à noite, na verdade — comenta ele, olhando para as mesas de fórmica descascadas e os poucos caras desleixados de meia-idade sentados ao bar.

— Ah, não? — pergunto, franzindo o nariz para ele por cima do

milk-shake. — Ocupado demais conquistando as garotas de Bridgewater e levando-as para jantar?

— Ou escrevendo editoriais feministas — contra-argumenta ele com um sorriso.

— Ou sendo expulso de escolas caras por ser um degenerado?

Estou brincando, mas Gray se encolhe um pouco.

— Foi isso o que eu fiz? — pergunta ele, arqueando as sobrancelhas.

— Não foi? — pergunto. — Quer dizer, eu ouvi... — Eu me interrompo. — Merda. Desculpa. Eu sou uma babaca.

— Não, tudo bem. — Gray sorri, mergulhando um dos anéis de cebola em uma mistura de ketchup/maionese/molho de pimenta que ele mesmo fez. — Não sei como esse boato começou. Quer dizer, sei sim, eu gosto de dar festas. Mas não foi por isso que fui expulso.

— O que houve, então? — pergunto, mexendo o meu milk-shake com uma longa colher de metal sem olhar para Gray. — Quer dizer, você não precisa me contar se não quiser, obviamente.

— Não, tranquilo. — Ele dá de ombros. — Eu era muito burro.

Levanto a cabeça depressa.

— Você não é burro — falo imediatamente.

Gray faz um gesto no ar.

— Tá, claro, não *burro*, mas... Eu tenho, **tdah** e tal, e não estava alcançando os, hum, padrões acadêmicos rigorosos de Hartley.

Franzo a testa.

— Eles não têm o dever de se adaptar para acomodar você? — pergunto. — É uma dificuldade de aprendizado, não é?

— Assim, claro — responde Gray. — Mas você também precisa, tipo... fazer seu trabalho de tempos em tempos.

— Ah — digo, sentindo o rosto relaxar num sorriso. — Certo. Faz sentido que isso faça parte do acordo.

— Pois é. Enfim — continua ele —, as pessoas vão pensar o que querem sobre você, né? Então eu só meio que... deixo que pensem. É uma história mais interessante, de qualquer maneira.

— Mas você nunca teve vontade de contar o verdadeiro motivo? — Mergulho o garfo no molho dele, provando com cuidado. Nada mal.

Gray dá de ombros.

— Claro, às vezes — diz ele —, quando eu me importo minimamente com o que a pessoa pensa. Mas na maioria das vezes eu penso: só faltam alguns meses, né? Qual é a diferença?

— Pode ser — concordo lentamente. — Para onde você vai no ano que vem, já sabe?

Gray solta um grunhido, fingindo que vai pegar seu prato de panquecas e se esconder debaixo da mesa; só que acaba *quase* derrubando sua Pepsi e pega o grande copo de plástico no último segundo. Seus reflexos são impressionantes, preciso admitir.

— Oh-oh — comento com uma risada. — Foi mal. Assunto delicado?

Gray suspira e esfrega o rosto com uma das mãos.

— Minhas duas mães são advogadas, sabe? Quer dizer, na verdade é pior: uma delas é advogada e a outra é *professora* de direito. E as duas estudaram em St. Lawrence, e querem que eu vá para lá e jogue lacrosse, porque doam uma tonelada de dinheiro para a instituição todo ano, então é tipo o único lugar onde é garantido que eu passe mesmo sendo um idiota.

— Para de falar isso — retruco, chutando-o por baixo da mesa antes mesmo de perceber que vou fazer isso. — Você não é um idiota. O que *você* quer fazer?

— Pintar — declara Gray, com o rosto desoladamente sério por um momento antes de abri-lo num sorriso bobo. — Não, brincadeira. Eu meio que nem quero fazer faculdade, para ser sincero. Tive que fazer trabalho comunitário como voluntário em um programa extracurricular em Fall River no ano passado; então, é, não estou dizendo que tudo o que você ouviu sobre meu gosto por festas é mentira.

— Sabão em pastilha? — pergunto, erguendo as sobrancelhas.

— Eu não falei para ninguém comer sabão! — exclama Grey, parecendo indignado. — Cara, meu Deus, sou eu que tenho a porra do **tdah**, e até eu sei que não se deve comer sabão.

Solto uma risada pelo nariz.

— Justo.

— Enfim, eu tinha que ir lá três vezes por semana brincar com as criancinhas, e no começo foi um saco, mas depois eu passei a gostar de verdade, então ainda vou, mesmo que já tenha cumprido todas as minhas horas. E eu acho que eles gostam de mim também, porque me ofereceram um trabalho integral depois que me formar, se eu quiser.

— Que incrível — digo, imaginando a cena antes de conseguir evitar, tentando não achar fofo e falhando miseravelmente. — Mas os seus pais... quer dizer, suas mães... não são a favor?

Gray faz uma careta.

— Ah, nem pensar. Não fazer faculdade? Para elas, isso está no mesmo nível de eu vender meu corpo pra comprar drogas. Ou, tipo, trabalhar para o governo dos Estados Unidos.

Gray termina seu banquete de hambúrguer e panqueca, e ainda finaliza com uma fatia de um cheesecake duvidoso de uma vitrine rotatória perto do caixa. Nossos ombros se esbarram quando saímos para a noite fria e úmida.

— Posso te fazer uma pergunta grosseira? — digo enquanto atravessamos o estacionamento. — Se as suas notas são tão ruins assim, o que você está fazendo na aula de literatura avançada?

Gray dá uma risada sarcástica.

— Era a única aula com créditos de artes linguísticas que se encaixava no meu horário — explica ele, apertando o botão para destrancar o Toyota. — A escola abriu uma exceção para eu poder jogar lacrosse. O que — completa ele, obviamente lendo a minha expressão na luz neon do letreiro da lanchonete — eu reconheço que provavelmente é o tipo de tratamento especial que faz com que as garotas do time de vôlei não consigam um ônibus para os jogos.

— Calma aí... — começo, lembrando que Gray nem estava na sala quando falamos sobre isso.

— Eu estava parado do lado de fora antes de entrar — explica ele.

— Estava nervoso.

Sorrio, me sentando no banco do carona.

— É um sistema fodido, só isso. E, se faz diferença, eu fico muito feliz por você estar nessa aula comigo. E também por ter ido ao clube do livro.

— É — diz ele. — Eu também.

Dirigimos para a minha casa quase em completo silêncio, apenas com o som da caixinha estourada do iPhone de Gray e o ruído ligeiramente esforçado do motor do Toyota.

— Valeu de novo — falo quando paramos na frente da minha casa.

— Você realmente me salvou.

— Claro, imagina. Até segunda.

— Até segunda — repito, pegando minha mochila. Estou com a mão na porta quando ele toca no meu braço.

— Ei, Marin, aliás... — Gray limpa a garganta, como se estivesse um tiquinho nervoso de novo. — Eu, hum, gostei muito do seu texto.

Dou uma risada alta, surpresa e estranhamente satisfeita, mas então

parece que a risada afrouxa alguma coisa dentro de mim, e por um momento eu acho que posso estar à beira das lágrimas.

Em vez disso, respiro fundo e sorrio para ele através da luz verde do painel.

— Obrigada.

CATORZE

Quando chega a noite de sábado, estou de pijamas, sentada à minha escrivaninha, tentando não morrer de tédio enquanto rolo a tela por um guia ancestral sobre o simbolismo contido em *O nadador*. Chloe acabou passando o fim de semana com Kyra, então em vez de ir na Starbucks ou sairmos por aí de carro cantando junto com sua última obra-prima do Spotify como normalmente faríamos, estou escutando Sam Smith, tentando me adiantar no trabalho para a aula de Bex e — tudo bem, eu posso admitir — pensando em Gray. Não estou querendo um namorado novo, obviamente. Mas, ainda assim. Eu gostei de conversar com ele. Gostei de sentir que ele realmente se importava com o que eu tinha a dizer.

Estou fazendo zero progresso nesse trabalho. Parte de mim só quer dizer “dane-se Bex”, me rebelar e analisar o ensaio sobre Jogos Vorazes de *Má feminista*, mas que bem isso traria? Eu só estaria me prejudicando no final das contas.

Grace bate na porta aberta.

— Você pode fazer aquele negócio com a chapinha? — pergunta ela, erguendo-a e girando-a para demonstrar.

— Claro — digo, sentindo as sobrancelhas se arquearem antes de conseguir controlar o impulso.

Ela está de calça jeans skinny e um cropped que eu não tenho muita certeza se a minha mãe vai deixá-la usar fora de casa, além de estar calçando botinhas com salto reto que definitivamente são minhas.

— Cadê os seus óculos? — pergunto, ignorando o pequeno roubo por enquanto. Eu me levanto e empurro a cadeira de rodinhas para a frente do espelho de corpo inteiro perdurado na parte interna da porta do meu armário.

Grace dá de ombros.

— Não preciso deles.

Isso é... um exemplo de pensamento positivo, sem a menor dúvida.

— Gracie — digo, me esforçando para não rir —, você é praticamente cega sem seus óculos. Vai dar de cara nas paredes igual ao Mr. Magoo.

Ela desaba na cadeira, suspirando alto na direção do corredor.

— Bem, se a mamãe simplesmente me deixasse usar lentes de contato, isso não seria um problema.

— E *por que* isso é um problema, hein? — pergunto, franzindo um pouco a testa ao me abaixar para ligar a chapinha na tomada. — Aonde você está indo, por sinal?

— Só ao cinema com uma galera da minha sala.

— Uma galera... — repito, afastando meu cabelo do rosto e sentindo que ela não está me contando tudo. — Alguma pessoa em particular?

Gracie tomba a cabeça para trás, e seu longo cabelo castanho quase encosta no tapete.

— Quer dizer, tem um garoto — admite ela com relutância. — Mas não é nada de mais.

— Ah, é? — Pego seu cabelo com ambas as mãos, desembaraçando-o com os dedos e apostando que ela vai contar mais se, e apenas se, eu agir como se não estivesse curiosa. — Pode pegar aquela presilha pra mim?

E como eu imaginava...

— O nome dele é Louis — continua ela, me entregando a presilha; divido o cabelo dela em seções enquanto espero a chapinha esquentar. — E ele é tão fofo. E quando a gente fala em espanhol eu acho que ele gosta de mim; tipo, sempre ri das minhas piadas e tal. Mas ele é popular. — Ela franze o rosto olhando para o espelho, ou talvez só esteja estreitando os olhos para se enxergar. — E, assim, com os óculos e o xadrez...

— Você *ama* xadrez! — deixo escapar. — E você é boa pra cacete, então...

— Esse não é o ponto! — interrompe Grace. — As outras garotas da

minha sala... — Ela faz uma pausa. — Elas têm peitos, e uma delas usa extensões de cílios. E eu basicamente continuo parecendo uma criança.

Você é uma criança, penso na mesma hora, mas pelo menos tenho noção o bastante para não dizer isso em voz alta. Olho para Gracie no espelho, sua pele lisa e as sobrancelhas retas, a cicatriz no canto da boca de quando ela levou um tombo andando de skate aos sete anos. Quero dizer a ela que Opal Cosare foi a primeira menina a ter peitos na minha sala e que os meninos infernizaram a vida dela por isso. Quero dizer que crescer não é essa maravilha toda que as pessoas falam. Mas não quero assustá-la.

Fico em silêncio por um momento, segurando o cabelo dela dentro da chapinha e puxando com cuidado. Chloe me ensinou esse truque, lembro, sentindo uma leve pontada atrás da costela, e o aplicou no meu cabelo com toda a paciência até eu aprender a fazer sozinha.

— Qualquer um que não ache que você fica adorável com seus óculos não vale a pena, de qualquer maneira — digo, enfim, girando o pulso para fazer uma onda perfeita de blogueira fashion.

— Você é obrigada a dizer isso — retruca Gracie, revirando os olhos. — Está escrito na constituição das irmãs mais velhas. Daqui a pouco vai falar que eu sou perfeita bem do meu jeitinho.

— Mas você é perfeita do seu jeitinho — falo. — Mas não é como se eu já não tivesse passado exatamente pela mesma coisa no oitavo ano. Lembra de quando eu implorei à mamãe para me deixar fazer um piercing no umbigo antes daquela festa da piscina na casa da Tamar Harris?

— Ai, meu Deus, eu tinha me esquecido disso — diz Grace com um sorriso bobo. — Você ficou ameaçando fazer o furo em si mesma com uma agulha de costura.

— E eu nem acho que *tenha* uma agulha de costura na nossa casa — completo, rindo. — Tipo, quando foi a última vez que você viu a mamãe costurar alguma coisa? Mas eu simplesmente achava que aquele piercing no umbigo seria a chave para minha vida glamorosa de adolescente ou algo assim. Sei lá.

Lembro-me dos preparativos para aquela festa com um tipo visceral de constrangimento — a garota que revirou o mundo em busca do biquíni perfeito e conseguiu contornar um tanquinho na barriga com maquiagem, querendo provar o quanto era descolada e sexy na véspera de se formar no ensino fundamental —, mas, ao mesmo

tempo, gostaria de poder voltar ao passado e protegê-la.

— Enfim — continuo dizendo, entortando a cabeça de Grace para alisar uma mexa de cabelo que está atrás da orelha dela —, se você realmente não quer mais usar óculos porque gosta mais da sua aparência sem eles, eu posso ajudá-la a convencer a mamãe a deixar você usar lente neste verão. Mas se você só estiver fazendo isso para impressionar Louis, ou qualquer outra pessoa, eu posso te garantir que se estabacar na escadaria do cinema não vai atrair o tipo de atenção que está buscando.

— Pode *ser* — resmunga ela, visivelmente não convencida.

Então ela vira a cabeça para me olhar.

— Achei o seu editorial muito bom, por sinal — diz ela de repente.

— Não sei se já tinha falado isso.

— Jura? — Olho para ela pelo espelho, surpresa. — Onde você leu?

— Minha amiga McKenna tinha uma cópia — explica. — A irmã dela estuda na sua escola.

— Ah. — Assinto. — Legal. Valeu, Gracie.

Penso nisso por um momento, me ocupando com a chapinha para esconder o sorriso. Sendo realista, sei que meu clube do livro feminista e meus editoriais no jornal provavelmente não vão fazer muita diferença no mundo. Mas se eles fizerem alguma diferença para a minha irmã, já seria grande coisa.

— Prometa que vai usar seus óculos hoje, tá? — peço, tirando a presilha do cabelo dela e prendendo-a no bolso do meu moletom para não perder. — Não quero ter que visitá-la no pronto-socorro em vez de terminar esse trabalho.

Gracie faz um “hum” descompromissado, lançando um olhar desfocado para o laptop na minha escrivaninha. Ela não diz nada, mas por um momento eu consigo vê-la pensando, pesando o custo de todas as minhas últimas ações: sem namorado, sem planos em uma noite de sábado. Com ou sem constituição de irmã mais velha, eu meio que fico esperando que ela me mande cuidar da minha própria vida.

— Tudo bem — declara finalmente. — Vou usá-los.

Dessa vez não me dou ao trabalho de disfarçar o sorriso.

— Que bom — respondo, satisfeita. — Agora para de se mexer para eu terminar seu cabelo.

QUINZE

Deixo meu trabalho sobre “O nadador” na escrivadinha de Bex na segunda-feira, então passo o resto da aula silenciosamente afundada na cadeira enquanto todo mundo discute os diferentes pontos de vista dos personagens de *Enquanto agonizo*, que deveríamos ter terminado de ler no fim de semana. Antes, eu passava a manhã inteira ansiando pela aula de literatura avançada, mas nas últimas semanas é como se eu passasse o tempo inteiro prendendo a respiração e torcendo para desaparecer.

Hoje sinto como se talvez tenha me tornado de fato invisível, até quase o fim da aula, quando Bex captura meu olhar da frente da sala.

— Marin — diz ele —, você está quieta hoje. Gostaria de compartilhar alguma opinião sobre o nosso velho amigo, Billy Faulkner?

— Hum.

Engulo em seco, meu coração disparado como um ratinho apressado. Não gosto dessa versão de mim mesma. Não a reconheço.

— Não — respondo, pigarreando de leve. — Acho que não.

— É mesmo? — Bex ergue as sobrancelhas em uma surpresa que pode ou não ser genuína. — Nada a acrescentar?

Balanço a cabeça, negando. Há um mês, eu daria tudo de mim para pensar em uma resposta sagaz, inteligente e admirável. Nesta manhã, nem consigo me esforçar para tentar.

— Acho que todo mundo já abordou bem todos os ângulos — digo com esforço.

Espero que ele me deixe em paz depois dessa — Bex nunca foi o tipo de professor interessado em constranger ninguém com o intuito de provar um ponto —, mas em vez disso ele mantém o olhar fixo no meu.

— Você não leu o livro ou algo assim? — pergunta ele.

— O quê? — respondo, escutando a irritação na minha voz. — É claro que li.

— Ok. — Bex dá de ombros. — E aí?

— E aí nada — retruco, subitamente sem paciência para qualquer que seja o joguinho que ele está tentando fazer. — É que é difícil ficar empolgada sobre a estética do texto quando uma personagem feminina morre nas primeiras vinte páginas e a outra passa o resto do livro todo sendo explorada por homens nojentos enquanto tenta fazer um aborto, só isso.

Por um segundo, a sala fica tão silenciosa que eu consigo ouvir meu batimento cardíaco. Então um coro de risadas e *uhhs* toma conta do cômodo. Chloe gira para me encarar, com os olhos chocados e arregalados; Gray ergue o queixo em um cumprimento irônico e satisfeito.

Apenas o rosto de Bex está completamente impassível, e é assim que noto que fui longe demais. Claro, nós sempre mantemos um clima brincalhão na aula dele, fazemos piadas sobre os livros que estamos lendo e os autores que os escreveram, mas isso...

Não foi a mesma coisa.

Abro a boca para pedir desculpas, mas ele ergue a mão para me impedir.

— Viu só? — diz ele, com a voz tão, tão controlada. — Sabia que você teria uma opinião.

Ele faz um gesto com a cabeça em direção à porta quando o sinal do fim da aula toca.

— Turma dispensada.

t

Minha entrevista na Brown é no sábado bem cedo. Acordo quando a alvorada começa a se expandir acima do horizonte, azul e cinza, então passo quase uma hora obcecada sobre a minha roupa: se eu usar um vestido, vou parecer pouco séria? Se eu *não* usar um vestido, passarei

outra mensagem? Acabo me decidindo por uma calça skinny preta e uma camisa azul com rendas, além de um cardigã off-white da minha mãe. Completo com uma pulseira da sorte que era da minha avó, então roubo minhas botinhas de salto reto de volta do quarto de Gracie e vou para o andar de baixo, onde meus pais estão bebendo café à mesa da cozinha.

— Você parece ferina — diz minha mãe, fazendo um movimento de aprovação com a cabeça.

— “Apesar de pequena” — completa meu pai, erguendo a caneca em uma saudação. — Isso é Shakespeare, caso você queira usar na entrevista. Sabe, mostrar o quanto é esperta, dizer que herdou a inteligência do seu velho pai.

— Ela não é mais tão pequena — lembra minha mãe, revirando os olhos com afeto antes de me encarar. — Pronta pra sair?

Hesito por um momento, sentindo toda a incerteza acumulada em mim nas últimas semanas se erguer como uma onda.

— Assim — digo, em tom de brincadeira —, eu não *preciso* de verdade estudar numa faculdade da Ivy League, certo?

— Para com isso — repreende meu pai, me puxando para perto com a mão livre e beijando o topo da minha cabeça. — Não está na hora de pensamentos negativos.

Minha mãe despeja o resto do café em um copo para viagem antes de me guiar para a garagem e ligar ambos os aquecedores de banco. Na teoria, eu poderia ir dirigindo — Providence fica a apenas 45 minutos de distância —, mas fico feliz com a companhia. Apoio a cabeça no encosto do banco e observo as árvores sem folhas pela janela, escutando o murmúrio da estação universitária de Boston que minha mãe gosta de ouvir.

Em dado momento, saímos da autoestrada para o centro de Providence, passando pelo grande shopping, pelo rio e pelas lojinhas fofas e os restaurantes aninhados pela Thayer Street.

— Vou procurar uma Starbucks para me sentar e ler — diz minha mãe quando encontra um lugar para estacionar o carro perto do campus, se debruçando por cima da marcha do carro e me envolvendo em um abraço com aroma de lavanda. — Me manda uma mensagem quando acabar.

Ela se afasta e me olha por um momento; então prende uma mexa de cabelo atrás da minha orelha e sorri.

— Está nervosa? — pergunta.

— *Nope* — minto.

— Aham. Apenas seja você mesma — diz ela, claramente não se deixando enganar, e me dá outro abraço. — Se eles forem espertos, vão te amar por fazer isso.

Não consigo deixar de sorrir ao fechar a porta do passageiro atrás de mim: afinal, foi exatamente o que eu disse para Grace há algumas noites, não foi? *Apenas seja você mesma*. O problema é que ultimamente eu não ando cem por cento certa de quem sou.

Tenho algum tempo para matar antes da entrevista, então dou uma volta pelo campus movimentado — eu de fato encontro o Auditório Beckett, o que faz meu estômago se revirar um pouco — antes de me sentar nos degraus do centro estudantil para esperar. Avisto uma garota de cachecol vermelho com um case de violão preso às costas e um cara branco com cara de chapado e um bigode absurdamente hipster com voltinhas nas pontas e duas morenas bonitas dividindo um donut de chá verde com as mãos enluvadas entrelaçadas. A melhor parte é como ninguém me olha de volta com qualquer interesse, como se eu pudesse ser quem eu quisesse neste lugar.

Minha entrevistadora é uma ex-aluna da Brown que se formou há alguns anos mas ficou no campus para trabalhar no escritório de admissões; ela é alta e esguia, com dreads escuros e longos. Nós nos sentamos no café do campus, e ela me pergunta sobre minhas aulas e atividades extracurriculares, e quais dos meus projetos teve mais significado para mim.

— Eu li o editorial que você mandou — comenta ela, dando um gole no latte.

Ela está usando uma blusa de seda de um tom vivo de laranja e uma calça larga de lã, e eu imediatamente quero ser igualzinha a ela quando crescer.

— “Regras para ser uma boa garota.” Preciso admitir, fiquei muito impressionada.

Sorrio e abaixo a cabeça, satisfeita mas não querendo parecer convencida demais; o que, penso de repente, é algo com o que eu provavelmente não me preocuparia se fosse um cara. Eu me forço a erguer o rosto de novo e a olho bem nos olhos.

— Obrigada — digo, e minha voz quase não treme. — Eu me dediquei bastante a ele.

— Deu para notar. — Kalina assente. — O que te motivou a escrever algo assim?

Hesito. *Bem, meu professor de literatura avançada me beijou no apartamento dele* não me parece uma história muito boa para se contar em uma entrevista de faculdade; e, na verdade, esse nem foi o único motivo que me levou a escrevê-lo.

— Parece que existe muito “dois pesos, duas medidas” para garotos e garotas — explico enfim, segurando o copo de café com ambas as mãos. — Quer dizer, na vida, mas especialmente no ensino médio. Uma vez que comecei a notar essas disparidades, foi como se não conseguisse mais parar. E sinto que, antes de podermos tomar qualquer atitude, antes de podermos, sabe, começar a eliminá-las, nós precisamos no mínimo apontá-las.

Kalina faz que sim com a cabeça, anotando alguma coisa no caderno Moleskine. Ela me pergunta o que me vejo fazendo depois da faculdade — jornalismo, explico, por mais que eu saiba que não é fácil viver disso —, e em certo ponto a conversa chega em como é morar em Providence e se vai mesmo nevar mais tarde como afirma a previsão.

— Espero que não — diz ela com uma careta. — Sou do Texas, e nunca tinha tido uma bota de neve antes de me mudar para cá. Ainda estou me acostumando aos invernos da Nova Inglaterra.

— A adaptação foi difícil? — pergunto.

— Eu com certeza fiquei com saudade de casa — conta Kalina, se recostando na cadeira e parecendo refletir. — E, honestamente, este campus é bem branco. Está melhor agora do que na minha época de aluna, mas ainda precisa melhorar muito.

Penso nos alunos que vi vagando por ali; para ser sincera, me parece bem mais diverso do que o meu colégio, e percebo com um sobressalto o quão pouco eu já parei para pensar sobre isso. Do mesmo jeito que a maioria dos caras não entende de verdade como é simplesmente *ser* uma garota, reflito agora, eu definitivamente não dediquei tempo o bastante para pensar em como é simplesmente *ser* negro ou não branco, ou falar outra língua, ou vir de outro lugar.

— Entendo.

Kalina assente.

— Então, acho que é só isso por enquanto — diz ela, fechando o caderninho e abrindo um largo sorriso. — Aqui, pega o meu cartão, assim você pode entrar em contato se alguma coisa acontecer. Eu te desejaria sorte, mas, sinceramente, Marin... com suas notas e atividades extracurriculares, você nem vai precisar.

— Jura? — Não consigo controlar a empolgação boba na minha voz. — Você acha?

— Juro — diz ela, estendendo a mão por cima da mesa para apertar a minha como uma promessa.

DEZESSEIS

No dia seguinte, eu vou ao Sunrise visitar a vovó. Quando bato na porta da suíte, vejo que ela está fazendo as palavras cruzadas do *Globe*, dando batidinhas distraídas com a caneta nos lábios pintados.

— Barrinhas de granola — informo, colocando o Tupperware na mesinha de centro da área de estar. — Gracie que fez.

Vovó ergue as sobrancelhas.

— Parece saudável — comenta ela em um tom agourento.

— É com gotas de chocolate — respondo, me aconchegando ao lado dela no estreito sofá de dois lugares e inalando seu aroma familiar de tangerina e flores tropicais. — Mal dá para sentir o gosto da chia.

Ela abre um sorrisinho presunçoso.

— Aqui — diz ela, me entregando o jornal e se recostando nas almofadas. — Me ajuda com isso. Sou inútil em pistas relacionadas à cultura pop.

Olho para as palavras cruzadas, surpresa em ver que está quase toda preenchida.

— Parece que você anda se saindo muito bem sem mim.

Vovó faz um gesto indiferente.

— As palavras cruzadas do *Globe* são fáceis — argumenta ela, apesar de eu perceber que está um pouco satisfeita consigo mesma. — Dizem que ajuda a manter o cérebro em boa forma, por mais que não vá fazer muita diferença no meu caso.

— Claro que vai! — digo, com um sorriso meio constrangido.

Nunca sei exatamente como agir quando a vovó menciona a doença dela. A verdade é que o Alzheimer é progressivo; ela nunca vai melhorar, ou se mudar do Sunrise de volta para a própria casa. O truque, minha mãe sempre diz, é curtir-la enquanto a temos; o que, lembro a mim mesma, foi exatamente o que vim fazer.

Abro o pote de barrinhas de granola — vovó tem razão, elas têm gosto de comida saudável — e pego a jarra de chá gelado na geladeira. Terminamos de preencher as palavras cruzadas enquanto eu conto sobre a minha entrevista na Brown.

— Ela basicamente disse que eu não preciso me preocupar — concluo com um sorriso.

— Pode apostar que não — diz a vovó, erguendo o copo em um brinde. — Eu não esperaria nada diferente de você, minha Marin.

— Como *você* era na época da faculdade? — pergunto, me lembrando de repente do que ela me disse sobre não ter sido tão bem-comportada na minha idade. — Tocava o terror mesmo?

— Tive meus momentos. — Ela olha para mim por cima do copo. — Fui presa em Boston uma vez, protestando contra a Guerra do Vietnã.

— O quê? — Fico boquiaberta. — *Mentira*.

— Por que é tão difícil de acreditar? — Vovó parece abertamente satisfeita consigo mesma agora, com os olhos azuis brilhantes e astutos. — Ah, eu jurei ao seu avô que nunca contaria a ninguém. Acho que nem a sua mãe sabe.

— É, também acho que ela não sabe. — Tento imaginar a cena: vovó com seus brincos de pérola e calças confortáveis da Eileen Fisher. — Você era rebelde.

— Bem. — Vovó quebra uma barra de granola ao meio. — Acho que sim. Mas não me parecia na época. Parecia necessário, só isso. Era o que eu podia fazer para corrigir o que estava errado.

— Você também queimou o sutiã? — Dou uma risada.

Vovó ergue as sobrancelhas.

Levo uma das mãos à boca.

— Vovó!

— Ah, eram os anos sessenta — justifica ela, fazendo um gesto indiferente e dando de ombros. — Ninguém usava sutiã, pra começo de conversa.

Acho graça.

— Mais alguma coisa que queira me contar sobre essa vida secreta

que vem me escondendo pelos últimos, hum, dezessete anos?

Vovó pensa por um momento.

— Meus primeiros protestos foram durante o movimento dos direitos civis dos negros — conta ela. — Fui a Washington assistir ao discurso do dr. King com meu grupo da igreja, mas disso você já sabia.

— Vó, posso te garantir que eu *não* sabia disso. — Fico encarando-a, estupefata.

— Bem — continua ela, espanando as migalhas do colo. — Acho que sempre senti que poderia ter feito mais, na verdade *sei* que poderia ter feito mais, então não parecia certo ficar me gabando sobre isso por aí.

Assinto devagar, pensando em um dos ensaios de *Má feminista* — aquele sobre o filme *Histórias cruzadas*, que diz que ele é uma obra de ficção científica, não ficção histórica. Lembro-me de assistir a ele com a minha mãe em um dia em que estava doente e tive de ficar em casa; sinto vergonha em admitir que achei muito inspirador, sem perceber que havia toda essa narrativa racista sobre uma moça branca chegando heroicamente para combater a desigualdade, quando na realidade é claro que as mulheres negras já vinham lutando as próprias batalhas havia anos e anos. Quanto mais eu leio e aprendo nos últimos tempos, mais trabalho sei que tenho pela frente.

— Então, o que aconteceu? — pergunto, me sentando sobre uma das pernas. — Como é que eu nunca fiquei sabendo de nada disso?

Ela dá de ombros, como se nunca tivesse parado para pensar no assunto.

— Seu avô e eu nos casamos. Acho que é uma história bem comum. Sua mãe e seus tios precisavam de mim, e o resto... — Ela faz uma pausa. — Ou isso pode ser só uma desculpa, é claro. Acho que não tem como saber com certeza.

— Você sentiu falta? — pergunto, catando as gotas de chocolate e as cerejas da minha barrinha antes de colocar o resto em um guardanapo. — De protestar?

— Bem, acho que eu comecei a protestar de jeitos diferentes — fala ela, pensativa. — Ligando para o gabinete dos meus senadores, escrevendo cartas, doando dinheiro para causas em que acreditava. Nos anos 1990, os funcionários do escritório do senador Kennedy e eu nos tratávamos pelo primeiro nome. — Ela me lança um olhar cheio de significado. — Gosto de pensar que há maneiras diferentes de ser rebelde. Fazer o que podemos com o que temos e tudo mais.

— Caramba — comento, balançando a cabeça. — Eu não fazia ideia.

— Ora — provoca ela —, talvez você não esteja fazendo perguntas suficientes pra sua velha avó — Ela sorri. — Melhor aproveitar enquanto eu ainda me lembro das respostas.

Franzo a testa. A ideia de que a vovó não vai estar sempre aqui causa uma queimação atrás das minhas costelas.

— Vó — começo, mas acho que ela percebe que me abalou, porque ergue uma das mãos com elegância.

— Estou só brincando, minha querida.

Ela estende a mão e aperta meu braço, então olha para fora da janela; não está tão frio hoje, um alívio surpreendente.

— Agora — diz ela, juntando as mãos. — Você quer dar uma caminhada até a padaria, ver se conseguimos arrumar um cookie minimamente decente?

Fazer o que podemos com o que temos, lembro a mim mesma com firmeza.

— Eu adoraria — respondo, tampando o pote das barrinhas de granola e me levantando. Vovó desliza a mão para junto da minha.

DEZESSETE

O campeonato feminino de vôlei é na próxima quarta-feira, e, estranhamente, as pessoas estão de fato falando sobre o evento. Uns dois alunos mais novos do que eu até me disseram que gostaram do editorial que escrevi sobre a notória falta de apoio da escola ao time.

— Acho que a gente devia fazer um cartaz ou algo assim — diz Dave, desembrulhando o sanduíche de peru na nossa mesa nos fundos do refeitório.

O clube do livro tem se sentado junto com mais frequência ultimamente; não todo dia, mas umas duas vezes por semana, o que é legal, já que Chloe parece não querer nada comigo e, se não fosse por isso, eu estaria passando meu horário de almoço na biblioteca, trabalhando no meu editorial sobre a lei *Title ix*.

— Tem um monte de material que sobrou dos eventos pré-jogos — sugere Lydia. Ela é representante de turma na associação de estudantes e sempre tem informações sobre balões, cartolinas ou cookies de gotas de chocolate dando sopa. — Podemos nos encontrar depois das aulas.

Assinto.

— Estou com o carro da minha mãe hoje — digo sorrindo enquanto Lydia me oferece um dos seus palitinhos de cenoura —, então posso levar algumas pessoas.

— Não precisa — fala Gray. — Consegui uma carona pra gente.

Eu me viro para olhá-lo. Nem tinha notado ele se aproximando pelas minhas costas, e sinto um formigamento na pele como sempre sinto quando não tive tempo para me preparar direito antes vê-lo.

— O quê?

Ele dá um sorrisinho travesso.

— Vocês vão ver. Só me encontrem na frente da escola depois da aula.

t

Está congelante do lado de fora da escola, as árvores balançando seus galhos sem folhas no fundo do estacionamento e nossas respirações visíveis no ar gelado. Encontro Gray com a turma do clube do livro nas mesas de piquenique que ficam nas laterais do prédio; ele está trabalhando em um cartaz no qual se lê **vai, bridgewater**, mordendo o lábio inferior com concentração.

— Que foi? — pergunta ele quando ergue o olhar e me vê sorrindo.

— Nada — digo, balançando a cabeça. — Belo cartaz.

— Ah, dá um tempo — responde ele, corando (corando!) só um pouquinho. — Nem todo mundo é um desses escritores inteligentes e rebuscados.

— Eu não sou rebuscada — afirmo, apesar de não estar exatamente ofendida.

— Acho que você é meio rebuscada — retruca Gray.

Estou prestes a responder quando um ônibus escolar entra no estacionamento com o motorista buzinando em um cumprimento animado.

— Ah, que bom — diz Gray, finalizando o cartaz e endireitando o corpo. — Nossa carona chegou.

— Calma aí, o quê? — Fico sem reação. — Você conseguiu... um ônibus da escola pra gente?

— Eu consegui o ônibus do time de lacrosse — admite ele, parecendo ligeiramente satisfeito consigo mesmo —, mas tem uma condição.

— Qual?

— A gente não vai sozinho. — Gray indica a entrada do ginásio com a cabeça, e eu arregalo os olhos. O time inteiro de lacrosse está saindo do vestiário e indo para o ônibus. Bem, quase o time inteiro; Jacob faz questão de me olhar com cara feia e andar na direção oposta.

— É sério? — Encaro Gray com a boca aberta. — Você convenceu

todos eles a irem dar apoio?

— Eles quiseram — responde Gray, e eu lanço um olhar desconfiado para ele. — Ok, tá bom, talvez *quiseram* não seja o melhor termo, mas ainda assim.

Dou uma risada alta enquanto a turma do clube do livro observa, maravilhada. Até a sra. Klein parece surpresa.

— Isso foi bem decente da sua parte, Gray — comento.

— Bem — diz ele. — Acho que, se você me conhecer melhor, vai ver que eu sou um cara bem decente.

Abro a boca, sem saber como responder. Ele não é quem eu pensei que fosse, disso não há dúvida.

— Todo mundo pronto para embarcar? — pergunta a sra. Klein, me salvando do meu próprio silêncio constrangedor.

Jogo o que sobrou do material de arte dentro do porta-malas do carro da minha mãe e subo no ônibus, ocupando o assento vazio ao lado de Gray antes de ter tempo para me convencer do contrário.

O jogo acontece em St. Brigid, uma escola particular só para garotas a duas cidades de distância, com janelas do chão ao teto e laboratórios de ciência de última geração. Gray vai até a lanchonete — uma lanchonete de verdade, não as máquinas de venda automáticas toscas que ficam alinhadas na frente da nossa escola — e volta com um refrigerante enorme para si e um monte de saquinhos de amendoim para todo mundo.

— Você virou, tipo, o pai da galera do clube do livro agora? — pergunto, dando um sorrisinho enquanto ele distribui os amendoins.

— Talvez — diz ele. — Quero ver todo mundo comportado ou então vamos todos de volta para casa.

Rio pelo nariz e pego um amendoim.

— Você é meio que um nerd, né? Esse é, tipo, seu grande segredo?

Gray dá de ombros.

— Um deles — admite, com o olhar fixo no meu.

O dorso da mão dele esbarra no meu. Consigo me convencer de que é um acidente até que volta a acontecer alguns minutos depois; o leve toque dos nós dos dedos dele sobre meus dedos, seu mindinho quase se enlaçando no meu. Mordo o lábio.

— Gray...

Ele ergue as sobrancelhas.

— Marin — diz ele, imitando meu tom com perfeição.

Solto o ar, hesitante. Não é que eu não esteja interessada,

obviamente. Para ser sincera, ando interessada nele desde o dia do nosso primeiro encontro do clube do livro, quando ele consertou o zíper da minha mochila no estacionamento da escola. Ou até mesmo antes disso. Não é como se eu nunca o tivesse notado, sempre cercado de admiradoras; é só que prometi a mim mesma que nunca seria uma delas.

— Você sabe o que todo mundo diz sobre as garotas que ficam com você, não sabe? — pergunto enfim.

Espero que ele se faça de bobo, mas ele assente na mesma hora.

— Na verdade, sei — admite. — E é escroto. Não sei o que as pessoas têm a ver com isso. A gente só está se divertindo.

Isso me surpreende, mesmo que provavelmente não devesse me surpreender. Eu mesma sou culpada, não sou? Quantas vezes Chloe e eu ficamos na minha varanda reclamando de garotas que tiveram a audácia de beijar garotos dos quais éramos a fim, ou como alguma garota do segundo ano estava vestida com uma roupa vulgar no baile do Dia dos Namorados? Preciso admitir, de todas as supostas conquistas de Gray, eu nunca ouvi ninguém dar um pio sobre ele ter sido nada menos do que cavalheiro com todo mundo. E eu certamente nunca o ouvi falando mal de ninguém.

— Enfim — ele continua, abrindo um amendoim e sorrindo para mim. — Quem disse que eu estou tentando ficar com você, pra começo de conversa?

— Eu... — De repente, estou de volta ao apartamento de Bex; com certeza interpretei mal a situação, confundi as intenções dele. — Eu não estou dizendo...

Meu rosto deve transparecer o pânico, porque Gray dá um cutucão delicado no meu ombro.

— Quero dizer, eu definitivamente estou tentando ficar com você — admite ele. Então dá de ombros. — Mas, escuta, sei que isso vai parecer uma cantada barata, e não é. Eu não estou só tentando ficar com você, ok?

Ergo as sobrancelhas.

— Ah, não?

— Não — confirma Gray. — Eu estava falando sério aquele dia. Acho bem maneiro o que você está fazendo. Você meio que me deixa impressionado.

Penso nisso por um momento. Passei as últimas semanas me sentindo tão excluída que é difícil imaginar que Gray pudesse achar

que estou fazendo alguma coisa maneira.

— Bem — respondo finalmente. — Vou me lembrar disso.

— Faça isso — diz Gray, com os olhos calorosos fixos em mim. — Agora, se me dá licença, estou tentando assistir ao jogo de vôlei.

Solto uma risada pelo nariz.

— Ah, desculpa, estou te distraindo?

— Na verdade, está — afirma ele, com um sorriso malicioso.

Não consigo evitar sorrir de volta.

t

É estranho assistir ao time feminino de vôlei defender o seu título — afinal, eu sei que é só um jogo. Mas alguma coisa sobre ele me deixa esperançosa, e quando Elisa faz o ponto da vitória bem no final do último set, todos nós saltamos feito lunáticos, berrando enquanto o juiz sopra o apito e o resto do time inteiro invade a quadra. Lydia e Dave estão dando todos os tipos de *high-five* existentes. A sra. Klein está gritando igual a uma fanática de futebol americano bêbada.

— Ai, meu Deus! — Jogo os braços ao redor do pescoço de Gray antes de ter total noção de que vou fazê-lo, quase o derrubando, e quando ele abaixa a cabeça para me beijar, me parece a vitória mais surpreendente de todas.

DEZOITO

Bex devolve nossas dissertações corrigidas na manhã seguinte. Estou tão preparada para um 10 que por um segundo é isso o que penso que estou vendo antes de perceber que o número no topo da página, na verdade, é um 5 bem vermelho.

Calma aí, *o quê?*

Viro a folha para baixo tão rápido quanto é humanamente possível, olhando ao redor para garantir que ninguém viu enquanto meu corpo inteiro esquenta de vergonha e incredulidade. Eu nunca tirei um 5 na vida, quanto mais em alguma coisa que envolvia trabalhos escritos. Quanto mais em algum trabalho para *Bex*. Simplesmente... não acontece.

Exceto que, pelo visto, agora acontece.

Temos uma lição de vocabulário esta manhã, mas eu mal escuto qualquer coisa dita durante a aula toda devido ao eco horrorizado dentro da minha cabeça. No final da aula, eu já criei um discurso em minha defesa digno da própria Ruth Bader Ginsburg, mas quando finalmente chego à frente da sala vazia, tudo o que sai da minha boca é um engasgo.

— O que aconteceu? — consigo dizer, segurando o papel amassado à minha frente, as páginas cuidadosamente digitadas penduradas como bandeiras brancas.

— Sinto muito, Marin — diz Bex com uma expressão desapontada. — Mas esse trabalho simplesmente não alcançou seus padrões de sempre.

— O qu... — Balanço a cabeça. — Por que não?

— Estava apressado e sem capricho. Parece que você nem tentou. Sei que tem gastado bastante tempo nos seus editoriais. Talvez ande distraída.

— Isso não é verdade — retruco. — Quer dizer, talvez não tenha sido o meu melhor trabalho. Mas, sério, 5?

Bex dá de ombros.

— Se você precisar compensar, podemos conversar sobre trabalhos extra.

Alguma coisa na atitude dele causa um formigamento desagradável na minha nuca. Isso não é sobre o trabalho. Parece pessoal.

— Qual é a questão de verdade? — pergunto.

— Como é que é? — As sobrancelhas de Bex quase desaparecem totalmente do rosto dele.

— Eu não mereço essa nota. Eu simplesmente... não mereço.

Nós nos encaramos por um minuto até que Bex solta o ar ruidosamente.

— O que você tem, hein? — pergunta ele, se recostando na mesa e esfregando o cabelo sobre a nuca; por um momento, ele é o mesmo Bex que eu reconheço, cuja aula era a parte preferida do meu dia.

Isso me faz parar.

— O quê?

— Você tem sido muito difícil de agradar ultimamente. Com a lista de leituras e sua atitude dentro da sala de aula... E, quer saber, eu não queria comentar sobre seus editoriais no *Beacon*, mas honestamente...

— Ele se interrompe.

Franzo a testa.

— Honestamente o quê?

Ele estreita os olhos.

— Achei que você tivesse dito que estava tudo bem.

Dou um passo para trás.

— Se estivesse tudo bem, eu não teria recebido um 5 nesse trabalho?

As palavras saem antes que eu consiga pensar direito. Por um momento, elas pairam entre nós feito um desafio. Finalmente, Bex aperta os lábios e um músculo se contrai na sua mandíbula.

— Olha lá, Marin — fala ele em tom de aviso. — Eu sou seu professor.

— Pois é — respondo, enfiando a folha inútil na mochila e me

virando na direção da porta. — Eu sei.

t

Não menciono a nota para os meus pais. Não sei o que me impede exatamente; não sei dizer quem estou protegendo — a mim mesma ou Bex. É minha vez de tirar a mesa depois do jantar naquela noite, e eu seguro os pratos embaixo da torneira para enxaguá-los, me perguntando se confrontá-lo foi uma atitude inteligente. Pelo menos uma vez, eu queria ter certeza de que estou fazendo a coisa certa.

Guardo a sobra de queijo e *sour cream* na geladeira — meu pai fez tacos esta noite, e a Gracie montou o dela com tanto *jalapeño* que meus olhos lacrimejaram do outro lado da mesa — e limpo as bancadas com uma esponja amarela meio suja. Minha mãe se aproxima pelas minhas costas quando já estou terminando, apoia o queixo no meu ombro e me abraça pela cintura.

— Ah, olá, filha minha — diz ela, me apertando delicadamente. — Eu morro de orgulho de você, sabia?

Lanço um olhar pelo canto do olho para ela. Não sei como ela sente quando eu preciso de um encorajamento extra.

— Valeu.

— Estou falando sério — afirma ela, dando um beijo na minha bochecha antes de se afastar. Ela passa um pano de prato sobre o balcão sem muito capricho, então olha para o relógio do forno e comenta em um tom pensativo: — *Grey's Anatomy* só começa daqui a vinte minutos. Acha que dá tempo de corrermos na lojinha de conveniência para comprar sorvete e voltarmos?

Penso um pouco.

— Se formos rápidas — concluo depois de um momento.

Minha mãe assente e tira as chaves do gancho perto da porta.

— Vamos lá.

DEZENOVE

Gray me leva para patinar no gelo no Frog Pond do parque Boston Common na sexta à noite, sua mão grande e quente em contato com meus dedos gelados enquanto ziguezagueamos pelo ringue lotado. Crianças em patins de hockey passam por grupos de universitários usando casacos com capuz de pelinhos enquanto uma música da Ariana Grande ressoa nos autofalantes; uma árvore de Natal gigante pisca com luzes coloridas.

Quando a seção acaba, tomamos chocolate quente em uma pequena cafeteria com vista para o parque iluminado com lâmpadas de filamento aparente, azulejos com estampa quadriculada e uma grossa cortina de veludo pendurada sobre a porta para não deixar o frio entrar. Gray curva todo o corpo musculoso para se sentar em uma cadeira bamba perto da janela, batendo os joelhos na mesa de mosaico, que não é muito maior do que um prato.

— Tudo bem aí? — pergunto com uma risada, pegando minha caneca antes que o conteúdo se derrame todo.

— Ah, estou ótimo — diz ele, e acho que ele está brincando até erguer o olhar e ver como ele está me olhando, com uma expressão calma e tranquila. Sinto um calor por todo o corpo.

— Bem — falo, dando um gole no meu chocolate quente para disfarçar as bochechas coradas. Eu nunca me senti assim com Jacob, como se meus ossos estivessem realmente brilhando dentro do meu corpo só por estar perto dele. — Que bom.

Gray parte um biscoito de canela gigantesco ao meio e me entrega

uma das partes.

— Minhas mães fazem esses biscoitos todo Natal — conta ele. — Elas dedicam um dia todo só pra isso; as duas têm um monte de irmãs, então minhas tias e todas as minhas primas vão lá pra casa e fazem, tipo, um milhão de tipos diferentes de biscoito.

— E você é o degustador oficial? — brinco.

Gray faz um barulho de desdém.

— Você acha que minhas mães iam me deixar ficar com a bunda na cadeira enquanto um monte de mulheres faz comida para mim? — pergunta ele com uma risada. — Eu faço a minha parte. Fique sabendo que sou um excelente medidor de ingredientes.

— Não duvido — respondo com um sorriso. — Então você tem uma família grande?

— Enorme. — Gray come o biscoito em duas mordidas. — Tipo, vinte e dois primos de primeiro grau. E alguns têm filhos agora. É uma zona.

— Parece legal — respondo, usando uma colher de chá para pegar um pouco do chantilly do meu chocolate quente antes que ele afunde no líquido. — A minha família sempre foi só minha irmã, nossos pais e eu. Esse é um dos motivos de sermos tão próximos à minha avó.

— Ah, é? — Gray parece interessado. — Ela é legal?

— É a melhor — digo na mesma hora, deixando de fora a parte sobre ela nem sempre ser ela mesma ultimamente. — Na verdade, acabei de descobrir que ela tem todo um passado Riot Grrrl que eu nunca soube.

— Que incrível — comenta ele com um sorriso.

Ficamos no café por um tempão, até a multidão rarear e só sobrarmos nós dois e uma mulher elegante de meia-idade bebendo um expresso, mas eu continuo sem qualquer pressa para ir embora. Gray faz ótimas perguntas e é cheio de histórias autodepreciativas sobre ser o único cara em uma família cheia de mulheres; ele tem uma irmã chamada Alice que estuda ciências políticas em Chicago.

— Vocês vão gostar uma da outra — comenta, totalmente confiante, e não consigo deixar de sorrir por ele ter usado o verbo no futuro.

Por fim os baristas começam a limpar as mesas de um jeito que parece uma indireta. Saímos e caminhamos pela Charles Street, com nossos passos ecoando nos paralelepípedos. Sons de risadas escapam pelas portas dos bares. O clima deveria ser festivo — só faltam alguns

dias para as férias de Natal, e tem luzinhas e guirlandas penduradas pela rua vazia —, mas aqui fora, no frio e no escuro, sinto a nuvem de pavor que vem me seguindo ultimamente voltando a me espreitar. Eu tinha me esquecido da conversa de ontem com Bex enquanto Gray e eu estávamos distraídos — eu tinha me esquecido de tudo, na verdade —, mas a sensação não dura para sempre. Essa história toda é uma bagunça desconcertante e humilhante. Meu Deus, o que eu vou *fazer*?

Gray percebe que tem alguma coisa rolando; ele vem tagarelando alegremente, mantendo a conversa fluindo por nós dois, mas quando passamos os cartões na entrada da bem-iluminada estação T, ele para.

— Está tudo bem? — pergunta ele, com as bochechas rosada por causa do frio. — Você meio que parece... estar com a cabeça em outro lugar.

Balanço a cabeça.

— Não é nada — garanto, enquanto pegamos a escada rolante para a plataforma elevada do trem, com o extenso e escuro rio Charles visível à distância. O enorme letreiro de neon branco, laranja e azul de um posto de gasolina brilha. — É bobagem.

— É nada, ou é bobagem?

Hesito.

— Ambos? — digo, baixando o olhar para o trilho em busca de qualquer sinal do trem, por mais que o quadro de horários na plataforma informe que ainda precisamos esperar dez minutos. — Nenhum dos dois? — Suspiro, meu hálito quase visível. — Não sei.

Gray assente, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

— Você não precisa me contar merda nenhuma, é óbvio — diz ele, balançando para a frente e para trás sobre os saltos da bota. — Mas tipo, só para você saber, você pode, se quiser. Talvez seja uma surpresa, mas eu sou um ótimo ouvinte.

Solto uma risada pelo nariz, não consigo evitar.

— Você tem noção de que as pessoas que se identificam como boas ouvintes nunca são de verdade, não tem?

— Ah, é mesmo? — retruca Gray com uma expressão travessa. — Você inventou essa teoria enquanto eu estava te contando a história da minha vida agora mesmo e você estava, tipo, reorganizando sua gaveta de meias mentalmente?

— Que grosseria! — reclamo, dando uma cotovelada no bíceps dele. Inclino a cabeça para olhar o céu.

— Sei, sei — diz ele, com covinhas nas bochechas.

Então balança a cabeça.

— Marin — diz ele, baixo o suficiente para mais ninguém da plataforma ouvir. — Me dá uma chance.

Eu suspiro, então apenas... conto para ele. Conto tudo: sobre Bex e como Chloe tem estado tão ocupada que às vezes parece que está me evitando e sobre mentir para os meus pais e sobre a nota baixa no trabalho e a furtiva sensação de que é tudo culpa minha.

— Não quero causar problemas para ninguém — concluo, tremendo um pouco dentro do casaco. — Mas também sinto que fingir que nada aconteceu não está funcionando.

Gray fica quieto por um longo tempo quando termino. Então balança a cabeça.

— Puta merda, Marin — diz ele, e a raiva na sua voz me surpreende. — Esse cara é um babaca.

Solto uma risada rouca, tão alta e súbita que uma mulher nos olha com curiosidade do outro lado da plataforma. Percebo na mesma hora que era isso o que eu esperava que Chloe dissesse quando contei para ela. O que eu meio que *precisava* que ela dissesse.

— Pois é — respondo, engolindo o já familiar aperto na garganta, aquela sensação de que estou tentando manter o controle. — Acho que ele meio que é.

— Não meio que — declara Gray com um tom decisivo. — Ele é cem por cento babaca.

Olho para minhas botas no concreto.

— Você acha que eu deveria contar para alguém?

Ele pensa por um momento.

— Não faço a menor ideia — diz, por fim, transparecendo muita honestidade. — Acho que essa deve ser uma daquelas situações em que minha mãe diria que você precisa decidir com o que consegue conviver, o que é realmente um dos conselhos maternos que eu menos gosto porque significa que não há uma resposta certa.

Ele dá de ombros.

— Mas posso te garantir que vou te apoiar, não importa o que decidir.

Então o trem chega na estação, veloz e barulhento. Gray segura a minha mão.

VINTE

Marco um horário com o sr. DioGuardi durante o meu intervalo na segunda-feira antes das férias de Natal, e agora estou sentada na beiradinha da poltrona de couro falso dedicada às visitas, com as mãos enfiadas embaixo das coxas para impedi-las de tremer. A sala dele é pequena e entulhada: a mesa está lotada de pastas de arquivos. Tem uma planta murcha em um vaso sobre o parapeito e uma foto dos filhos dele na estante de livros, dois garotos com cara de universitários, cabelos ruivos e sardas fazendo palhaçada em uma área de acampamento. Parte de mim não consegue repelir o desejo de que ele também tivesse uma filha.

— Só me dê mais um segundinho — diz em tom vago, levantando um dedo e estreitando os olhos para a tela do computador; a julgar pelos apitos e ruídos que a coisa vem fazendo pelos últimos seis minutos que passei sentada aqui, ele pode estar ou tentando *hackear* uma base de dados do governo ou tentando, sem sucesso, enviar um e-mail com anexo.

— Não tem pressa — respondo, por mais que, na verdade, quanto mais ele me deixa esperando, mais eu me sinto à beira de pular para fora da minha pele e disparar pelo corredor afora soltando músculos e vísceras pelo caminho. Respiro fundo e me forço a ficar parada. *Calma e rápida*, lembro a mim mesma.

Finalmente, o sr. DioGuardi entrelaça os dedos por cima do teclado, franzindo a testa e se sobressaltando ao apertar a tecla de espaço sem querer. O computador faz um “ding” em protesto, e eu mordo a parte

interna da bochecha para reprimir uma risadinha nervosa.

— Muito bem — começa ele. — Marin, como posso te ajudar?

Respiro fundo.

— Bem...

— Por sinal, eu ando lendo seus editoriais no jornal — conta ele, erguendo as sobrancelhas de uma maneira que não sei ao certo como interpretar. — Não sabia que tinha tanto a dizer sobre as políticas de gênero aqui em Bridgewater.

— Pois é. — Eu me esforço para abrir um sorriso alegre e inofensivo. — Acho que comecei a pensar nisso nos últimos tempos.

O sr. DioGuardi assente.

— É o que parece. — Ele pigarreia. — Vamos lá, o que você tem para me contar?

Engulo em seco, afundando as unhas nos joelhos cobertos de náilon.

— É sobre o sr. Beckett — admito.

— Ah, é? — O sr. DioGuardi contrai as sobrancelhas com cautela. — O que tem ele?

Respiro fundo e me atenho aos fatos o máximo possível, começando com o primeiro dia em que ele me deu carona para casa e terminando com a tarde no apartamento dele.

— Ele me beijou — digo, me encolhendo. Meu Deus, não acredito que estou usando essas palavras na frente do sr. DioGuardi. Não acredito que estou dizendo essas palavras para me referir a *Bex*. Tudo sobre essa situação é humilhante.

Quando termino, o sr. DioGuardi fica em silêncio por um longo tempo, dando batidinhas ritmadas com o apito nos dois dentes da frente.

— Essa é uma acusação séria, Marin — diz finalmente. — Você entende que eu tenho o dever de reportá-la ao conselho da escola. Eles vão querer fazer uma investigação completa.

— Ok — respondo devagar, sem saber ao certo se ele está tentando me desencorajar ou não. Meio que parece que talvez esteja. — Eu só... O que mais há para investigar? — Balanço a cabeça, confusa. — Quer dizer, eu acabei de contar o que aconteceu.

A expressão impassível do sr. DioGuardi vacila de maneira quase imperceptível.

— Bem, é um processo, Marin. Precisaremos recolher mais informações antes de decidir como agir. Eles vão querer interrogá-la

pessoalmente, para começar. E imagino que vão querer falar com o sr. Beckett também.

— E se ele disser que eu estou inventando tudo?

O diretor franze a testa.

— Você *está*?

— O quê? Não! — respondo, com mais rispidez do que pretendia.

— É claro que não!

— Cuidado com o tom, por favor — alerta o sr. DioGuardi, colocando a mão no apito ao redor do pescoço como se estivesse se certificando de que ainda está ali para o caso de precisar me dar uma falta. — Sei que é uma situação... delicada, e é exatamente por isso que existe um procedimento a ser seguido.

Ele dá outro sorriso; tranquilizador, meio de pai.

— Essas coisas levam tempo, Marin. Mas o conselho vai ser cuidadoso. Pode confiar em nós para fazer nosso trabalho.

Seguro os braços da cadeira, sabendo, de alguma forma — pela maneira como ele disse *situação delicada*, talvez —, que qualquer tipo de discussão comprovaria o ponto dele.

— Ok — digo sem questionar, pegando a minha mochila no chão e me levantando tão depressa que fico tonta. De repente aquela sala se torna claustrofóbica, o ar parece quente e denso demais para respirar direito. — Bem, hum, obrigada. É melhor eu voltar para a aula.

O sr. DioGuardi franze a testa. Percebo que ele esperava que eu fosse mais grata a ele. Não estou seguindo o roteiro.

— Marin... — começa, mas forço outro sorriso brando antes que ele possa continuar.

— Aprecio sua ajuda, sr. DioGuardi — garanto. — De verdade.

— Imagina — diz ele, apaziguado.

Voltei a assumir um papel que ele conhece: boa aluna, coeditora confiável do *Beacon*, discreta. Uma boa menina.

— Sinta-se à vontade para vir ao meu escritório se tiver qualquer problema. Estamos aqui para apoiá-la.

Agradeço mais uma vez, mantendo o sorriso estampado no rosto enquanto saio da sala dele. Aceno para a sra. Lynch, que está olhando sua página do Facebook com diligência no computador do escritório. Espero até estar no corredor vazio para deixar a máscara cair, me recostando na parede de armários do primeiro ano e respirando fundo, tentando engolir o redemoinho de pavor que se ergue no meu peito. Eu queria contar o que houve ao sr. DioGuardi para colocar um ponto

final em todo esse episódio horrível.

Mas agora parece que ele mal começou.

t

Gray está esperando ao lado do meu armário depois da última aula, com a gravata já frouxa e um gorro de rena charmosamente ridículo — complementado por um pompom — afundado sobre os cabelos ondulados.

— Oi — diz ele com um sorriso que me faz estremecer apesar da sensação de desgraça iminente que vem me acompanhando desde a reunião com o sr. DioGuardi. — Como foi?

Dou de ombros.

— Acho que tudo bem... — Eu o atualizo da maneira mais rápida e factual possível, tentando não parecer uma pessoa à mercê da própria *situação delicada*. — Pelo visto, só vou saber mais depois das férias.

— Bem, isso é bom, não? — pergunta Gray. — Que ele vai levar a história ao conselho da escola?

— Sim — concordo, por mais que, na verdade, só pensar nisso já me dê vontade de cavar um buraco no banco de neve mais próximo e morar dentro dele até a primavera. Eu me sinto uma idiota por ter imaginado que contaria o que aconteceu para DioGuardi e esse seria o fim da história. Ultimamente, esse parece o tema da minha vida: o que eu *pensei* que fosse acontecer? — É, sim.

— Que bom — repete Gray como se fosse simples assim; no entanto, sei que ele só está tentando me encorajar. — Você vem comer pizza?

Balanço a cabeça. Todo mundo de Bridgewater sempre vai comer pizza no Antonio's no último dia de aula antes das férias de Natal; normalmente, é uma das minhas tardes preferidas do ano, a fila se estendendo até o frio da calçada e o cheiro morno de queijo e pepperoni no ar. Hoje, no entanto, nem consigo me imaginar cercada de tanta gente.

— Tem outra coisa que preciso fazer — digo simplesmente.

t

Quando chego em casa, vejo minha mãe trabalhando no laptop à mesa de jantar, cercada por pilhas de papéis espalhados; meu pai já está preparando o Banquete dos Sete Peixes para a noite de Natal de amanhã.

— Ei, gente? — digo, colocando a mochila no chão do hall de entrada e prendendo o cabelo atrás das orelhas. Eu me preparo para a sensação apavorante de ter dado início a uma série de eventos, mesmo que eu nem tenha certeza de que foi a coisa certa a fazer. — Acho que a gente deveria conversar.

VINTE E UM

Eu espero uma reação explosiva principalmente da minha mãe — afinal, é a mesma mulher que saiu pela rua de pijama e aterrorizou Avery Demetrios quando ela foi má comigo no acampamento de verão depois do quinto ano —, mas em vez disso ela só me ouve, completamente imóvel, com uma das mãos entrelaçada com a do meu pai e a outra com a minha.

— Ele fez *o quê?* — pergunta ela quando chego à parte do beijo, mas meu pai aperta sua mão, e ela imediatamente fecha a boca.

— Desculpa — diz, balançando a cabeça como se tentasse clarear os pensamentos, e noto os olhos dela lacrimejam. — Continua.

É o que faço: encarando o topo da mesa, conto sobre o meu editorial e o trabalho que fiz para a aula, terminando com minha conversa com o sr. DioGuardi hoje. Quando termino, nós três ficamos em silêncio por um longo momento.

— *Caramba*, Marin — fala minha mãe, e quando ergo o olhar, fico surpresa em ver que ela está secando lágrimas com a palma da mão inteira. — Eu sinto muito, muito mesmo que ele tenha feito isso com você.

Nós três ficamos sentados à mesa por um bom tempo, conversando. Meu pai faz um lanchinho de queijo, torradas e uvas. Eles não fazem as perguntas que estou esperando: *Tem certeza de que não se confundiu? Será que você passou a impressão errada para ele? O que diabos estava fazendo no apartamento dele para começo de conversa?* Não sei por quê, mas me sinto um pouco culpada por isso, como se talvez eles

estivessem sendo muito moles comigo.

Todo mundo leva um susto quando a porta dos fundos se abre e Gracie entra tranquilamente, chegando em casa de carona, com as bochechas rosadas por causa do frio.

— Estou morrendo de fome — anuncia, então registra nós três sentados em volta da mesa como se em uma sessão espírita. — O que houve?

Hesito por um momento, então respiro fundo e sorrio.

— Nada — afirmo, oferecendo uma torrada para ela; sentada ali entre os meus pais, sinto que talvez isso possa ser verdade. — Está tudo bem.

t

Vou à casa de Chloe no dia seguinte ao Natal. Paro o carro da minha mãe na frente da casa, desviando do enorme globo de neve inflável no jardim dos pais dela. A cada ano os dois ficam mais e mais empolgados com as festas de fim de ano, colocando bengalas de açúcar de quase um metro de altura ao redor dos canteiros de flores e um Papai Noel motorizado e luminoso acenando ao lado da chaminé. Para Chloe, é literalmente a coisa mais constrangedora do planeta — nenhum dos nossos outros amigos têm permissão para visitá-la entre o Dia de Ação de Graças e o Ano-Novo —, mas eu sempre achei meio incrível.

Depois que a mãe dela abre a porta para mim, eu aceno para os irmãos da Chloe, que estão esparramados no tapete na frente da árvore de Natal jogando Batalha Naval, e encontro Chloe assistindo a um tutorial de delineado no quarto, ainda de pijama.

— Oi — diz ela com uma expressão surpresa quando bato na porta entreaberta.

Franzo a testa.

— A gente vai ao shopping, não vai? — Faz quatro anos que Chloe e eu vamos ao shopping no dia seguinte ao Natal para trocar suéteres feios que ganhamos dos parentes e aproveitar as liquidações. Sempre terminamos com um mocha de menta no café hipster sujinho da Inman Square.

— Ah. — Chloe balança a cabeça, como se isso fosse uma completa novidade, e não algo que fazemos desde antes de menstruarmos pela

primeira vez. — Acho que sim. Sei lá. Achei que você estivesse com Gray.

— O quê? — Eu nem tinha noção de que ela sabia sobre mim e Gray, e sinto uma pontada ao pensar em como estamos afastadas. — Gray vai ficar em New Hampshire com os primos até o Ano-Novo. De qualquer maneira, por que eu estaria com ele? Esse é o nosso dia, certo?

— Certo. — Chloe dá de ombros. — Sei lá.

Franzo a testa.

— Você não quer ir? — É óbvio que eu sei que as coisas andam estranhas entre nós, e não sei se acredito cem por cento em todo esse tempo que ela tem passado com Kyra, mas seria simplesmente tão mais estranho *não* fazer isso.

— Não, podemos ir — responde ela, fechando o laptop; pela sua expressão, parece que eu acabei de convidá-la para passar uma tarde animada cavando um buraco na terra congelada. — Eu só preciso tomar banho.

— Assim, a gente não precisa ir.

De repente, me parece realmente uma má ideia: o mau humor de Chloe, sim, mas também a multidão, a chance de esbarrar com gente da escola. De esbarrar com Bex. Eu me sento na beira da cama desarrumada dela.

— Posso te contar uma coisa? — pergunto, puxando um fio solto da coberta que a mãe dela fez com todas as antigas camisetas de acampamento dela. — Sem que você, tipo, surte?

Chloe ergue as sobrancelhas.

— É sobre como você arrumou problema para Bex com o sr. DioGuardi? — diz ela na mesma hora.

— Eu... — Arregalo os olhos. — Como você sabe?

— Todo mundo está sabendo — responde ela, deslizando o laptop para o colchão e se levantando da cama. — Tipo, a escola toda.

— O quê? Sério? — Sinto o coração afundar. Eu falei com o sr. DioGuardi no último dia antes das férias de propósito para me dar algum tempo antes que a fofoca começasse a circular. — Como?

— Não faço a menor ideia — diz ela, apesar de não olhar para mim.

— Quem contou pra você?

— Faz diferença?

— Bom, faz, Chloe. Se as pessoas estão por aí falando...

— Dá pra você parar de puxar isso? — interrompe ela, indicando a coberta com a cabeça. — O negócio vai se desfazer inteiro a qualquer momento.

— Desculpa.

Solto o fio, secando as palmas subitamente suadas nos joelhos da calça jeans.

— Você está irritada comigo? — pergunto, apesar de a resposta ser bem óbvia. O que eu não consigo entender é o porquê.

Chloe pega o roupão de banho de trás da porta do armário e o pendura no braço.

— Eu só não entendo por que você sequer se deu ao trabalho de me perguntar o que eu achava que você deveria fazer — diz ela, tremendo dentro do moletom de capuz de Bridgewater. — Quando, tipo, você obviamente já tinha traçado seus próprios planos esse tempo todo.

— Calma, calma, calma — protesto. — Eu não tracei plano nenhum. O que você quer dizer com isso?

Chloe bufa como se eu estivesse me fazendo de burra.

— Quero dizer que você resolveu se vingar dele, e agora...

— Me vingar de *Bex*? — Balanço a cabeça. — Isso nem faz...

— Você sabe que ele provavelmente vai ser demitido, né? — interrompe Chloe. — E que nós vamos ficar presos pelo resto do ano com algum professor substituto de cem anos que vai nos fazer ler um monte de bosta entediante e escrever trabalhos detalhados por ordem cronológica, só porque você não pôde deixar um desentendimento idiota pra lá.

— Puta merda, Chloe. — Sinto a garganta apertar, meus olhos arderem; em toda a história da nossa amizade, ela nunca falou comigo assim. — Qual é a droga do seu problema?

— Eu não tenho problema nenhum — retruca Chloe com rispidez, então baixa a voz, olhando por cima do ombro para o corredor. — Só não entendo por que você está agindo desse jeito. Tipo, por que não pode simplesmente admitir que cometeu um erro...

— Eu não cometi um erro!

— Então o quê, você acha que ele está apaixonado por você? — Chloe dá uma risada maldosa. — Como se ele tivesse te levado ao apartamento dele como parte de algum plano supersecreto de te tornar namorada dele?

— Não, claro que não. — Meus olhos estão realmente se enchendo de lágrimas agora, minha visão embaçando. Olho para a luz do teto,

respiro fundo. — Você se lembra que deveria ser minha melhor amiga, né?

— Eu *sou* sua melhor amiga — fala Chloe na mesma hora. — E parte do meu trabalho é dizer quando você está fazendo papel de boba.

— É isso que você acha que eu estou fazendo?

— Acho que você perdeu toda a conexão com a realidade, sim.

— Bem... — E dou de ombros, porque o que mais posso responder? Eu me levanto e penduro a bolsa no ombro, secando o rosto com a parte externa no pulso. — Parece que hoje não é um dia tão bom para ir ao shopping, no final das contas.

— Não — diz Chloe, ainda agarrada ao roupão de banho como se fosse um escudo. — Parece que não.

Desço as escadas e vou direto para a porta, evitando a mãe dela na cozinha. Os garotos ainda estão jogando na sala; dá para ouvir ao longe suas provocações competitivas acima da barulheira do Cartoon Network.

— Afundou! — diz um deles com animação. O som do riso das crianças é a última coisa que ouço antes de fechar a porta.

VINTE E DOIS

Meus pais e eu nos reunimos com o diretor DioGuardi e o conselho da escola durante as férias; todos nos sentamos ao redor de uma mesa dobrável no palco do auditório. Eu me pergunto se eles fizeram o sr. Lyle vir especificamente para organizar o espaço. Dou meu testemunho completo ao conselho, com a estranha sensação de estar me apresentando em uma peça para a qual nunca ensaiei; eles nos garantem que estão levando a questão muito a sério, que também vão conversar com o sr. Beckett.

O resto das férias de Natal é dolorosamente calmo. Gray volta de New Hampshire e me leva para tomar café da manhã no Deluxe Town Diner. Gracie e eu vamos assistir a *O Quebra-Nozes* com nossa mãe. Meu pai vê um milhão de filmes clichês de Natal sem reclamar, se levantando de tempos em tempos para pegar mais cookies de marshmallow com chocolate quente feitos em casa, o que sei que é o código para *Eu te amo e estou aqui*.

Minha mãe me deixa levar o carro dela na primeira manhã de volta às aulas, como um conforto emocional de saber que posso ir embora depressa se precisar. Fecho a porta do motorista antes de disparar pelo estacionamento, o asfalto congelado escorregadio sob minhas botas. A chuva gélida escorre por dentro da gola do meu casaco de inverno, e eu quase levo um tombo feio na escadaria de concreto, me segurando no corrimão no último segundo para não cair.

Balanço o cabelo para fora da roupa ao passar pela entrada do terceiro ano e observo o corredor claro e tumultuado. Harper Russo

ergue as sobrancelhas, então sussurra alguma coisa para Kaylin Benedetto. Michael Cyr me lança um sorriso presunçoso.

Abaixo a cabeça e sigo para o meu armário, dizendo a mim mesma que estou sendo dramática; essa é a minha escola, não o cenário de um filme adolescente dos anos 1990. Ainda assim, pego meus livros o mais rápido possível, me apertando para passar por Cara St. John e Aminah Thomas no gargalo do corredor.

— ... sempre passando tempo com ele na sala do jornal — diz Cara, prendendo o cabelo loiro curto em um rabinho de cavalo. — Não sei o que ela achou que estivesse acontecendo.

— Bem que eu *queria* que Bex tentasse alguma coisa comigo — completa Aminah com uma risadinha, então por acaso olha de relance por cima do ombro e me vê bem atrás dela. O constrangimento no rosto dela é nada comparado à onda quente e formigante de enjoo que transpassa meu corpo inteiro.

É isso. Todo mundo sabe, então.

Eu me arrasto, atordoada, pelas duas primeiras aulas, sentindo como se minha cabeça estivesse enrolada em gaze e eu não conseguisse enxergar ou ouvir ou mesmo respirar direito. Passei a manhã tentando imaginar o que fazer se Bex estiver na sala dele na hora da aula de literatura avançada, e também tentando imaginar o que fazer caso ele não esteja.

— Está pronta? — pergunta Gray, me dando a mão enquanto seguimos pelo corredor, e eu assinto.

Venho dizendo a mim mesma que vou ficar bem não importa o que aconteça, mas não posso negar a maneira como meus joelhos estremecem de alívio quando vejo o professor substituto na frente da sala de Bex, um cara de meia-idade de aparência nerd com o cabelo partido de lado, para esconder a careca, e uma pança.

— Boa — murmura Gray, abrindo um sorriso enquanto nos sentamos. — Viu? O cara foi embora. Não tem motivo para se preocupar.

— É. — Também consigo abrir um pequeno sorriso.

Mas ele emudece quando Chloe entra, parando de repente ao ver o professor.

— Ei — digo baixinho quando ela passa pela minha carteira. — A gente pode conversar?

Chloe me ignora.

O professor substituto se apresenta como sr. Haddock — “igual ao

peixe”, esclarece ele, parecendo visivelmente sentido quando ninguém ri — e se lança na lição do vocabulário da semana. Ele é sem graça igual chuchu e dolorosamente entediante, como Chloe previu. Mas eu não me importo nem um pouco.

Aparentemente, sou a única.

— Essa cara é um saaaaco — murmura Dean Shepherd dos fundos da sala.

— Pelo menos Marin não vai tentar dar pra ele — brinca Michael Cyr em resposta. — Quer dizer... eu acho.

Encaro fixamente meu caderno, com o rosto pegando fogo. Gray lança um olhar para os dois.

— Com licença? — fala Chloe na frente da sala, levantando a mão com formalidade. — Quando o sr. Beckett vai voltar?

O sr. Haddock franze a testa.

— Acho que ele deve voltar amanhã, mas não tenho qualquer intenção de desperdiçar o tempo que tenho com vocês, então se puderem abrir os livros...

Não ouço o resto da aula devido ao súbito ruído que domina a minha cabeça. Por um momento, honestamente, penso que escutei errado.

Amanhã. Ele vai voltar... amanhã?

Meu Deus, como eu sou idiota.

Isso não está nem perto de acabar.

Quando o sinal finalmente toca, eu pulo da cadeira feito uma velocista ao som do disparo de largada, ignorando Gray quando ele tenta me alcançar e tropeçando pelo corredor na direção da administração, onde a sra. Lynch está comendo um saco de biscoitos Famous Amos e devorando notícias em um site de fofocas.

— O sr. DioGuardi está? — falo com pressa.

Ela estreita os olhos.

— Bom dia para você também — diz ela, minimizando a janela do navegador depressa.

Eu não imaginaria que ela fosse fã de Rihanna, mas acho que todo mundo tem várias facetas. Não vejo a hora de contar para Chloe, até que me lembro que Chloe e eu não estamos nos falando.

— Você tem um horário marcado?

Você cuida da agenda dele, penso, mas não digo. *Você sabe que eu não tenho.*

— Hum, não — consigo responder, tentando usar um tom alegre e

acabando com um tom próximo ao totalmente enlouquecido. — Só uma conversa rápida.

A sra. Lynch franze a testa.

— Vou informar que você está aqui.

Eu me sento na sala de espera, observando os segundos tiquetaquearem no relógio arcaico do corredor. Já se passaram quase dez minutos quando a porta se abre e o sr. DioGuardi sai.

— Marin! — exclama ele, parecendo nada satisfeito em me ver. — Pode entrar. Você estava na minha lista de alunos com quem eu precisava retomar contato esta manhã.

Aposto que sim, penso com amargura.

— O sr. Beckett vai voltar amanhã?

O diretor franze a testa.

— Sente-se — diz ele, apontando para uma cadeira vazia em frente a ele. — Era sobre isso que eu queria conversar com você. O conselho da escola investigou suas... alegações durante as férias. No fim das contas, o comitê disciplinar não encontrou nenhuma evidência conclusiva de transgressão, então ele vai voltar às aulas até o fim do ano letivo.

— Eu *te contei* sobre a transgressão — respondo, e minha voz sai muito mais chorosa do que eu pretendia. Engulo em seco, afundando as unhas nos braços da cadeira. *Não fique histérica. Não aja como uma maluca.* — É só que...

— Eu entendo, Marin — declara o sr. DioGuardi. — Mas sem nenhum testemunho que corrobore, sem evidência...

— Sem evidência... — Eu me interrompo quando começo a entender as implicações mais amplas. — Então você acha que eu estou *mentindo*?

— Espera aí um minuto — retruca ele. — Ninguém disse isso.

— Bem, então *o que* você está dizendo?

— Marin...

O sr. DioGuardi coloca o apito na boca por um momento, então o tira de novo. Quando fala, sua voz está subitamente suave:

— Olha, existe uma possibilidade que você tenha interpretado errado o que aconteceu? Digo, com o sr. Beckett? Ninguém culparia você, é óbvio. Ele é um dos nossos docentes mais jovens, e eu vejo tantas garotas passando tempo na sala dele, ou na sala do jornal. Seria perfeitamente compreensível se, de alguma maneira, você tivesse interpretado errado...

— Ai, meu Deus. — A frase escapa antes que eu consiga me segurar. Empurro a cadeira para trás e fico de pé em um salto. — Eu não estou ouvindo isso.

O sr. DioGuardi estreita os olhos do outro lado da mesa.

— Marin — diz em tom sério. — Entendo que esteja chateada, mas me permita lembrar com quem está falando...

Para de dizer meu nome, quero gritar alto o bastante para estilhaçar as janelas. Em vez disso, eu fecho a boca, me lembrando dos meus modos. Engolindo a raiva e o medo.

— Você tem razão — respondo com esforço, sentindo como se as palavras fossem cascalho na minha boca. Ergo as mãos, forçando um sorriso submisso. — Desculpa. Eu não deveria... Você tem razão.

O sr. DioGuardi assente com um sorriso fino; satisfeito, acho, por estar na posição de relevar um erro meu em um momento tão difícil.

— Eu só quis dizer que essas coisas acontecem — continua ele. — E, às vezes, depois que tivemos tempo de esfriar a cabeça e reavaliar a situação por todos os ângulos, percebemos que enxergamos as coisas diferente do que talvez enxergássemos a princípio.

— Claro — digo. Eu me concentro na estante de livros, naquela foto dos filhos de DioGuardi no acampamento. Tenho vontade de arrancá-la da prateleira e atirá-la bem na cabeça dele, e então encorajá-lo a tirar um tempo para esfriar a cabeça e reavaliar a situação por todos os ângulos. — Entendo.

— Agora — fala ele, também se levantando —, se você não tiver mais nenhuma pergunta...?

— Hum, não — respondo, recuando na direção da porta. O que mais eu poderia querer saber? — Acho que é isso. Valeu pelo aviso.

— Imagina. — O sr. DioGuardi abre um sorriso de alívio genuíno enquanto me acompanha para fora. — Fico feliz que tivemos essa conversa.

VINTE E TRÊS

— Isso é inadmissível — anuncia minha mãe naquela noite, batendo panelas e frigideiras pela cozinha como se estivesse pensando em começar uma banda de percussão.

— Estou falando sério. Para mim já chega. Eu vou entrar naquela sala e empalar aquele homem com a minha bota com tanta força que ele vai conseguir abrir a boca e ler o logo da L. L. Bean no espelho. Depois vou ligar para um advogado.

— Dyana — diz meu pai com a voz um pouco exausta, sentado na mesa da cozinha. Eu me encolho ao ver suas olheiras. — Pega leve, tá?

— Pega leve você! — retruca minha mãe com rispidez, escancarando a porta da geladeira e sacudindo uma embalagem de isopor contendo carne de peru moída como se fosse uma arma. — Isso é ridículo. E, sinceramente, não vejo nada de errado em mostrar à nossa filha que é aceitável ficar irritada com injustiças. — Ela despeja o peru na frigideira com um baque molhado. — Que é exatamente o que está acontecendo nessa situação.

— Ninguém está dizendo que não é injusto — argumenta meu pai, se levantando para conferir as batatas no forno. — Só estou dizendo que não vejo como violência vai ajudar...

— É uma violência metafórica, Dan. — Minha mãe faz uma careta enquanto cutuca a carne com uma colher de pau. — Em grande parte.

— Gente — protesto com a voz fraca. — Por favor. Eu posso lidar com isso.

Meu pai esfrega o rosto.

— Você pode pedir para ser transferida de turma? — pergunta ele.

— Sinto que esse deveria ser o primeiro passo, não?

Mordo a ponta de uma cenoura enquanto penso por um minuto, surpresa com o quanto ele faz parecer simples. E *seria* simples, na verdade: tem uma turma de literatura não avançada do terceiro ano no mesmo horário, a duas salas de distância. Eles estão lendo *A arte do jogo*. Provavelmente seria tranquilo.

Respiro fundo.

— Não — digo, o mais calma que consigo.

Minha mãe ergue uma das sobrancelhas espessas.

— Por que não?

Dou de ombros, jogando o resto da cenoura na boca e mordendo.

— Porque senão ele vai vencer.

Meus pais ficam em silêncio e trocam um olhar. Acho que pode ser de preocupação. Acho que pode ser de orgulho. Minha mãe apoia a colher de pau na bancada, então se aproxima e me abraça pela cintura.

— Vá buscar sua irmã — pede ela, me apertando uma vez antes de me soltar. — Está quase na hora de comer.

t

Mais tarde naquele dia, estou terminando um dever de casa quando Gracie vem saltitando pelo corredor, se segura no batente da porta e rodopia o corpo magrelo para dentro do meu quarto. Suas unhas estão pintadas de um azul vivo e brilhante.

— Tem um garoto te procurando — informa ela.

— O quê? — Eu estava com os fones enfiados nos ouvidos em uma tentativa de bloquear totalmente o resto do mundo. Nem ouvi a campainha tocar. — É sério?

— Ahammm — diz Gracie, prolongando o *m* com animação. — E ele é gato.

— Ai, meu Deus.

Olho meu cabelo no espelho — aquela oleosidade de fim de dia, mas não há nada que eu possa fazer sobre isso agora —, então passo um pouco de protetor labial e desço as escadas.

Gray está perto da porta, com as mãos nos bolsos da calça de moletom grande demais enquanto conversa corajosamente com meus pais sobre *Sejamos todos feministas*, que vamos discutir no clube do

livro na quinta-feira. Minha mãe parece completamente encantada. Meu pai, completamente confuso.

— Então — digo com animação. — Vocês conheceram o Gray.

Minha mãe ergue as sobrancelhas.

— Conhecemos — responde ela, em uma voz que deixa bem evidente o fato de que até aquele momento eu nem sequer o tinha mencionado. *Não achei que ele estivesse falando sério*, quero explicar para ela, por mais que, ao vê-lo parado ali igual a um gigante amigável na minúscula antessala dos meus pais, eu volte a pensar em como estava errada.

Minha mãe parece que ficaria mais do que feliz em passar o resto da noite assistindo ao TED Talk da Chimamanda Ngozi Adichie com Gray, mas felizmente meu pai coloca a mão no braço dela.

— Estávamos quase subindo — diz ele. — Tem sorvete no freezer, se tiverem interesse, crianças.

— Foi mal — diz ele, fazendo uma careta quando ficamos sozinhos. — Tudo bem eu aparecer aqui? Não queria te causar problemas nem nada.

— Ah não, relaxa. — Balanço a cabeça. — Eles não são esse tipo de pais.

No entanto, eles são o tipo de pais que provavelmente estão espionando no corredor na esperança de acidentalmente-de-propósito escutar a nossa conversa, então pego meu casaco no cabide lotado, o visto por cima da leggings e do casaco de moletom de Bridgewater e guio Gray para a varanda.

— E aí? — digo, enfiando as mãos nos bolsos e tremendo um pouco; janeiro em Massachusetts é brutal, com temperaturas de um só dígito e o tipo de vento cortante que faz a pele do rosto rachar e os ouvidos doerem. — Tudo bem?

— Tudo ótimo. — Gray dá de ombros. — Acho que eu só queria ver se você estava bem. Quer dizer, não que você não saiba cuidar de si mesmo ou algo do tipo, mas eu queria ter certeza de que você estava conseguindo segurar as pontas depois... — Ele faz uma pausa meio constrangida. — Você sabe. Depois.

Ergo as sobrancelhas e sorrio.

— Você poderia ter mandado uma mensagem — considero.

Gray assente.

— Poderia — concorda ele. — Mas não queria.

— Ah, não? — Estou sorrindo para valer agora, não consigo evitar.

Nunca conheci ninguém igual a ele. — Por que não?

Gray passa a ponta dos dedos na barra do meu casaco, bem de leve.

— Você sabe por quê.

— Fico feliz por você ter vindo. — Baixo os olhos para meus chinelos peludinhos, subitamente envergonhada. — Estou bem, eu acho. Sinto um pouco como se tivesse acabado de cometer o maior erro da minha vida, talvez? Mas fora isso, ótima.

— Não foi um erro — diz Gray imediatamente. — Quer dizer, é fácil pra mim falar, né? Mas nunca acho que é um erro dizer a verdade.

É *mesmo* fácil para ele falar. Ainda assim, aprecio saber que ele entende.

— Talvez não — admito. Mas então penso na expressão de Chloe essa manhã, nos sussurros que me seguiram pelo corredor. — É só que parece que a verdade não significou nada, sabe? Como se eu tivesse me exposto, me aberto a essa merda toda, com todo mundo me encarando e julgando, e não tenha feito diferença nenhuma.

Gray pensa um pouco.

— Talvez não — concorda ele. — Mas meio que te mudou, não acha?

Isso me faz pensar; fico em silêncio por um momento, revirando a frase na cabeça. Por um lado, não há qualquer ponto positivo; não é como se eu estivesse *satisfeita* por isso tudo ter acontecido, mas acho que é verdade que hoje sou mais forte do que há dois meses. Eu realmente enxergo as coisas de outro modo agora.

— Talvez — repito, tremendo um pouco no frio.

— Vem cá — diz Gray. Por um momento, acho que ele vai me beijar, mas no fim das contas ele só me abraça. Ficamos assim por um tempão, no brilho da luz da varanda, ouvindo o vento invernal assobiar pela rua vazia.

VINTE E QUATRO

Mal durmo naquela noite, e, na manhã seguinte, eu belisco sem vontade um waffle a caminho da escola e deixo meu café esfriar no porta-copo. Ontem à noite, na cozinha de casa, eu estava pronta para tocar o terror, mas hoje tudo o que quero é correr porta afora e desaparecer na floresta atrás do campo de futebol. Que trocar de turma o quê, penso, arrasada. A essa altura, estou pronta para estudar em casa pelo resto do ano.

Gray me encontra no corredor antes de entrarmos na terceira aula.

— Oie — diz ele, pegando minha mão e apertando. — Como você está?

— Eu? — Forço o sorriso mais falso do mundo, então me dou conta de que é só o Gray e deixo que o sorriso se transforme em uma careta exagerada, vesga e com os dentes à mostra. — Estou ótima. Por quê, não pareço ótima?

— Ah, nossa, totalmente ótima — responde ele com tom solene, me dando uma ombrada antes de entrarmos e ocuparmos nossos lugares na sala de aula.

Digo a mim mesma que estou imaginando os comentários sussurrados enquanto sigo pelas carteiras enfileiradas. Chloe, no entanto, mal olha para mim.

— Oi — tento, dando um chutinho na cadeira dela na outra fileira; ela me lança um sorriso ainda mais falso do que aquele que tentei com Gray há um minuto, então volta a dar atenção para seu *bullet journal*. Suspiro e tiro o caderno da mochila.

Bex ainda não chegou quando o sinal toca anunciando o início da aula. Por um momento, me permito ter a esperança de ver o nerd do sr. Haddock entrando na sala, mas um momento depois Bex desfila para dentro com seu copo reutilizável de café, como se pudesse estar espreitando no corredor, só esperando o momento certo para fazer sua aparição.

— Aí está ele — diz Dean, largado em sua cadeira perto da janela.
— Achei que você tivesse nos abandonado, cara.

Bex dá um sorriso tranquilo, mostrando a covinha na bochecha.

— Eu? — pergunta ele, todo inocente. — Nunca.

Ele está de calça cáqui escura e uma das suas camisas jeans características; um corte de cabelo recente o deixa com uma aparência ainda mais jovem.

— Agora, me contem: vocês de fato conseguiram aprender alguma coisa ontem, ou nem tanto?

Ele faz a chamada e pergunta se alguém leu alguma coisa boa ultimamente, como sempre faz, então começa uma discussão detalhada sobre algum conto de James Joyce sem absolutamente nenhum alarde. A parte mais estranha é como todo mundo parece interessado — Dean Shepherd expõe opiniões surpreendentes sobre o simbolismo presente no conto. Chloe levanta a mão umas cem vezes. Não sei o que eu esperava, mas não era isso: é como se ele fosse fazer as coisas voltarem ao normal com pura força de vontade, e todo mundo tivesse decidido ir na onda dele. Faz com que eu me sinta mais do que um pouco louca. Porém, pior do que isso, me deixa *furiosa* — o tipo de raiva que poderia acender fogueiras e iluminar cidades, o tipo que ri dos limites do meu autocontrole de boa menina. *Por que ninguém se importa com o que aconteceu?*, tenho vontade de berrar, alto o bastante para sacudir as janelas. *Por que ninguém se importa comigo?*

Rabisco nas margens do caderno e rezo para que ele não me chame para provar de alguma forma para todo mundo como está tudo bem entre nós. Anos parecem se passar até que a aula termine.

— Muito bem, por hoje é só — diz ele quando o sinal toca. — Marin, você pode ficar mais um segundinho? É, é — completa ele, balançando a cabeça para os diversos risinhos e sons sarcásticos nos fundos da sala. — O resto pode dar o fora, seus animais.

Fico surpresa, encarando Bex enquanto todo mundo sai da sala; ou melhor, todo mundo menos Gray, que se recosta no batente da porta com a mochila pendurada em um dos ombros largos como se estivesse

esperando o ônibus.

— O que está fazendo? — pergunto, olhando dele para Bex e de volta para ele.

— Vou ficar aqui — anuncia ele.

— Estou bem — minto. — Vai lá.

Gray balança a cabeça. Ele é mais alto do que Bex, e maior; preenche quase o espaço todo da porta.

— *Nope*, estou bem.

Sei que a intenção dele é boa, mas sinto como se ele estivesse fazendo xixi ao meu redor para marcar território.

— Vai — falo para ele entredentes. — Gray, é sério.

Ele atende ao meu pedido, mas só depois de lançar um olhar para Bex que seria capaz de descascar o tronco de uma árvore.

— Te vejo no almoço, Marin — diz.

Bex o observa se afastar por um momento antes de se voltar para mim.

— Muito bem! — diz ele com uma alegria falsa, abrindo aquele sorrisinho sem graça mais uma vez. — Acho que sabemos o que o seu amigo Gray pensa de mim.

Dou um passo para trás e bato com as pernas em uma carteira, sem jeito.

— Ele só estava...

— Estou brincando — diz Bex, erguendo ambas as mãos. — Foi uma piada.

Então faz uma careta.

— Ok — continua, sentando na beirada da mesa —, Marin. Será que a gente pode só... recomeçar?

— Recomeçar? — repito estupidamente. Isso... não era o que eu esperava que ele dissesse. — Tipo... nós dois?

— É — responde Bex. Ele pega um elástico da mesa e o estica entre os dedos. — Escuta, desculpa por ter pegado tão pesado com você sobre aquele trabalho.

Calma aí, *o quê?*

— Não foi por causa do trabalho — solto, levemente horrorizada. Puta merda, é isso o que ele acha? — Quer dizer, eu não fui ao sr. DioGuardi só porque...

— Não, não, não, é claro que não — fala Bex, ainda brincando com o elástico. — Não foi o que eu quis dizer.

Então o que você quis dizer?, quero perguntar, mas sinto que é

extremamente imprudente discutir. Penso na maneira como todo mundo vem me encarando desde a manhã de ontem. Penso no sr. DioGuardi e no *talvez você tenha se confundido*.

— Ok — digo enfim, me aproximando da porta. Meu coração está acelerado. — É. Um recomeço seria ótimo.

— Que bom — afirma Bex, finalmente largando o elástico dentro de um pote sobre a mesa e se levantando. — Fico feliz em ouvir isso.

— Ok — repito. — Hum. Valeu.

— Sem problemas — fala ele, assentindo de um jeito breve e profissional. — Tenha um bom dia.

Penduro a mochila no ombro e dou o fora da sala de Bex. Gray está recostado em uma parede de armários do outro lado do corredor, com os tornozelos cruzados.

— Como foi? — pergunta ele, se afastando da parede e pegando minha mão.

Dou de ombros, estranhamente relutante em falar sobre o assunto.

— Tudo bem.

— Tudo bem tipo ele vai se mudar para Saskatchewan e nunca mais falar com você?

— Não, tudo bem tipo... — Balanço a cabeça, combatendo um lampejo de irritação. Sei que ele só está tentando me apoiar, mas preciso de um segundo sozinha para tentar entender o que acabou de acontecer. — Esquece.

— Não, ei, fala comigo. — Gray coloca uma das mãos no meu braço, mas eu me sacudo para que ele se afaste, com mais força do que pretendia. Ele dá um passo para trás com as mãos para cima.

— Desculpa. — Eu me sinto como uma garrafa de refrigerante sacudida, como se pudesse explodir para todo lado se alguém sequer me olhasse de um jeito errado. — Acho que só preciso de um pouco de ar.

— Marin... — Gray franze a testa. — Você não vem almoçar?

— Não estou com fome — digo. — Te vejo mais tarde, ok?

Sigo pelo corredor sem esperar pela resposta dele.

Estou tão focada em me afastar dele — em me afastar de todo mundo — que chego quase ao outro lado do prédio antes de me dar conta de que não faço ideia de aonde estou indo de fato. Sinto como se eu não tivesse onde me esconder. Há dois meses, eu teria corrido para a sala do jornal, me jogado no sofá... e reclamado um bocado para o próprio Bex, provavelmente. É uma terrível surpresa perceber

que eu sinto falta dele; ou ao menos da pessoa que achei que ele fosse. De repente, fico furiosa por ele ter tirado isso de mim também.

Enfim, decido ir para o laboratório de biologia, onde a sra. Klein está sentada à sua mesa corrigindo trabalhos e comendo manteiga de amendoim direto do pote com uma colher.

— Oi, Marin — diz ela, com uma breve expressão de surpresa. — Tudo bem com você?

— Aham! — respondo. — Eu só, hum...

Faço uma pausa, tentando inventar alguma desculpa plausível relacionada ao clube do livro e falhando. A sra. Klein não parece precisar de nenhuma desculpa.

— Quer conversar? — pergunta ela baixinho, abaixando a caneta.

— Sobre... o que todo mundo está falando?

— Hum — digo, me esforçando para manter a voz estável. Meu Deus, não acredito que até a sra. Klein sabe. — Na verdade, não. Posso só, tipo, ficar aqui um pouco?

Ela ergue o queixo na direção dos bancos do laboratório.

— Com certeza — responde, com a voz muito estável. — Sente-se.

VINTE E CINCO

As tardes no Niko's são notoriamente lentas nos finais de semana se não houver um chá de panela ou um batismo agendado no jardim de inverno, o que é péssimo no quesito gorjetas, mas ótimo no quesito de que vai me proporcionar quatro longas e entediadas horas para tentar acertar as coisas com Chloe. Temos nos evitado desde que voltamos das férias — ou melhor, Chloe vem me evitando. Nas raras ocasiões em que fui ao refeitório, ela estava comendo com umas garotas do clube de teatro. Estamos conversando sobre a próxima edição do *Beacon* unicamente através de e-mails tensos e educados.

No entanto, quando chego ao restaurante, encontro a prima monossilábica de Chloe, Rosie, embrulhando talheres na cozinha, com anéis grossos em todos os dedos e um diamante brilhando no nariz.

— Ela mudou o horário — explica Steve quando pergunto, com uma expressão vagamente desconfortável. — Entrou para algum clube novo.

Eu sinceramente duvido — afinal, hoje é sábado —, mas não é como se eu fosse discutir com o pai dela sobre isso, dentre todas as pessoas. Eu me arrasto pelo restante do meu turno, e de lá passo no Sunrise com dois potes descartáveis de *baklava* embaixo do braço. Deixo um com Camille na estação de enfermagem e levo o outro para o quarto da vovó, onde nos sentamos no sofá de dois lugares com a janela entreaberta para deixar entrar um pouquinho de ar fresco e frio, limpando farelos de massa folhada do colo.

— Ah, sabe de uma coisa, Marin? — diz ela de repente, se

levantando e indo até o armário, surpreendentemente enérgica em seu cardigã e calça de sarja. — Tenho uma coisa para você.

Ergo as sobranceiras.

— Tem?

— Tenho!

Ela fica na ponta dos pés e vasculha as prateleiras mais altas por um momento; quando se vira, está segurando uma caixa forrada de tecido, do tipo que se compra em lojas de artesanato. A gente deve ter levado uma centena dessas caixas na mudança da casa de vovó em Brockton, cheias de papéis velhos, lembranças e mexas de cabelo ligeiramente assustadoras de quando minha mãe e meus tios eram pequenos. No entanto, quando ela volta para o sofá e abre a tampa da caixa, eu vejo que está cheia de fotos antigas — mas não daquelas dos anos 1970 que estou acostumada a ver, tipo minha mãe de maria-chiquinha andando de bicicleta e meus tios com cachinhos caindo sobre as golas. As fotografias desta caixa são mais antigas: meu avô em sua formatura do ensino médio, com uma expressão sóbria e séria mesmo na adolescência. O estreito apartamento de tijolinhos em North End onde minha avó cresceu. E...

— É você? — pergunto, tirando uma foto desbotada da pilha e erguendo-a para ver melhor.

— Pode apostar que sou eu — diz a vovó com uma risada. Eu nunca vi seu cabelo castanho e sedoso tão longo. Ela está no meio de uma multidão em um parque arborizado, vestida com uma calça boca de sino, óculos escuros enormes e uma camiseta branca sem mangas com um colar de grandes contas aninhado no decote V profundo. Ela tem uma aparência feroz, com os braços no ar e a boca aberta em um grito.

— O que é... Quer dizer, o que você está... — Eu me interrompo, sem saber ao certo com qual pergunta devo começar. Então pergunto, finalmente: — Isso é na cidade?

Ela assente.

— Bem no Boston Common — confirma ela. — Peguei um ônibus com um monte de amigas para uma manifestação a favor dos direitos civis. Seu avô quase enlouqueceu.

— Ele não queria que você protestasse? — pergunto com as sobranceiras arqueadas.

— Ah, não é que ele não quisesse. — Vovó tira a foto da minha mão e a analisa. — Mas ele se preocupava comigo, acho.

— Bem, se você foi presa porque estava se manifestando, acho que ele estava certo em se preocupar.

Vovó faz um gesto de indiferença no ar.

— Ah, por favor — diz com um sorriso malicioso. — Em primeiro lugar, esse não foi o protesto onde eu fui presa. Em segundo, talvez preocupação não seja a melhor palavra. Nós tínhamos maneiras diferentes de pensar, só isso. Ele nem sempre entendia por que certas coisas importavam pra mim, ou a minha maneira de reagir às coisas. — Ela sorri para a foto, quase para si mesma. — Mas ele tentava entender. E isso era o que importava.

Penso em Gray. Também não nos falamos muito nos últimos dois dias, e me sinto mal sobre a forma como encerramos a conversa na frente da sala de Bex. Sei que ele só queria cuidar de mim. Não soube explicar como me pareceu importante tomar conta de mim mesma.

Estou prestes a perguntar à vovó o que ela acha que eu deveria fazer sobre ele quando Camille bate na porta e enfia a cabeça para dentro.

— A *baklava* está deliciosa — informa ela com um sorriso. — Como as senhoritas estão por aí?

— Estamos ótimas — responde a vovó com um sorriso radiante, a caixa de fotos ainda equilibrada em suas pernas finas. — Minha filha está de visita.

— Neta — lembro com delicadeza.

— Claro — diz ela. — Minha neta. Ah... — Ela se interrompe, com uma breve expressão de pânico; dá para ver que ela perdeu a linha de pensamento.

— Marin — informo, tentando manter a voz casual. Ela nunca esqueceu meu nome antes. Foi apenas um acidente. — Mas Camille e eu já nos conhecemos, lembra?

— Somos velhas amigas — afirma Camille. Ela está sorrindo, mas tem um tom de voz ligeiramente cauteloso e olha de relance de mim para a vovó repetidamente. — É só dar um grito se precisarem de mim, ok?

— Pode deixar — prometo, e sorrio de volta.

t

Estou esperando no laboratório de biologia na segunda-feira de manhã

antes da primeira aula quando Gray aparece na porta, olhando ao redor da sala vazia e de volta para mim com uma expressão confusa.

— Oi — diz ele. — Cheguei cedo?

Balanço a cabeça.

— Não — respondo. — Bem na hora.

Gray assente devagar.

— Tinha um bilhete colado no meu armário hoje de manhã — conta ele, com um sorrisinho malicioso aparecendo nos cantinhos da boca. — Dizia que haveria uma reunião de emergência do clube do livro antes da primeira aula. Você não faz ideia de qual pode ser o motivo, faz?

Inclino a cabeça para o lado por um momento, fingindo pensar.

— É possível — admito, erguendo a caixa do Dunkin' Donuts que comprei no caminho para a escola — que você esteja meio que olhando pra ele.

— Ah. — Gray abre um sorriso de verdade agora, mostrando os dentes brancos alinhados e uma expressão tímida. — Sabe, enquanto vinha pra cá, fiquei me perguntando sobre o que diabos poderia se tratar uma reunião de emergência do clube do livro. Mas então pensei: o que eu sei, né? Sou novo aqui.

— Poderia, sim, haver algum assunto literário de importância imediata — protesto com uma risada. Então balanço a cabeça. — Desculpa por ter perdido a cabeça naquele dia, na frente da sala do Bex.

Gray solta uma risada pelo nariz.

— Aquilo foi você perdendo a cabeça? — pergunta ele, se sentando no sofá velho ao meu lado.

Dou de ombros.

— Você entendeu.

Gray assente.

— Você pode me dizer, sabe — diz ele, recostando a cabeça na almofada descosturada. — Se você precisar de espaço. Sei que posso, tipo, passar do ponto às vezes. É só dizer: “Gray, com todo respeito, vai à merda”. Simples assim.

Dou uma risada.

— Com todo respeito, obviamente.

— É o segredo para qualquer relacionamento bem-sucedido — retruca ele.

— É isso o que nós temos? — pergunto antes de ter tempo de

pensar melhor. As luzes fluorescentes no teto parecem implacavelmente claras de repente. — Um relacionamento?

Gray ergue as sobrancelhas.

— Me diz você.

Mordo o lábio. Por um lado, eu estaria mentindo se dissesse que não sinto nada por ele, que estar com ele não acende uma faísca dentro de mim, não enche meu coração feito um balão dentro do peito. Por outro lado...

— Eu não acho que você passa do ponto — falo enfim, sem exatamente responder à sua pergunta. — Ou melhor, tá bom, você pode passar. Do ponto, quero dizer. Mas de uma maneira boa.

Seguro a mão dele, sentindo os calos da sua palma rasparem de leve na minha pele.

— Eu jamais diria para você ir à merda. Quer dizer, eu nunca diria para qualquer um ir à merda, sejamos honestos. Mas especialmente não diria pra você.

Gray sorri.

— Educada demais, hein?

— É bem por aí — respondo.

— Bem, nunca se sabe. Você pode se surpreender. Talvez um dia desses você surte e comece a mandar as pessoas à merda a torto e a direito.

— Talvez. — Levanto a sacola de donuts. — Oferta de paz?

— É bom ter umas massas folhadas aí dentro — diz ele, então me beija antes que eu consiga responder.

VINTE E SEIS

Estou no banheiro perto do ginásio na sexta de manhã quando a porta da cabine ao meu lado se abre e Chloe sai.

— Ah! Desculpa — digo, apontando para as pias; só tem duas nesse banheiro, e apenas uma delas tem o mínimo de pressão. — Pode usar.

Chloe balança a cabeça, sacudindo o cabelo loiro; o broche na gola do uniforme dela hoje tem o formato de uma palmeirinha.

— Não — responde ela —, pode ir.

— Não, sério.

— Marin — fala Chloe, com uma rispidez impaciente se elevando na voz. — Só vai logo, tá?

— Tá bom. Desculpa.

Lavo as mãos o mais rápido possível, torcendo o nariz para o cheiro do sabão verde barato e puxando uma toalha de papel.

— Então, hum — tento, sentindo uma abertura. — Como está sendo o seu dia?

É uma tentativa bem ridícula de iniciar uma conversa; a expressão de Chloe deixa isso bem claro.

— Tudo bem. Sem reclamações.

— Que bom.

Puxo as mangas do suéter do uniforme por cima das mãos, com vontade de gritar diante da ideia de que as coisas entre nós vão ser tão estranhas e impossíveis assim para sempre. *Sou eu, quero falar para ela. Ainda sou a mesma pessoa de antes.*

— Olha — continuo —, sei que é improvável, mas se você tiver

interesse, o clube do livro vai dar um jantar hoje à noite, cada um vai levar uma comida.

Chloe pisca para mim.

— Um jantar? — repete ela.

— Eu sei — concordo, subitamente constrangida com a formalidade do programa; é o tipo de coisa sobre a qual faríamos piada há três meses. — É um programa meio de mãe, né? Mas poderia ser divertido, não? E você não precisa fazer parte do clube do livro para ir, então...

Chloe assente devagar.

— Hum, valeu. Tenho outros planos, mas... parece divertido.

Eu me encolho. *Outros planos*, como se ela fosse uma mera conhecida que não quisesse ir ao meu grupo estranho da igreja, e não a pessoa que me conhece melhor e há mais tempo, que sempre entra comigo em banheiros individuais quando saímos juntas e em cuja casa eu já vomitei em duas ocasiões diferentes.

— Imagina — respondo. — Talvez outro dia, então.

— Talvez — diz Chloe, se inclinando sobre a pia para reaplicar o batom. Nenhuma de nós duas se despede antes de eu sair dali.

t

Depois do treino de Gray, nós vamos juntos para o jantar, a mão dele pesada sobre a minha. Eu sempre meio que gostei de estar na escola quando já é noite, de como ela parece estranhamente festiva. Lydia e Elisa decoraram o laboratório de biologia: tem bandeirinhas coloridas penduradas sobre o quadro branco e conjuntos de carteiras juntas cobertas com uma toalha de mesa de plástico roxa. Gray trouxe brownies que uma das mãos dele fez, recheados com nozes e lascas de caramelo e coberto com flocos de sal marinho. Dave passou no McDonald's e comprou tipo cinco dúzias de nuggets, e o pai de Chloe me deu um pote gigante de almôndegas de carneiro com molho de iogurte do restaurante para trazer. Até a sra. Klein levou um prato, por mais que viva falando sobre como nunca liga o forno — minicrostinis com queijo e ervas acompanhados de uma geleia sofisticada de amora.

Essa é a primeira vez que nos encontramos sem ter um livro específico para debater, e eu estava com medo de que pudesse ser tão estranho quanto era lá no comecinho do clube, mas, para minha

surpresa, o cômodo está repleto de conversas: Bri e Maddie, que são membros da banda de jazz do nono ano e frequentam o clube desde o começo, estão debatendo se a existência de líderes de torcida é algo inerentemente sexista, enquanto Dave e Gray olham o celular de Gray, criando uma playlist animada.

— Meu namorado é obcecado por essa — diz Dave, dando play no que eu penso ser a nova da Halsey. Ele namora um cara superbonitinho da equipe de corrida que já participou de umas duas reuniões e demonstrou um conhecimento impressionante sobre teoria cinematográfica feminista.

— Também é importante pensar em como mulheres não brancas são deixadas de fora da conversa — diz a sra. Klein quando eu me aproximo da mesa das sobremesas. — Tipo quando as pessoas dizem que mulheres ganham 77 centavos sobre um dólar, elas estão falando de mulheres brancas. Para negras, o número cai para 63. E para latinas é ainda menos.

— Cinquenta e quatro centavos — informa Elisa do outro lado da sala, então volta a conversar com Fiona Tyler, uma aluna do primeiro ano que entrou para o clube há umas duas semanas, sobre algum show no **cw** de uma banda que as duas gostam.

— Sem ofensas — diz Lydia, cruzando os tornozelos e se recostando para trás na carteira —, mas quando se trata de feminismo, ou qualquer coisa, parece que as mulheres brancas sempre meio que querem ser o centro da conversa. Como se fossem as únicas que deveriam ter as ideias ou prioridades escutadas.

Minha primeira reação é ficar na defensiva — eu não sou assim, sou? —, mas então respiro fundo e reflito sobre tudo o que eu pensava saber sobre feminismo antes de começar o clube do livro. Sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer.

— Entendo — admito. — Tipo, eu me lembro de já ter lido um artigo sobre o nome original da Marcha das Mulheres ser uma cópia da Marcha de Um Milhão de Homens, e quando os ativistas negros destacaram isso, um monte de mulheres brancas ficaram todas ofendidas.

— É, esse é um exemplo — diz Lydia, por mais que sua expressão deixe claro que não está nem perto de ser o mais importante. — Mas basicamente é só que muitas mulheres brancas têm essa ideia de que o feminismo pode ser separado da raça, ou da identidade sexual, ou da capacidade, ou de qualquer uma dessas coisas... e não pode. Se você

vai entrar nesse assunto, tem que entrar de cabeça, sabe?

— O ensaio de Audre Lorde que vamos discutir na semana que vem é um ótimo exemplo de como diferentes identidades e marginalizações se interceptam e se informam — diz a sra. Klein, mordiscando a ponta de um brownie. — E vocês colocaram *O corpo dela e outras farras* na lista de livros que talvez queiram analisar, certo?

— Esse livro é incrível — diz Gray na mesma hora. — E, tipo, supersangrento.

Olho para ele com surpresa.

— Você já leu?

Ele dá de ombros.

— Minha mãe comprou para mim porque eu disse que gostava de Stephen King.

A conversa flui a partir daí — de *O cemitério* a quem comprou ingressos para o baile de inverno e com quem vai, à nova série sobre lobisomens que acabou de estreiar na Netflix até uma breve biografia de Ida B. Wells que Fiona abre no celular quando Dave admite não saber quem é. Ela está terminando de ler quando noto Gray lançando um olhar discreto para suas mensagens.

— Tem outro programa? — pergunto, dando uma cotovelada suave na lateral do seu corpo.

Ele balança a cabeça.

— Vai rolar uma festa na casa de Hurley Dubcek — admite. — Eu ia perguntar se você quer ir depois daqui, mas não queria que pensasse que eu não queria estar aqui.

Gray olha ao redor.

— Porque eu quero — afirma em tom decisivo, como se achasse que está concorrendo a um cargo político. — Estar aqui.

— Tudo bem, feministão — digo, dando tapinhas tranquilizadores no ombro dele. — Nós acreditamos em você.

— Eu ia dar uma passada nessa festa também, na verdade — anuncia Lydia. — Se alguém quiser uma carona.

Faz-se um silêncio constrangedor depois disso, todo mundo se olhando, ninguém querendo ser o primeiro a dar o fora.

Finalmente, a sra. Klein solta um riso pelo nariz.

— Vão embora daqui — diz ela, jogando uma última almôndega na boca antes de fechar a tampa do pote. — Façam boas escolhas e tudo mais. Nos vemos na semana que vem.

VINTE E SETE

Hurley Dubcek mora em uma dessas casas clássicas de Massachusetts que existem desde a época das colônias, com telhado bem pontudo e sem varanda na entrada, como se talvez antigamente eles não tivessem tempo para coisas desse tipo porque havia muita manteiga a ser feita. Quando passamos por um armário de louças antigas no corredor estreito, todas as peças delicadas estremecem ameaçadoramente.

— Eu sempre me sinto uma droga de um monstro em lugares assim — murmura Gray acima do meu ombro.

Assinto.

— Eu estava pensando exatamente a mesma coisa sobre você.

Ele olha para mim com uma expressão fingida de horror naquele rosto lindo.

— Que grosseria!

Abro um sorrisinho.

— Brincadeira. — Estendo a mão para trás e seguro a dele, entrelaçando nossos dedos e apertando uma vez antes de soltar. — Vamos lá.

Tiramos duas latas quentes de um engradado de trinta na cozinha e observamos enquanto Elisa pega uma Coca Diet na geladeira para Lydia e puxa Dave na direção do quintal dos fundos. Gray solta um assobio baixo.

— Olha só esse clube do livro — diz ele com um sorriso. No fim das contas, todo mundo que estava no jantar acabou vindo; nós abrimos as

janelas da van da mãe da Lydia e cantamos junto com o rádio no último volume. — Animadíssimos.

— Fiquei surpresa por todos terem ido hoje — admito enquanto ziguezagueamos pela multidão até a sala de estar, onde alguém empurrou para o lado o que parece um sofá de couro de cem anos para abrir espaço para dançar no piso de madeira nodoso. — Ao jantar, quero dizer. Para ser sincera, também fico surpresa até por eles irem às reuniões, mas você entendeu.

— Mais ou menos. — Gray dá de ombros, apoiando a cabeça entre duas estampas botânicas de aparência arcaica na parede. — Eles vão por sua causa.

Dou uma risada.

— Talvez *you* vá por isso.

— Sério — argumenta Gray, franzindo a testa. — Não sou só eu. É maneira, isso que você começou.

— Bem — respondo, subitamente constrangida. Lanço um olhar pela sala, onde vejo Dean Shepherd tentando fazer um passo de dança “pop-and-lock” extremamente rudimentar perto da gigantesca lareira de pedra. — Obrigada.

— Imagina. — Gray levanta o queixo. — Quer dançar?

Ergo as sobranceiras.

— *You* quer?

— Sempre. — Ele pega a minha mão e me puxa para a sala. — Vamos.

Gray é o dançarino mais entusiasmado que eu já vi, o que de forma alguma significa dizer que ele é bom — braços e pernas para todo lado, movimentos bobos e descoordenados. Eu me pergunto como deve ser não se importar com o que as pessoas pensam; apesar de que, sim, certamente é mais fácil não se importar com o que as pessoas pensam quando se é uma estrela do lacrosse de 1,80 metro com reputação de pegador.

Só por essa noite, no entanto, eu não quero me preocupar com isso. Fecho os olhos, sacudo o cabelo e deixo Gray me girar, aproveitando o seu aroma amadeirado, a sensação do peitoral dele nas minhas costas.

Em dado momento, Dave nos chama para uma partida de *beer pong* com a galera do clube do livro; prometo encontrá-los do lado de fora depois de dar uma passada no lavabo escondido embaixo da escada, no hall de entrada. Giro a maçaneta de vidro entalhado, abro a porta... e quase tropeço em Chloe, que está sentada no chão frio e com os

joelhos dobrados.

— Ops — digo, erguendo as mãos para mostrar que venho em paz.

— Desculpa.

— Tudo bem — murmura Chloe, recostando a cabeça no papel de parede florido descascado. Seu delineador está escorrendo pelo rosto.

— Eu já estava saindo.

Ela se segura na pia e se puxa para ficar de pé, instável.

— Eu... ops. — Ela tropeça um pouco, apoiando a mão livre na parede.

Franzo a testa. Então era isso o que ela queria dizer com “outros planos”. Eu não a vejo bêbada assim desde o nono ano, quando experimentamos o licor de pêssego que pegamos nos fundos do armário de bebidas dos meus pais e acabamos vomitando no porão inteiro antes das nove da noite.

— Você está bem? — Não consigo deixar de perguntar.

— Estou ótima — retruca ela com rispidez, então imediatamente se vira e vomita um monte de ponche azul vívido. Ela acerta a privada, graças a Deus, mas por pouco; eu seguro o cabelo dela para trás por instinto, assim como ela fez por mim no ano passado, quando eu vomitei nos arbustos atrás da casa dela depois do baile de primavera. Nós duas mal cabemos juntas ali dentro.

Quando ela finalmente acaba, eu passo um bolo de papel higiênico para ela limpar a boca, enfio as mãos nos bolsos e desvio os olhos discretamente enquanto ela se recompõe.

— Hum — diz ela, pigarreando e passando os dedos embaixo dos olhos para limpar a maquiagem borrada. — Valeu.

— Sem problemas — respondo, com o tipo de sorriso educado de *Não se preocupa* que você abre para alguém quando a pessoa só tem um item na fila do mercado e você a deixa passar na sua frente. — Você tem carona pra casa?

Eu me preparo para alguma variação de *Você não é a porra da minha mãe*, mas em vez disso Chloe apenas assente.

— Emily vai me levar — declara ela, e eu assinto também.

— Que bom.

Ficamos paradas por um momento, olhando uma para a outra. Essa é a *Chloe*, lembro a mim mesma, que me ensinou a fazer um delineado de gatinho discreto e é alérgica a maçã, a não ser que a fruta seja posta no micro-ondas por dez segundos, e sabe recitar toda a segunda temporada de *Parks and Recreations* de cor. Eu a conheço tanto quanto

conheço Gracie; eu a conheço tanto quanto me conheço. Mas sinto que estou olhando para uma estranha.

— Ok — digo enfim. — Bem. Boa noite, então.

— Pra você também — responde Chloe.

Ela me olha por um longo tempo, com os olhos subitamente límpidos e focados.

— Escuta, Marin... — começa ela, então se interrompe de repente.

— Deixa pra lá. — É como se eu conseguisse ver o momento em que ela muda de ideia sobre dizer o que quer que fosse dizer. — Te vejo por aí.

— Não, ei, espera. — Eu estava saindo do banheiro minúsculo, mas paro de repente. — O que houve?

Chloe balança a cabeça.

— Não é nada — diz ela, segurando a maçaneta para se equilibrar e passando encostando em mim. — Te vejo por aí.

Então... É isso, acho.

Faço xixi, lavo as mãos e vou para o jardim dos fundos, que conta com uma estátua de gnomos segurando um globo metalizado, um minipoço dos desejos com direito a manivela e balde de madeira, e um desses laguinhos decorativos que você pode encher com carpas japonesas. Nesse caso, parece estar basicamente cheio de lodo, o que não impede um monte de gente de brincar de bola ao longo do seu diâmetro, jogando uma dessas antigas bolas de futebol americano Nerf com uma barbatana na parte de trás pelo ar. Gray e a galera do clube do livro ainda estão negociando as regras do suposto torneio de *beer pong*, mas, subitamente, a última coisa que eu quero fazer é participar de algum jogo de bebida idiota.

— Não estou mais me divertindo — anuncio, e Gray franze a testa.

— Isso é inaceitável — diz ele. Então completa, mais sério: — Está tudo bem?

— Tá. — Abro um sorriso para ele; quero contar sobre Chloe, mas não ali. — Mas será que podemos ir embora?

Parte de mim espera que ele tenha uma reação meio babaca ao meu pedido, mas em vez disso Gray assente na mesma hora, segurando a minha mão conforme nos viramos em direção à saída. É nesse momento que eu ouço um riso sarcástico à minha esquerda, e vejo Jacob ao me virar. Uma garrafa de Coors está pendurada entre seus dedos.

— Pois não? — pergunto.

— Só estou curtindo o momentinho romântico — fala ele da margem do lago lodoso.

Ele está ainda mais bêbado que Chloe, se é que é possível. Seus olhos têm um brilho intenso e maldoso. Ele olha para Gray, transformando a expressão presunçosa em um sorriso falsamente magnânimo.

— Pode ficar à vontade e aproveitar minhas sobras, cara — diz ele, arrastando um pouco as palavras. — E as de Bex também, pelo visto.

Dou um passo instintivo para trás, chocada, como se ele tivesse me dado um tapa. Por um terrível momento, sinto como se estivesse prestes a chorar.

— O que você disse? — pergunta Gray. Sua voz tem um tom perfeitamente agradável (amigável, até), mas ele solta minha mão e dá um passo na direção de Jacob, que estufa o peito e não sai do lugar.

— Você me ouviu — fala ele, erguendo o queixo de maneira arrogante.

Gray assente com tranquilidade.

— Ouvi — concorda, dando mais um passo, então outro; nesse momento, Jacob *de fato* recua, só que calcula mal o quão perto está da beira do lago coberto de algas. Ele pisa em uma pedra escorregadia, dá um giro para trás e aterrissa na água fria e fedida com um barulho tão alto e dramático que metade da festa começa a aplaudir.

Gray olha para Jacob por momento, então de volta para mim, tentando, com um sucesso admirável, não rir.

— Desculpa — diz ele, um pouco tímido. — Sei que não precisa da minha proteção.

Seguro o rosto de Gray com ambas as mãos e tasco um beijo na boca dele como se fosse um selo de aprovação.

— Sabe — respondo —, acho que posso abrir uma exceção só dessa vez.

t

Só preciso estar em casa daqui a uma hora, então damos uma passada na casa de Gray, uma clássica construção Cape Cod com roseiras cuidadosamente podadas embaixo das janelas e uma luminária em formato de estrela pendurada na varanda, em frente à porta vermelha. A temperatura está agradável do lado de dentro, com cheiro de

incenso de sândalo; avisto o lampejo de um gato laranja correndo escada acima.

— Cheguei! — exclama Gray, pendurando nossos casacos em um gancho ao lado da porta.

— Aqui dentro! — responde a voz de uma mulher.

Gray me guia pela sala de estar, que tem duas paredes cobertas por estantes de livros e gravuras de arte adornando as outras, além de um sofá de veludo azul de frente para um par de cadeiras estilosas. Não era assim que eu imaginava a casa de Gray, e estou deixando isso evidente, porque ele me dá uma cutucada nas costelas.

— Você imaginava um lugar todo decorado nas cores do New England Patriots? — pergunta ele.

— Cala a boca — respondo, por mais que ele já me conheça bem demais a essa altura. — Não.

— Você estava, sim — diz ele com uma risada, então indica as estantes de livros com a cabeça. — Como exatamente você acha que eu arranji um exemplar de *O conto da aia* tão rápido?

Ele me leva pela sala de estar até um estúdio, onde duas mulheres estão assistindo a *Brooklyn Nine-Nine* e bebendo vinho, com um segundo gato laranja ronronando no sofá entre elas.

— Oi, querido — diz uma delas, erguendo o rosto para que Gray possa dar um beijo na bochecha dela.

— Essa é a Marin — fala ele. — Essas são minhas mães, Heather e Jenn.

— Essa é a Marin! — exclama a morena (Jenn, acho), como se já tivesse ouvido falar de mim.

Dou um sorriso.

— Mãe — repreende Gray, parecendo ligeiramente envergonhado. — Meu Deus.

Conversamos um pouco sobre o clube do livro e meus editoriais para o *Beacon*, que pelo visto ele também mencionou.

— Como foi a festa? — pergunta Heather.

— Meio chata — informa Gray, apesar de eu não ter muita certeza se ele está falando do jantar ou da festa de Hurley; de qualquer forma, ele deixa a parte de Jacob e o lago lodoso de fora. — Vamos pegar alguma coisa para comer e subir.

— Porta aberta! — exclama Heather quando estamos saindo da sala, e Gray faz uma careta para mim.

— Combinado! — responde ele em voz alta. Então completa, mais

baixo: — Deus do céu, mãe.

— A gente ouviu! — grita Heather.

Entramos na cozinha, que parece recém-reformada, com eletrodomésticos de inox e uma grande janela em cima da pia com vista para o quintal.

— Posso te fazer uma pergunta? — digo, me impulsionando para cima de um banco. — Você chama suas duas mães de “mãe”?

Isso o faz sorrir.

— Ué, chamo — responde, abrindo uma caixa de salgadinho de queijo e pegando uma mãozada. — Como mais eu chamaria?

— Não, é só porque... como você distingue quem está chamando?

Gray me lança um olhar esquisito, como se nunca tivesse parado para pensar nisso.

— Bem, quer dizer, só tenho duas mães — explica ele. — E minha irmã sempre meio que... sabe de quem eu estou falando? Sei lá. Nunca tinha achado isso estranho até este exato momento, então obrigado.

— De nada — falo com um sorriso, pegando a caixa de biscoitos da mão estendida dele. — Além disso, preciso dizer... é óbvio que eu não conheço as duas, mas elas não parecem do tipo que vão criar um megaproblema se você não quiser jogar lacrosse na faculdade.

Gray estreita os olhos.

— Está se baseando nos cinco minutos que passou conversando com elas? — pergunta ele com um tom mordaz, e percebo que toquei em um ponto delicado.

— Tá, tudo bem. Justo.

— É só que elas... querem que eu seja universitário, só isso. — Gray dá de ombros. — E se eu não conseguir aumentar minhas notas, então... — Ele se interrompe. — Não sei — conclui, pegando a caixa de salgadinhos do balcão e usando-a para me guiar para fora da cozinha. — Vou dar um jeito.

— Vai, sim — garanto, e o sigo pelas escadas.

O quarto de Gray é menos surpreendente do que o resto da casa, com paredes brancas e tapete azulado e uma camisa de time assinada pelo Tom Brady pendurada em uma moldura acima da escrivaninha. A cama está desarrumada, com lençóis de flanela amarrotados caindo pelas laterais. Gray cata uma cueca boxer do chão e enfia no armário com uma expressão pateticamente constrangida.

— Foi mal — diz ele. — Se eu soubesse que você vinha... — Ele faz uma pausa, parecendo pensar por um momento. — Bem, para ser

sincero, não. Eu provavelmente continuaria sendo um bagunceiro.

— Que monstro — brinco, olhando de relance pelo quarto para os copos d'água meio vazios amontoados por todas as superfícies disponíveis e os exemplares para o clube do livro empilhados perigosamente na escrivaninha.

Na cômoda tem uma foto das suas mães com um menininho de cabelo de cuia ligeiramente desigual, os dentes da frente tortos feito os de um personagem de desenho animado.

— Ai, meu Deus — digo, pegando a foto antes de conseguir me segurar. — É você?

— Não — diz Gray na mesma hora —, eu só gosto de ter a foto de um garotinho aleatório no quarto.

— Cala a boca — respondo, completamente incapaz de conter um sorriso. — Você era fofo.

— Eu... precisava desesperadamente de um corte de cabelo e de um investimento de doze mil dólares em ortodontia — argumenta Gray, se sentando na beira da cama e apoiando as mãos às costas. — Essa foto me mantém humilde.

— Ah, entendi — digo com seriedade, cruzando o tapete e parando entre os joelhos dele, com as mãos em seus ombros largos e quentes. — Porque, de outro modo, seu ego simplesmente explodiria por todo lado, né?

— Ah, totalmente fora de controle — confirma Gray com um sorriso. — Quer dizer, com minhas conquistas atléticas, meu espetacular histórico acadêmico...

— Sua habilidade lendária com as mulheres — adiciono.

— E eu também sou alto — conclui ele, segurando minha cintura e me puxando para perto. — Não se esqueça disso.

— Jamais — murmuro, envolvendo o pescoço dele com as mãos e inclinando o rosto para baixo até ele entender a mensagem e me beijar.

Solto um suspirinho com a boca na dele. Já fizemos isso vezes o suficiente nas últimas semanas para que comece a parecer normal, o que não quer dizer que a empolgação tenha diminuído — pelo contrário, na verdade. Beijar Gray não é parecido com nada que eu já tenha feito. Não é como se eu não gostasse de dar uns pegadas no Jacob, mas a verdade é que eu nunca entendi totalmente qual era a grande graça. Metade do tempo eu estava com a cabeça em outro lugar — me preocupando com alguma questão que errara no teste de cálculo

daquela manhã, lembrando alguma discussão com a minha mãe —, e acho que ele nunca nem percebeu.

Com Gray eu me sinto dolorosa e deliciosamente alerta.

Em certo momento, ele nos guia para o colchão, o cheiro de sabão em pó e sono e garoto me rodeando por completo. A porta continua aberta, mas o quarto dele fica tão longe do topo da escada que é como se estivéssemos sozinhos na casa. Gray desliza os dedos por baixo da minha camiseta, tocando a pele sensível da minha cintura e subindo até a base da minha costela. Estremeço, e os olhos dele se abrem na mesma hora.

— Tudo bem? — pergunta ele, me avaliando com o olhar.

Eu me afasto e olho para ele por um momento, atingida por aquele *signal* de reconhecimento que nunca tinha sentido.

Eu te entendo, quero dizer para ele. *Acho que você me entende também.*

— Aham — respondo. — É gostoso.

VINTE E OITO

Gray tem um jogo de lacrosse na quinta seguinte, então eu vou ao clube do livro sem ele — nós lemos “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença” esta semana, e eu estava pensando em sugerir que assistamos ao documentário da **pbs** sobre Audre Lorde, mas quando entro na sala da sra. Klein depois da última aula, Dave parece surpreso em me ver.

— Você veio? — pergunta ele, tirando um saco de pretzels e um pote de molho de cebola da mochila. Hoje era a vez dele de levar petiscos. — Gray não tem aquele megajogo contra Hartley?

— Ué, tem — digo, ignorando a pontada de culpa que sinto por perder o jogo; a mesma pontada que venho sentindo o dia todo, para ser sincera. — Mas ele entende.

— Jura? — pergunta Elisa, largando a bolsa no chão e se jogando em uma cadeira vazia ao lado da sra. Klein. — Esse não é o time da escola da qual ele foi expulso? Parece meio que importante.

— Valeu — digo, pegando alguns pretzels e mastigando, pensativa. — Não sei. Acho que eu não queria ser esse tipo de garota, sabe? Aquela que falta aos próprios compromissos para ir torcer por um cara.

— Não acho que tenha nada errado em demonstrar apoio a alguém com quem se importa — diz Elisa, estendendo a mão para o saco de pretzels e balançando os longos dedos até que eu o passe. — Quer dizer, vocês todos foram ao meu jogo, não foram?

— Ah, claro — respondo —, mas aí é diferente.

— Por quê, porque ela é uma garota? — pergunta Dave. — Isso não é, tipo, sexismo inverso?

— Sexismo inverso definitivamente não existe — diz Lydia imediatamente.

— Bem, vamos analisar melhor — intervém a sra. Klein, colocando seu livro de ensaios na mesa como se subitamente suspeitasse de que não chegaremos ao ponto tão cedo. — Alguém pode me explicar *por que* não existe?

— Porque homens tem inegavelmente mais poder do que as mulheres na nossa sociedade — responde Maddie com tranquilidade, e eu a olho com surpresa; ela passou a maior parte das nossas reuniões em silêncio até agora, mas a voz dela é confiante e límpida. — Assim como racismo contra brancos não existe.

A sra. Klein assente.

— Racismo, assim como sexismo e capacitismo, são estruturas de poder — explica ela. — São sistemas de opressão maiores do que qualquer outra interação. Então quando pensarmos nesses termos, é importante que perguntemos a nós mesmos que grupos de pessoas têm estado historicamente no poder da nossa sociedade, e como as nossas instituições são organizadas de modo a permitir que esses mesmos grupos mantenham esse poder.

— Então, só para dar um exemplo aleatório e totalmente hipotético — completa Elisa —, um sistema onde o código de vestimenta inteiro da escola é bem mais restritivo para garotas do que para garotos... isso seria sexismo. Enquanto Marin não ir ao jogo do Gray porque está tentando provar um ponto...

— É só idiota — finaliza Lydia, triunfante.

— Ei! — reclamo, mas estou rindo. Afinal, não é como se elas estivessem erradas. Por mais que eu ame esse clube do livro, não consigo agir como se não quisesse estar em outro lugar hoje. Eu gosto de Gray, não importa o quanto tenho tentado me impedir de admitir. Quero estar lá para torcer por ele.

Elisa olha de relance para o relógio perto da porta.

— O jogo só começa às 16 horas, certo? — pergunta ela, erguendo as sobrancelhas. — Proponho uma excursão.

— Quem topa? — pergunta Dave, e meia dúzia de mãos se ergue pela sala.

Sinto um sorriso se abrir no meu rosto.

Hartley fica a apenas vinte minutos de distância; as arquibancadas estão lotadas de espectadores e o lugar todo tem um leve cheiro de vestiário. A sra. Klein acabou indo junto, nos seguindo em seu pequeno e limpo Volkswagen. Nosso grupo encontra lugares do lado de Bridgewater, onde luzes fluorescentes deixam nosso rosto ligeiramente esverdeado.

— Lá está o Gray! — diz Maddie, erguendo uma das mãos para acenar quando nos instalamos perto do topo das arquibancadas.

Abaixo o rosto para esconder minha revirada de olhos instintiva diante da empolgação dela, mas quando volto a erguê-lo, Gray está olhando direto para mim, e em um piscar de olhos a expressão no rosto dele apaga qualquer estranheza que senti sobre vir ao jogo. Ele parece — não há outra forma de descrever a cara dele, nem a sensação quente no meu peito — *encantado*.

Mesmo depois de namorar Jacob por quase um ano, eu não faço a menor ideia das regras de lacrosse, mas gosto de ver Gray correndo lá embaixo — a facilidade com que seu corpo se move no uniforme vermelho e dourado, a concentração em seu belo rosto. Sei que ele tem sentimentos contraditórios sobre jogar para St. Lawrence no ano que vem, mas é óbvio que ele poderia, se quisesse: é um líder nato, encorajando seus colegas de time mesmo enquanto corre em disparada pela extensão do campo.

Nosso time está liderando por 3 a 2 e Gray está a caminho de outro gol quando um dos caras de Hartley estica o taco de lacrosse para o meio do caminho de uma maneira que me parece proposital. Gray vê e tenta desviar, mas não é rápido o bastante, tropeçando e caindo com um baque que sinto na espinha. Do meu lado, a sra. Klein arqueja, o tipo de som que você nunca quer ouvir de uma figura de autoridade. Lydia solta um palavrão baixinho.

Por um momento, Gray fica no chão, imóvel; o juiz apita, e um murmúrio se eleva pela plateia. Antes que eu consiga pensar no que estou fazendo, já me levantei e desci tropeçando as arquibancadas, disparando pelo meio da multidão e para dentro do campo.

— Você não pode entrar aqui! — exclama um dos juízes, mas não escuto.

Em geral, eu nunca faria uma coisa dessas — chamar atenção para

mim mesma de propósito, fazer uma cena —, mas nos últimos tempos venho descobrindo exatamente o que *posso* vir a fazer, se tiver uma razão boa o suficiente.

E Gray é uma razão boa o suficiente.

Quando o alcanço, ele está se esforçando para sentar, rodeado por outro juiz, o treinador Arwen e um monte de outros colegas de time, todos preocupados. Seu tornozelo já está começando a inchar.

— Vou chamar uma ambulância — diz o treinador, tirando o celular do bolso.

— Não, não, não, eu definitivamente não preciso disso — protesta Gray, mas quando tenta ficar de pé, todo o seu rosto fica suado e branco. — Ok — concorda ele, sentando de volta, fazendo uma careta. — Talvez eu precise.

Então parece perceber minha presença ali pela primeira vez.

— Oi — diz ele.

— Oi — respondo. — Quer que eu ligue para suas mães?

Gray balança a cabeça.

— Você pode ligar, mas vai ser difícil conseguir falar com elas — explica ele. — Minha mãe está dando aula. E minha mãe está no tribunal.

Ele me olha e abre um sorrisinho fraco; é óbvio que está sentindo muita dor, por mais que tente não demonstrar.

— Viu, essa seria uma das situações em que seria útil que eu as chamasse de jeitos diferentes.

A ambulância chega em alguns minutos com dois paramédicos eficientes que enchem Gray de perguntas, movendo com delicadeza seu tornozelo de um lado para o outro. A mulher não parece muito mais velha que a gente.

Você sabe o que está fazendo?, sinto vontade de perguntar, me encolhendo quando Gray faz uma careta de evidente desconforto. *Sabe o quanto ele é importante?*

Finalmente, eles parecem concordar que deve estar quebrado e que ele precisa de uma radiografia, então o erguem sobre o pé bom e o deitam em uma maca. Ele é mais alto do que ambos, e mais largo; os dois me lembram um casal de contos de fada tentando transportar um gigante caído.

— Vou te encontrar lá o mais rápido possível — diz o treinador Arwen para Gray, tirando o boné e esfregando com nervosismo o cabelo grisalho, que fica apontado em todas as direções igual ao

cientista de *De volta para o futuro*. — Quer que um dos caras do time vá com você pra fazer companhia?

— Eu vou — escuto a mim mesma anunciar.

A multidão de rostos se vira para me olhar na mesma hora.

— Quem é você? — pergunta o paramédico homem.

— Namorada dele — falo depressa.

Gray ergue as sobrancelhas com um sorriso. É a primeira vez que eu uso a palavra com *n* na frente dele. Na verdade, é a primeira vez que a uso, ponto.

Deixo mensagens para suas mães no caminho para o hospital, então me acomodo em uma cadeira da sala de espera enquanto o enfermeiro o leva para tirar radiografia e mando mensagem para meus próprios pais e para o pessoal do clube do livro para avisá-los do que está acontecendo.

Fala pro Gray que a gente ama ele!, responde Elisa, com uma sequência de emojis no tema. *Ganhamos o jogo*.

Finalmente, os enfermeiros me deixam entrar e ficar com ele enquanto esperamos o resultado das radiografias.

— Oi — digo, me sentando na cadeira de visitas ao lado da cama do hospital. Ele ainda está com o uniforme de lacrosse, e tem um machucado de aparência dolorosa no antebraço.

— Estou sob efeito de muitas drogas — anuncia Gray, solene. — Então, sabe como é. Nada de se engraçar.

— Jamais — garanto, olhando para as minhas mãos por um momento. Eu ando roendo as unhas de novo, um hábito do qual me livrei no segundo ano do fundamental, quando a minha mãe passou a pintá-las com vinagre branco, e minhas cutículas estão irregulares e machucadas.

Gray abre um sorriso preguiçoso e desorientado.

— Foi legal ouvir você dizendo que é a minha namorada lá no campo.

Dou um sorriso e reviro os olhos.

— Pareceu mais rápido do que me identificar como, tipo, fundadora do seu clube do livro feminista e nova amiga que às vezes passa uns tempos no seu quarto.

Ele volta a descansar a cabeça no travesseiro com um olhar surpreendentemente aguçado.

— Até que esse é um bom título, acho. Mas namorada também. — Ele pega a minha mão. — Eu gosto tanto, tanto de você, Marin. E não

só porque estou meio chapado agora, e não só porque não me canso de aprender sobre teoria feminista. Eu acho você inteligente. Acho você engraçada. E acho você forte pra caramba.

Tento controlar a súbita onda de emoções: medo de me magoar de novo, alívio por ele estar bem, e alguma coisa ainda maior e mais quente do que isso, algo que enche meu peito até que parece que ele vai explodir de tão expandido que está.

— Aposto que você diz isso pra todas — digo finalmente.

Estou brincando, mas Gray não sorri.

— Na verdade, não — responde enquanto se senta. — Eu não digo mesmo.

Ele puxa a minha mão, fazendo com que nossos rostos quase se encostem.

— Você é minha namorada? — pergunta ele, com a voz bem baixinha.

Estou ocupada demais o beijando para responder.

VINTE E NOVE

Os alunos no último semestre do terceiro ano têm permissão para sair do campus durante os períodos livres entre aulas, então na terça-feira eu saio para comprar bagels e lattes, e depois volto para me encontrar com Gray na área comum em frente à biblioteca. Ele está lendo *Um teto todo seu* para o clube do livro, seu tornozelo machucado apoiado em um banco. Foi apenas uma torção feia, mas ele vai ter que usar muletas por pelo menos duas semanas.

“*Neh*”, disse ele quando o médico deu a notícia, “só faltavam uns dois jogos mesmo.”

Não consegui deixar de notar que ele não pareceu ficar tão chateado com isso. Ainda não conversou com suas mães sobre a faculdade.

— Minha heroína — diz ele agora, pegando seu bagel e levantando o rosto para me beijar antes de erguer o livro para mim. — Esse é chato pra cacete.

— Ah, fala sério — reprimo, por mais que eu tenha lido as cinquentas primeiras páginas ontem à noite e ache que ele tem um pouco de razão.

Eu me sento no banco ao lado dele e dou um gole no meu latte antes de abrir a mochila, pegar o celular e clicar no ícone do e-mail. Se o sr. DioGuardi pega você apenas olhando para o celular durante o período de aulas, ele confisca o aparelho até o fim do dia, deixando-o em um grande cesto da administração rotulado com uma imagem de um iPhone antropomorfizado chorando enormes lágrimas cartunescas

que ele deve ter achado na internet, mas as notificações de Brown estão chegando essa semana, e eu venho atualizando a caixa de e-mail a cada quinze minutos. Olhei enquanto estava no Panera, então de novo antes de entrar na escola, mas desta vez quando clico no ícone não consigo reprimir um arquejo: um dos remetentes mais recentes é **escritório de admissões da universidade brown.**

Gray ergue o olhar do livro.

— Hum?

Balanço a cabeça em vez de responder. Quando imaginei esse momento — e, sejamos sinceros, eu imagino esse momento mais ou menos desde o primeiro ano do ensino médio —, eu sempre estava calmamente olhando o laptop em casa, com uma xícara de chá ao lado e um gato enroscado no colo, a grandiosidade e inevitabilidade da ocasião de alguma forma conseguindo superar a inconveniência do fato de que eu não bebo chá nem tenho um gato. Agora eu me forço a respirar fundo, tomar consciência do cenário ao meu redor — a grama quebradiça de janeiro do lado de fora, o cheiro levemente medicamentoso do sabonete facial de Gray, o saco de papel amassado do Panera no meu colo. Quero me lembrar perfeitamente da sensação.

Cara Marin,

Obrigado por seu interesse na Universidade Brown. Infelizmente, sinto muito em informar que não podemos lhe oferecer uma vaga para o próximo ano acadêmico.

Sinto o sangue se esvaír do rosto, um formigamento na ponta dos dedos. Por um longo e atordoado momento, não consigo processar as palavras.

Eu não passei.

Nem mesmo entrei para a *lista de espera*.

O e-mail continua a partir daí, explicando como eles recebem muitas inscrições e como o processo de admissão é rigoroso, me garantindo que o fato de eu não ter passado para Brown não significa que eu não tenha um brilhante futuro acadêmico pela frente, mas é como se o texto todo estivesse escrito em um idioma que eu não entendo. Meu coração martela nas costelas. Meus pés e mãos estão frios e dormentes. Essa é apenas mais uma situação que eu julguei de forma totalmente errada, percebo com horror: eu estava confiante

demais, com muita certeza de que estava no controle. Fiz tudo errado.

Gray volta a olhar para mim, com um leve vinco entre as sobrancelhas grossas e retas.

— Está tudo bem? — pergunta.

— Hum — respondo, engolindo um nó do tamanho de um par de meias de ginástica entalado no fundo da minha garganta. — Aham.

Não consigo me forçar a contar para ele, e assim que penso nisso lembro que, de alguma forma, eu vou ter que contar para os meus pais — meu Deus, eu vou ter que contar para a vovó, sendo que esse sempre foi o sonho dela para mim —, e é aí que começo a sentir como se pudesse vomitar a qualquer momento.

Eu achei que não precisava me preocupar. Como pude ser tão burra?

Calma aí, penso, minha cabeça clareando brevemente. Eu achei que não precisava me preocupar porque a entrevistadora basicamente me disse isso.

— Hum — repito, me levantando tão depressa que a sacola de papel desliza para o chão; eu me abaixo, pego-a e jogo-a na direção de Gray, pendurando a mochila ainda aberta num dos ombros. — Acabei de lembrar que deixei minhas anotações para a próxima aula no carro. Te vejo no almoço, ok?

— Hum, tá bom. — Gray estreita um pouco os olhos. — Claro.

Então coloca uma das mãozonas no meu braço e continua:

— Marin, tem certeza de que está tudo bem? Você ficou, tipo, superestranha do nada.

— Aham — respondo por cima do ombro, me afastando delicadamente dele e disparando pelo corredor na direção da saída. — Está tudo ótimo!

Ao chegar no estacionamento, reviro a mochila desesperadamente até encontrar o cartão de visitas que Kalina me deu no dia da entrevista; está lá no fundo, amassado, sujo de migalhas e com as beiradas dobradas. Digito o número do escritório dela com as mãos trêmulas, estreitando os olhos para a luz do meio da manhã.

— Marin — diz Kalina quando o assistente da secretaria transfere a ligação para a sala dela. Ela parece imediatamente desconfortável, e eu me pergunto se alguma figura de autoridade um dia vai voltar a ficar feliz em falar comigo. — Como você está?

— Ah, não muito bem, na verdade. — Afundo as unhas da mão livre na palma, tentando não parecer histérica. Só tenho seis minutos

antes da próxima aula. — Eu acabei de receber um e-mail de rejeição do seu escritório.

Kalina emite um som empático.

— Putz, sinto muito — diz ela. — Sabe, a universidade recebe mais de trinta mil inscrições todo ano, e o número de vagas é tão limitado que frequentemente até mesmo quando um candidato é qualificado...

— Não, eu sei — interrompo. — É o que diz no e-mail. E me desculpe se é inapropriado ligar desse jeito. Sei que provavelmente não é uma boa conduta. Mas eu só queria saber o que aconteceu. Para, tipo, o futuro.

— Infelizmente, eu não posso te dar informações específicas — responde Kalina. — Temos uma política de não comentar casos individuais... Como disse, são tantas inscrições...

— Kalina — insisto, com a voz perigosamente prestes a falhar. — Por favor? Você tinha toda a informação quando nos encontramos, certo? E você disse...

— Eu não deveria — diz ela, me interrompendo. — Sei que nós duas nos demos bem, mas eu não tinha autoridade para dizer aquilo, e peço desculpas se...

— Foram as minhas notas? — pergunto. — Minhas atividades extracurriculares? O quê?

Kalina fica em silêncio por um momento. É como se eu pudesse ouvi-la debatendo consigo mesma do outro lado da linha.

— Olha, Marin — fala ela com a voz bem baixa. — No fim das contas, o conselho de admissões recebeu informações que nos fez sentir que talvez seu perfil combinasse mais com outro lugar, só isso.

Endireito as costas na mesma hora, sentindo como se uma aranha andasse pela minha coluna.

— Que informação?

— Marin, eu realmente não posso...

— Que informação? Kalina, se alguém disse alguma coisa sobre mim que me impediu de passar para uma *faculdade*... — Balanço a cabeça, tendo um vislumbre da janela da sala do jornal pelo canto do olho; então a ficha cai. — Ai meu Deus! Foi o Bex?

— Perdão?

— Sr. Beckett — explico. — Jon Beckett, meu professor de literatura. Ele... eu e ele... A família dele faz umas doações enormes, e... — Eu me interrompo. — Foi ele?

Kalina não responde por um longo momento, e é assim que sei que

é verdade.

— Se serve de consolo, eu defendi você — diz ela finalmente. — Sinto muito que não tenha dado certo.

— É — respondo, vagamente ciente do sinal anunciando o final do intervalo tocando ao longe. Inclino a cabeça e olho para a linha das árvores, com os olhos embaçados pelas lágrimas. — Eu também.

TRINTA

Volto tropeçando para dentro do prédio, com o peito apertado e a respiração entrecortada e acelerada. Sinto que poderia quebrar troncos de árvores com as próprias mãos ou entrar em combustão no meio do corredor. No fundo, sei que não passar para a minha primeira opção de universidade da Ivy League é a definição de problema de primeiro mundo: afinal, existem várias outras faculdades. Existem vários outros caminhos.

Mas era esse que eu queria. Era esse que eu *fiz por merecer*.

E ele simplesmente... tirou isso de mim.

Só há um pensamento concreto na minha mente enquanto sigo apressada pelo corredor:

Preciso encontrá-lo.

Sei, da época que éramos amigos ou sei lá o que eu pensava que éramos, que Bex não dá aula nesse horário. Vou para a sala do jornal, mas o cômodo está escuro e vazio, apenas vagamente iluminado pelos protetores de tela de Bridgewater nos monitores dos computadores.

Tento o refeitório em seguida, então a administração, onde fica a copiadora, mas sem sucesso. Estou totalmente preparada para marchar pela sala dos professores adentro e interromper quaisquer que sejam as coisas secretas e sagradas que eles fazem lá dentro com seu micro-ondas e chaleira elétrica, mas, em vez disso, quando faço a curva perto do laboratório da sra. Klein, me deparo com ele desfilando pelo corredor na minha direção, com a bolsa carteiro idiota atravessada no peito.

Arquejo, congelando por um momento antes de conseguir proferir qualquer palavra.

— Hum — anuncio, soando fleumática e confusa. — Preciso falar com você.

Bex franze a testa.

— Marin — diz ele, com uma pequena pausa como se eu fosse algum aluno aleatório para quem ele nunca deu aula e precisasse buscar na sua lista mental de contatos até se lembrar do meu nome. — Você não deveria estar em aula?

— Acho que não importa muito a essa altura, né? — retruco. — Você se certificou disso.

Bex estreita os olhos por um brevíssimo momento.

— Bem, está bastante óbvio que você está chateada — observa ele com um tom neutro, como se o meu estado não tivesse absolutamente nada a ver com ele, como se eu fosse um personagem de um programa de TV de que ele não gosta muito. — Você quer ir conversar em algum lugar?

— Algum lugar tipo o seu apartamento?

A frase saiu antes que eu pudesse evitar, e acho que nos deixei igualmente chocados: Bex aperta os lábios, com um músculo se contraindo de forma errática na mandíbula.

— Isso é muito inapropriado — murmura ele balançando a cabeça, então desvia o olhar e continua seguindo pelo corredor, esbarrando de leve em mim ao passar. — Se você quiser ter uma conversa sobre o seu trabalho escolar, sabe onde me...

Dou uma gargalhada alta e histérica como se fosse uma das bruxas de *Macbeth*. Sei que pareço exatamente tão maluca e descontrolada quanto todo mundo da escola pensa, mas pela primeira vez desde que tudo começou eu não dou a mínima para isso.

— É sério? — Não consigo me impedir de perguntar. — *Eu* sou inapropriada?

— *Basta*. — De uma hora para a outra, Bex se vira, me segura pelo braço e me puxa pelo corredor até a escadaria sul, batendo a porta às nossas costas com um ruído alarmante. — Deus do céu, Marin — diz ele, perplexo. — Qual é o seu problema agora?

No fundo da minha mente, me ocorre que preciso ter medo dele. Em vez disso, eu me mantenho firme, pressionando os pés contra o chão de linóleo e forçando a voz a não tremer.

— Você falou com o conselho de admissões de Brown sobre mim?

A expressão de Bex não muda, tão tranquila e inocente quanto a de um jovem escoteiro, mas suas mãos se contorcem nas laterais do corpo.

— Eu... O que te faz pensar isso? — pergunta ele, então limpa a garganta, e é aí que eu sei que estou certa.

— Você falou. — Mesmo depois de tudo o que aconteceu, existia uma parte de mim que não acreditava até aquele momento, como se certamente nenhum adulto (nenhum *professor*) pudesse ser tão horrível, mesquinho e cruel. — Ai, meu Deus.

— Para começo de conversa...

— Como você pôde fazer isso comigo? — interrompo, tentando ao máximo engolir o soluço que sinto subir pela garganta. Soar um pouco emotiva é uma coisa. Deixar que ele me veja chorando é outra bem diferente. — Brown sempre foi a droga do meu sonho.

Bex bufa, baixo e cruel.

— Eu arruinei o *seu sonho*? — fala ele em tom desdenhoso, como se eu fosse uma criancinha que ainda acredita no Papai Noel. — Você tentou arruinar a *minha vida*, Marin.

Por um momento, fico totalmente perplexa.

— Eu... o quê?

Bex revira os olhos e passa a mão no cabelo como se não conseguisse acreditar na minha atitude.

— Meu Deus — diz ele —, você é tão mimada. Todo mundo dessa escola é mimado, mas você, em especial, é mais que todos.

Eu o encaro sem reação por um momento, pega de surpresa. Nenhum adulto nunca falou comigo desse jeito.

— Como é que eu sou mimada? — pergunto, mais chocada do que ofendida. — Foi você quem...

— Você pode se fazer de vítima à vontade, garota — interrompe Bex. — Pode agir como se não tivesse nada a ver com o que aconteceu. Mas nós dois sabemos a verdade.

Sinto meu corpo ficar imóvel.

— O que você quer dizer com isso?

— Ah, não me olha com essa cara. Você não é um filhotinho assustado. — Bex revira os olhos. — Você estava sempre me rodeando, Marin. Passando tempo na sala do jornal. Criando desculpas para pedir carona.

— Calma aí — protesto. — Eu nunca...

— Sentando na porra da minha mesa, pelo amor de Deus —

continua ele. — Que ideia exatamente você achou que estava me passando? Você queria, Marin. E talvez tenha surtado e se arrependido depois, mas eu não vou ficar calado e deixar você me pintar como algum tipo de predador sexual quando nós dois sabemos que você foi tão responsável pelo que aconteceu quanto eu. Mais, provavelmente.

Estou chorando agora, não consigo impedir; lágrimas escorrem rápida e silenciosamente pelo meu rosto. Pela primeira vez na vida, me sinto sem palavras.

— Vai se foder. — É tudo o que consigo dizer. Não espero pela resposta antes de me virar e me afastar.

TRINTA E UM

Disparo pelo corredor na direção da saída sul, esmurrando a barra da porta e me jogando para o estacionamento mesmo que esteja no meio do dia. Afinal, não é como se importasse — o que podem fazer comigo a esse ponto se me pegarem matando as aulas da tarde? Dizer que não vou conseguir passar para Brown?

O estacionamento está estranhamente quieto, apenas uns dois pássaros tagarelando nas árvores e um carro passando de vez em quando na rua. Destranco o carro com as mãos trêmulas, enfiando a chave na ignição e quase raspando em um Passat vermelho ao sair da vaga, com tudo o que deveria ter dito ao Bex ecoando cruelmente na cabeça. *Eu* sou mimada? É ele quem tem um auditório com seu nome em uma universidade da Ivy League. *Eu* sou responsável pelo que aconteceu entre nós? Ele é o babaca que me levou para a porra do apartamento dele.

Lágrimas quentes embaçam a visão da rua à minha frente. Sigo para Juniper Hill Avenue, com o trânsito do dia rareando à medida que passo pelos campos de beisebol, pelo clube de golfe e pelo salão de festas onde aconteceu minha formatura do oitavo ano do fundamental. Não tenho nenhum destino em mente. Não posso ir para casa e enfrentar meus pais. Não posso fazer um retorno e voltar para a escola. Tem uma parte de mim que só quer continuar dirigindo — dar o fora dessa cidade idiota, manter o pé afundado no pedal até chegar ao Oceano Atlântico.

Finalmente, pego o caminho para Sunrise sem ter tomado uma

decisão consciente de fazê-lo, dominada por instinto e memória muscular. Minha avó é a única companhia que consigo imaginar neste momento.

Quando saio do elevador, me deparo com Camille saindo de uma suíte no fundo do corredor, com uma faixa medidora de pressão pendurada em uma das mãos. Seu jaleco de hoje tem estampa de patinhos de borracha, os Crocs seguem o mesmo amarelo vívido e alegre.

— Marin — diz ela, parecendo surpresa; e ali está aquele olhar desconfortável de novo, aquela trepidação diante da minha presença. — O que está fazendo aqui, hein? Não deveria estar na escola?

— Dia de leitura — respondo, admirada com a facilidade com que a mentira sai da minha boca. — Só preciso falar com a minha avó rapidinho.

— Agora realmente não é um bom momento, querida. É melhor você voltar depois.

Isso me surpreende; em todos os anos que frequento esse lugar, Camille nunca me disse nada do tipo.

— Por quê? — pergunto, franzindo a testa. — O que está acontecendo?

— Ela está tendo um dia difícil, só isso. Estava um pouco agitada hoje de manhã. Provavelmente vai ser melhor deixá-la descansar.

O tom de Camille é leve — amigável, até —, mas tem um alerta oculto que eu nunca ouvi.

— Como assim, agitada? — pergunto, tentando manter a voz estável. — Ela está bem?

Camille assente.

— Ela está ótima, querida. Ela só... você sabe. Precisa pegar leve até voltar a se sentir mais como si mesma.

— O quê? Ela não está se lembrando das coisas? — Balanço a cabeça. — Mas não tem problema. Eu não me importo.

— Marin...

— Ela sabe quem eu sou — garanto. — Está tudo bem, Camille, de verdade. Serei rápida.

Camille dá um passo na minha direção — para tentar bloquear meu caminho para o corredor, talvez, ou tentar me segurar pelo braço —, mas sou rápida e determinada demais, e possivelmente um pouco perturbada demais, e consigo desviar dela e disparar pelo corredor bem-iluminado até a suíte da vovó. Está toda fechada hoje, o que é

incomum, mas eu bato suavemente antes de abri-la, como sempre.

— Oi, vó — exclamo, com uma animação meio exagerada; então paro onde estou, pega de surpresa.

A mulher sentada com um olhar vago no sofá de dois lugares não se parece em nada com a minha avó. Ela não está de batom; sua boca é tão pálida que quase se camufla com o resto do rosto. O cabelo branco está uma bagunça embaraçada. Ela ainda está de pijama, com o botão de cima da blusa aberto revelando suas clavículas pontudas e protuberantes. Acima de tudo, ela simplesmente parece *frágil*.

— Quem é você? — pergunta ela com os olhos azuis lacrimosos e desconfiados.

Mordo o lábio.

— Oi, vó — repito, tomando cuidado para manter minha voz tranquila. — Sou eu. Marin.

Vovó balança a cabeça, teimosa.

— Eu não te conheço.

— Sou sua neta — tento, me esforçando para engolir o súbito nó na garganta, sabendo instintivamente que ficar emotiva só vai piorar as coisas; o que, penso amargamente, parece o tema da minha vida nos últimos tempos. — Sou filha da Dyana, lembra?

Dou um passo para mais perto, mas vovó ergue as mãos como se fosse a vítima de um antigo filme de mistério e assassinato no canal de clássicos.

— Quem? Eu *não* te *conheço* — repete ela. — Onde está a enfermeira?

Então, erguendo a voz na direção da porta aberta:

— Ei! Tem uma mulher estranha aqui dentro! Preciso de ajuda!

— Vovó — imploro —, por favor.

Mas Camille já entrou no quarto e apoiou a mão nas minhas costas com firmeza e delicadeza.

— Ora, olá, sra. Fran — diz ela calmamente. — A senhora está bem, eu estou aqui. Só vou dar uma voltinha com a nossa amiga aqui, então volto com um pouco de chá gelado para a senhora, que tal?

— Eu *não* a *conheço* — insiste vovó, parecendo mais irritada do que assustada agora, como se eu fosse mais um incômodo do que uma ameaça. Sinceramente, não sei o que é pior.

Eu não deveria ter vindo aqui, penso estupidamente. Tudo o que faço é causar desastre por onde passo.

— Eu sei — responde Camille, passando um braço ao redor dos

meus ombros e apertando uma vez antes de me guiar para a porta. — Vamos, querida.

— Desculpa — digo quando chegamos ao corredor. — Desculpa, sei que você tentou me avisar, eu só... — *Achei que sabia mais que você*, penso, me sentindo subitamente uma idiota acima de tudo. — Desculpa.

— Marin, querida. — Camille solta um suspiro; não *irritada* comigo, exatamente, mas também não calorosa como de costume. — Por que não ligamos para a sua mãe, hein?

Balanço a cabeça na mesma hora.

— Está tudo bem, eu já vou... Eu vou embora. Desculpa. Pode voltar lá e ver como ela está. Não era minha intenção piorar as coisas.

— Marin... — começa Camille, e sei que ela vai tentar me consolar, por mais que não seja trabalho dela fazer isso. Ergo as mãos para impedi-la, então me viro e sigo uma linha reta até as escadas, com lágrimas doloridas pulsando atrás da garganta.

Quando chego ao estacionamento do andar de baixo, eu me sento no carro e fico lá por um longo tempo, limpando lágrimas e catarro e muita tristeza do rosto. Lembro-me de quando era criança, antes mesmo da Gracie nascer, e passava a noite na casa da vovó em Brockton. Não fazia muito tempo desde a morte do vovô Tony, e ela me deixava dormir na cama grande com ela, onde assistíamos a reprises de seriados de comédia dos anos 1990 enquanto o ar-condicionado zumbia na janela. Ela costumava fazer carinho no meu cabelo até que eu adormecesse.

Finalmente, exausta, saio do estacionamento e dirijo para casa. A rota mais rápida me leva de volta à escola, e eu olho de relance para o estacionamento enquanto espero o sinal abrir: as últimas aulas acabaram há pouco, e o terreno está quase vazio. Na verdade, percebo com uma pontada súbita e desagradável, o Jeep do sr. Beckett é um dos únicos carros ainda no estacionamento. Está parado ali, todo presunçoso embaixo de um corniso florido não muito longe da entrada do terceiro ano, com seu adesivo idiota do Bernie Sanders desbotando no para-choques.

Penso, muito claramente: *Não seja tão boazinha*.

Então entro no estacionamento.

Paro ao lado do Jeep e puxo o freio de mão, deixando o motor ligado enquanto abro o porta-malas e saio do carro. Nem tinha chegado a articular um plano, mas pego a tinta que sobrou do dia em

que fizemos cartazes para o jogo de vôlei de Elisa — ainda ali na mala, ao lado do kit de primeiros-socorros da minha mãe e uns dois livros atrasados da biblioteca, como se, bem no fundo do meu cérebro, como um segredo, eu soubesse que poderia precisar dela de novo. Parece uma relíquia de um passado totalmente diferente.

Seguro um pincel seco e com crosta de tinta entre os dentes e tiro a tampa do tubo de tinta com as mãos trêmulas, olhando de relance por cima do ombro para ter certeza de que não tem ninguém vindo; o estacionamento está deserto, até mesmo os pássaros já foram para casa. É como se eu estivesse totalmente fora de mim enquanto rabisco a primeira palavra que me vem à cabeça com letras enormes e vermelhas escorrendo pelo vidro traseiro de Bex. Quando termino, jogo o que sobrou da tinta no carro dele como um toque final e dou um passo para trás, admirando meu trabalho.

Então volto a entrar no carro e dirijo para longe.

TRINTA E DOIS

Na manhã seguinte, mal entro na sala de Madame Kemps, a professora de francês, para a primeira aula da manhã, e ela faz um gesto com a cabeça na minha direção.

— Marin — diz ela, distraída, enquanto rabisca os verbos irregulares dessa manhã no quadro branco em sua letra inclinada —, tem uma licença para você na minha mesa. A sra. Lynch disse que estão te chamando na secretaria.

Congelo no lugar, segurando a alça da mochila com força. Penso na mesma hora em *Thelma & Louise*, um filme antigo a que assisti com a minha mãe na TV a cabo sobre duas amigas que matam um cara em legítima defesa e fogem. O filme termina com as duas se atirando para dentro do Grand Canyon em vez de se entregar para a polícia; a incrível e chocante cena congelada do carro voando por cima do penhasco não saiu da minha cabeça por semanas. Era estranhamente revigorante a ideia dessas duas mulheres se recusando a participar de um sistema injusto. Olhando para um leque de opções de merda e decidindo fazer sua retirada nos próprios termos.

É claro: no filme não vemos a queda em si.

Eu me arrasto pelas escadas do terceiro ano até a administração, onde a sra. Lynch está diligentemente adicionando emojis de balão a uma mensagem de feliz aniversário no Facebook de alguém.

— Marin — diz o sr. DioGuardi quando bato na porta aberta, sem se dar ao trabalho de dizer “oi” dessa vez. Acho que oficialmente passamos do ponto da formalidade. — Sente-se.

Eu obedeco enquanto o sr. DioGuardi coloca o apito na boca, produzindo um silvo agudo baixinho toda vez que respira. Finalmente, ele o tira da boca e me encara por cima da mesa.

— Então — continua ele, com as mãos carnudas entrelaçadas. — Você quer começar, ou eu começo?

— Hum — digo, sem saber direito qual é o protocolo. Nunca me meti em problemas a vida inteira, e tenho convicção de que é isso que está prestes a acontecer, por mais que não imagine quem possa ter me visto. — Pode começar.

Não pretendo soar rabugenta, mas percebo que é como o sr. DioGuardi me interpreta.

— Tudo bem — responde ele, seco. — Façamos do seu jeito.

Ele vira o monitor do computador para mim e aperta a tecla do espaço para fazer a gravação da câmera de segurança granulada começar a se mover.

Sim, penso com uma dormência surpreendente, assistindo em silêncio enquanto meu carro para ao lado do de Bex, eu desço do banco do motorista e abro a mala. *Definitivamente estou prestes a me meter em problemas.*

Encaro a tela, hipnotizada pela minha versão de ontem enquanto, uma por vez, as letras aparecem no carro de Bex: *L*, então *I*, então *X*, e depois as curvas vermelho-escuras do *O*. Penso que, se eu soubesse que seria pega de qualquer maneira, poderia ter escolhido uma palavra maior.

— O que você estava pensando? — pergunta o sr. DioGuardi, e eu olho para ele, surpresa. Por um segundo, quase me esqueci de que ele estava ali. — Falando sério, Marin, o que diabos estava se passando na sua cabeça?

— Bom — digo, verdadeiramente analisando a pergunta. — Eu não estava pensando nas câmeras de segurança, isso eu posso garantir.

Foi a resposta errada: o sr. DioGuardi me lança um olhar raivoso do outro lado da mesa, fazendo as sobrancelhas escuras quase se encostarem.

— Você acha isso engraçado? — pergunta ele, exigente.

— Não — garanto imediatamente, e não estou mentindo. — Eu não acho nem um pouco engraçado.

— Então eu tomaria bastante cuidado, se fosse você — instrui ele.

Claramente já esgotei o limite da paciência dele.

— Seu futuro está nas suas mãos agora. Vamos suspendê-la por

duas semanas, a partir de hoje. A não ser que você queira uma expulsão em vez disso...

— Calma aí, *como é que é?* — Empurro a cadeira para trás, pulando de pé como se estivesse tentando fugir de um prédio em chamas. — Você vai...?

— O que eu *acabei* de falar, Marin? — As bochechas dele ficam vermelhas. — Para sua sorte, o sr. Beckett concordou em não prestar queixa.

Eu volto a me sentar, não tanto porque ele mandou, mas porque acho que minhas pernas podem ceder sob meu peso.

— Hum — volto a falar, me segurando nos braços da cadeira em uma tentativa patética de me controlar. Sinto o gosto do suco de laranja dessa manhã subindo perigosamente pelo fundo da garganta. — Ok.

— Tanto eu quanto ele estamos dispostos a reconhecer o estresse emocional pelo qual você vem passando — continua o sr. DioGuardi —, e entendemos a possibilidade de que você estivesse um pouco fora de si.

Fora de mim, penso stupidamente, encarando minhas mãos como se, de alguma forma, elas fossem partes separadas do meu corpo.

— A suspensão começa neste momento — repete o sr. DioGuardi. — Liguei para seus pais para informá-los da situação, e o sr. Lynch pode escoltá-la até seu armário para você pegar suas coisas.

— Eu não preciso de escolta — falo, me forçando a ficar de pé novamente. Nada sobre essa conversa parece real. *Suspensa*. Eu. É quase como se ele estivesse falando que vai me mandar para a lua.

— Marin...

— Eu disse que não preciso! — retruco com rispidez, e minha voz sai mais como um choro do que eu pretendia. Na mesma hora, ergo as mãos em rendição, como um caixa de banco sendo mantido refém. — Estou indo, ok? Estou indo.

Por um breve momento, o sr. DioGuardi me olha com uma expressão parecida com compaixão.

— Tudo bem — responde baixinho. — Vá pegar suas coisas, então.

O sinal toca bem no momento em que eu cambaleio, desorientada, para fora da administração, e as portas se escancaram como se acionadas por molas, permitindo a saída de todo o corpo estudantil. Eu quase dou de cara com Jacob, com seus imaculados mocassins brancos reluzindo sob as luzes fluorescentes e o boné do Sox contra-

as-regras-de-vestimenta de lado na cabeça, sobre o qual ninguém vai reclamar.

— E aí, Marin — diz ele, abrindo um sorriso retorcido e desagradável. Então aponta para o escritório da administração com a cabeça. — Anda curtindo um tempinho a sós com DioGuardi também?

É como se alguma coisa se partisse dentro de mim, como se tudo que eu vinha segurando com níveis variados de sucesso pelos últimos meses explodisse de uma vez só. Antes de perceber o que estou fazendo, avanço para cima dele e o empurro com o máximo de força que consigo, sentindo a parte de baixo das minhas palmas atingindo seu peito e seus ombros com um baque satisfatório. É ridículo — eu definitivamente não sou de brigar; Gracie e eu nunca nem puxamos os cabelos uma da outra quando pequenas —, mas Jacob não está esperando; eu o empurro de novo, com mais força dessa vez, pressionando-o contra a parede de armários às suas costas.

— Que porra é essa, Marin? — grita ele, levantando os braços para tentar se defender. — Você é maluca, cacete!

— E você é um babaca! — Ouço diversos arquejos de surpresa e gritos ao redor, mas minha visão periférica está borrada. — E cansei de deixar vocês todos simplesmente falarem essas merdas sem conseqüências!

É um espetáculo, exatamente o tipo de coisa que tentei evitar desde que voltei para a escola depois das férias; que tentei evitar a droga da *vida toda*. Talvez ele tenha razão. Talvez eu seja maluca, histérica, faminta por atenção, desesperada. Talvez eu seja tudo o que todo mundo pensa que sou, mas não consigo dar a mínima. Toda essa rebeliãozinha foi uma ideia idiota, para começo de conversa.

E, de uma hora para outra, eu não tenho mais nada a perder.

Estou prestes a partir para cima dele de novo quando Gray aparece do nada, largando as muletas no chão e me segurando pela cintura com os braços.

— Me solta! — ordeno, tentando afastar o braço dele. Não quero outro cara me tocando agora. Não quero ninguém me segurando.

— Ei, ei, ei — diz Gray, me arrastando para longe da multidão enquanto diz poucas e boas para a confusão de espectadores. Ele tem o dobro do meu tamanho, mas eu estou me debatendo com toda força; dou uma tapa para trás e acerto a lateral da sua mandíbula antes de ele finalmente me soltar no corredor que leva à biblioteca e à enfermaria, silencioso e escuro em comparação ao resto da escola.

— Me *solta* — insisto, por mais que ele já o tenha feito, mancando de lado sobre o gesso, as belas feições contorcidas de dor. O sinal toca para o começo da aula, mas parece estranhamente distante.

Gray balança a cabeça.

— O que *foi* isso? — pergunta ele, perplexo. — Você está bem?

— Estou ótima — retruco com rispidez, dando um impulso para passar; ele pega meu braço, e eu solto um chiado furioso. — Para. Dá pra parar? Estou *tão cansada* disso.

Meu Deus, eu preciso sair daqui. Assim que DioGuardi ouvir o que houve, sei que vou enfrentar uma expulsão; quero correr o mais rápido que puder e nunca voltar.

— Marin — diz Gray, tentando segurar minha mão novamente; eu me afasto com força, e ele ergue as mãos. — Desculpa. Desculpa, eu só...

— Eu disse pra *parar*! — falo, com a voz ecoando pelo corredor. — Para de tentar consertar tudo, ou me proteger, ou seja lá o que pensa que está fazendo. Só me deixa em paz por um momento, ok?

— Ok — responde Gray, ainda com as mãos para cima como se eu fosse um animal selvagem; como se eu pudesse ser perigosa e precisasse ser contida. — Não vou te tocar de novo, prometo. Desculpa. Mas você pode só conversar comigo um segundo?

Balanço a cabeça. Não consigo suportar esse ato de bonzinho afável dele agora; porque, sejamos sinceros, é provavelmente um ato, não é?

— Você não está ajudando — informo. — Nada do que você fez esse tempo todo ajudou, na verdade, então...

Eu me interrompo. Não sei por que estou dizendo isso. Uma parte de mim não sabe sequer o que estou dizendo, mas não consigo parar.

— Olha — tento de novo. — Foi divertido. Mas não acho que seja uma boa ideia continuar...

— Continuar o quê? — Gray franze a testa. — O que não é uma boa ideia?

— Você e eu.

— Sério? — Ele parece chocado. — Eu não... Por quê? Porque Jacob é um escroto?

Eu o encaro, boquiaberta.

— Você acha que o motivo disso tudo é *esse*?

— Não, não — corrige ele depressa. — É claro que não, mas...

— Não. — Eu o interrompo. Já chega pra mim. Já chega pra nós. — Acabou.

— Eu...

— *Não* — repito; e finalmente sinto alguma satisfação, mesmo que haja uma voz dentro de mim que já se questiona se é realmente essa ponte que eu quero queimar. As instruções que ele me deu há semanas me voltam à lembrança, e antes que consiga me segurar, falo: — Com todo respeito, Gray? Vai à merda.

Por um segundo, ele só me encara, com os olhos brilhando de reconhecimento, e meu coração se quebra um pouco. Então sua expressão se desmancha de tristeza.

— Tá — diz ele, com a voz baixinha. — Pode deixar.

TRINTA E TRÊS

Consigo chegar em casa e me deitar na minha cama sem falar com ninguém, puxando a coberta por cima da cabeça e fechando os olhos. Sei que o sr. DioGuardi vai ligar para cá. É só uma questão de tempo.

Como esperado, quando a porta se abre depois de uma batida, vejo meus pais, de mãos dadas e expressões igualmente preocupadas.

— Então — diz minha mãe. Ela parece impressionantemente calma; mais calma do que eu jamais a vi desde que tudo isso começou, na verdade, com o cabelo escuro caprichosamente afastado do rosto. — Quer conversar agora, ou mais tarde?

— Mais tarde — balbucio com o rosto no travesseiro.

Para minha surpresa, ela assente.

— Tudo bem — diz meu pai. — Nós te amamos.

É aí que eu começo a chorar.

Os dois atravessam o quarto em um segundo, como se eu fosse um bebê que caiu enquanto dava os seus primeiros passos.

— Meu bem — diz meu pai enquanto minha mãe se senta ao meu lado no colchão —, o que diabos aconteceu?

Respiro fundo e deixo a história triste inteira se derramar da minha boca: o e-mail da Brown e a ligação com Kalina, a visita à vovó, o que eu fiz no carro de Bex.

— Tudo o que vocês fizeram. Os tutores para o **sat**. Aquelas aulas de piano idiotas. Tudo o que a vovó queria para mim. Eu estraguei tudo — declaro.

Minha mãe balança a cabeça.

— Você não estragou nada.

— Jura? — pergunto, chorosa. — Sinceramente, fala uma coisa que eu não arruinei totalmente nos últimos dois meses. Brown. Minha amizade com Chloe. Gray. E é tudo culpa minha. — Passo o dorso da mão no rosto, irritada e envergonhada. — Tudo isso é culpa minha.

— O quê? — Minha mãe balança a cabeça, perplexa. — Não, meu amor. Isso não é verdade. Como é que alguma dessas coisas poderia ser culpa sua?

— Porque eu tinha uma queda por ele! — A frase sai como uma lamúria, aguda e humilhante. — Eu tinha! E eu *realmente* o rodeava, e passei a ideia errada para ele, e...

— Espera um segundo — diz ela, com os olhos arregalados. — De jeito nenhum. Não é assim que funciona, ok? Não é assim que nada disso funciona.

Ela balança a cabeça mais uma vez.

— Meu amor, você sabe quantas pessoas têm quedas por seus professores? Sabe por quantos professores *eu* tive uma queda quando era jovem?

— Não é a mesma coisa — insisto. — Se eu não tivesse...

— É papel do professor estabelecer o limite — afirma meu pai com firmeza. — Porque ele é o adulto.

É claro que, logicamente, eu sei que eles têm razão. Bex e eu não éramos partes iguais em um flerte destinado a dar errado; ele era a figura de autoridade, e eu era a adolescente na sala dele. Mas, ao olhar a total desgraça que é minha vida neste momento, é difícil me fazer acreditar.

— Mesmo assim — digo, dando de ombros com desânimo, sem me convencer. — Eu deveria ter pensado melhor.

— *Ela* deveria ter pensado melhor. — Minha mãe me abraça, me puxando para perto e fazendo carinho no meu cabelo. — E ele *sabia* disso. E tudo isso é tão injusto.

Sobre esse último ponto, pelo menos, é difícil discordar, então deixo que ela me abrace, fechando os olhos diante de uma súbita onda de exaustão.

— Eu odeio ele — murmuro com o rosto no pescoço dela.

— Eu sei — responde minha mãe, apertando o abraço de maneira reconfortante. — Eu odeio ele pra cacete também.

TRINTA E QUATRO

Os dois primeiros dias da minha suspensão não são tão horríveis. Assisto a um monte de comédias românticas de baixo orçamento na Netflix. Saio para uma longa e sinuosa caminhada. Pego o antigo livro de culinária da vovó, *The Silver Palate Cookbook*, da estante da cozinha e me atrapalho toda para seguir a receita do bolo de laranja com pecã, que deixo na bancada para minha mãe levar para ela e para os enfermeiros pela manhã.

É aí que o tédio bate.

Deito na cama e encaro o teto por um tempo. Eu me forço a não olhar o celular. Estou pensando em fazer uma limpa no armário — e é assim que sei que estou verdadeiramente desesperada — quando ouço a campainha tocar no andar de baixo.

— Marin, querida! — chama minha mãe um momento depois, com leve tom de surpresa evidente na voz. — Visita pra você!

Fico espantada também: sério, existe alguém em toda a minha vida que eu, de alguma forma, não afastei ultimamente? Me arrasto até o corredor e por alguns degraus, chegando ao meio do caminho antes de parar no carpete embaraçado. Chloe está parada na antessala com uma blusa de seda e botinhas abertas nos dedos, as mãos enfiadas nos bolsos traseiros da calça skinny escura. Seu delineado está perfeito como sempre, mas, pela primeira vez em muito, muito tempo, seus lábios estão pálidos.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, mas então noto que seus ombros estreitos estão curvados como se ela quisesse se proteger de

um ataque, e o instinto adormecido de melhor amiga crepita de volta à vida. — Você está bem?

Chloe dá de ombros, estreitando os olhos para a escultura de vidro marinho na parede do corredor em vez de olhar para mim.

— A gente pode conversar? — pergunta ela.

Olho de relance dela para minha mãe, que está discretamente se retirando para o escritório, então de volta para Chloe.

— Claro.

Tiro um moletom de capuz da fileira de ganchos ao lado da porta e saímos para nos sentar no balanço da varanda, cuja corrente range baixinho enquanto oscilamos para a frente e para trás. Tivemos quase todas as conversas importantes da nossa amizade nessa varanda: sexto ano, nós duas tentando bravamente decifrar o desenho primitivo de pau-e-bolas que Brandon Farrow tinha rabiscado na quarta capa do caderno dela; a primavera do nono ano, quando ela me contou que sua irmã sairia da faculdade e se internaria em uma clínica de tratamento para transtorno alimentar; ano passado, quando eu estava decidindo se queria perder a virgindade com Jacob. Eu pensava que podia contar tudo para Chloe. Mas agora não sei o que dizer.

No fim das contas, acabo não precisando dizer nada.

— Posso te fazer uma pergunta? — começa ela, cutucando o esmalte da unha recém-feita do dedão. Ela continua sem olhar para mim. — Por que você pichou o carro do Bex?

Giro meu corpo na direção dela, chocada.

— Você veio aqui pra gritar na minha cara sobre *isso*? — pergunto, exigente. — A droga do carro dele? Porque, se for, você pode...

— Dá pra ficar calma? — interrompe Chloe, finalmente me olhando. Seus olhos estão ardentes feito fogo. — Eu não estou gritando com você. Você me ouviu gritar? Eu só estou perguntando por quê.

Dou de ombros.

— Por que você se importa?

Chloe bufa.

— Marin — diz ela, inclinando a cabeça sobre o encosto do balanço. — Por favor.

— Por favor você. — Estou sendo infantil (sei que estou), mas não consigo evitar. Não consigo não me magoar com o que ela fez.

— Olha. — Chloe arranca um pedaço do esmalte rosa e joga-o no chão da varanda. — Sei que não tenho sido uma boa amiga, e sei que

dizer isso provavelmente é um eufemismo — completa, erguendo a mão quando faço um som de reclamação. — E você não me deve nenhum tipo de explicação. Mas estou escutando, se quiser me contar.

Então eu conto. Conto tudo a Chloe, do primeiro dia de Bex de volta às aulas à minha ligação com Kalina até o jeito como ele segurou meu braço naquele dia na escada.

— Ele queria se vingar por eu ter denunciado o que aconteceu, e consegui — concluo finalmente. — Então acho que eu só queria... me vingar também. — Estendo um pé e empurro o corrimão da varanda com mais força do que pretendia, nos fazendo balançar depressa. — Mas a única vida que consegui arruinar foi a minha.

O balanço range para trás e para a frente, para trás e para a frente, mas Chloe fica em silêncio. Quando olho para ela, seu rosto está quase tão branco quanto as ripas de madeira na frente da casa.

— Sinto muito — diz ela, com os olhos se enchendo de lágrimas tão subitamente que não consigo evitar um arquejo de surpresa. — Marin, eu sinto muito, muito mesmo.

Balanço a cabeça na mesma hora.

— Ei — digo, erguendo as mãos em uma rendição chocada. Nossa amizade vem parecendo uma sequência de conexões bizarras e inexplicáveis atrás da outra ultimamente. Mas eu não estava preparada para isso. — Está... tudo bem.

— Não está, não! — exclama ela, se levantando e andando de um lado para o outro da varanda. — Essa situação pode ser um monte de coisas, Marin, mas não é “tudo bem”, de jeito nenhum!

— Chloe — falo, segurando as beiradas do balanço. Minha voz sai baixa. — O que está acontecendo?

Ela balança a cabeça, lançando olhares para o carro na entrada da casa como se não conseguisse decidir se quer saltar para o banco do motorista e dirigir na direção do pôr do sol ou só sair andando e nunca, jamais, parar. Conheço esse olhar — é o que tenho mais visto no espelho nos últimos tempos —, mas ela acaba só se sentando de volta ao meu lado e pigarreando como se prestes a dar testemunho em um tribunal. Ela respira fundo.

— Achei que ele me amasse — confessa, então afunda a base das palmas das mãos nos olhos, esfregando até borrar o rímel. — Ai, meu Deus, eu não acredito que estou falando isso em voz alta. Parece uma porra de uma imbecil. Achei que ele me *amasse*.

— Quem? — pergunto, por mais que em alguma parte secreta do

meu cérebro eu já saiba a resposta. Talvez eu sempre tenha sabido.

Chloe passa os dedos embaixo dos olhos para limpar o rímel.

— Quem você acha?

Começou em outubro, ela me conta. Ele a levou para o apartamento dele, na casa vitoriana com as estantes de livros embutidas dos dois lados da lareira. Queria emprestar um livro para ela. Eles ouviram discos; ele cozinhou uma massa para os dois. Ela disse aos pais que estava na biblioteca.

Ele disse que ela tinha uma alma antiga.

— Quando você me contou o que aconteceu entre vocês eu meio que surtei — admite Chloe. — A maneira como você o descreveu, como um nojento; não era como parecia para mim. Não na época, pelo menos. Achei que fôssemos... um casal. — Ela revira os olhos, e mais uma lágrima escorre por sua bochecha. — A gente fazia coisas de casal. Tipo... eu fui com ele para Cape Cod no outono.

Arregalo os olhos.

— Você fez o quê?

— Dá pra não falar assim? — Chloe balança a cabeça. — Eu já sei que foi idiota.

— Não acho que é idiota — garanto. — Eu só... tipo, pra um *hotel*?

Ela dá de ombros.

— A família dele tem casa lá.

— É claro que tem. — Passo os dedos pelo cabelo. — Desculpa. Estou sendo babaca. Eu só... quando?

— No fim de semana que eu disse que estaria com Kyra.

— Ai meu Deus, eu *sabia* que não havia a menor possibilidade de você passar um fim de semana com ela por livre e espontânea vontade! — Por um momento eu me sinto estranhamente, horivelmente vingada (por conhecê-la tão bem, ao menos, por não ter sido tão enganada), então percebo como isso é errado. — O que você disse aos seus pais?

— Excursão escolar — informou ela, arrasada. — Fiz um pedido de autorização falso e tudo.

— Você não ficou com medo de eu comentar alguma coisa com eles no trabalho?

— Tá brincando? — Chloe solta o ar com força. — Eu estava *apavorada*. Passei o final de semana inteiro atormentada com isso, mas não comentei com ele porque não queria que ele se lembrasse de que...

— De que você tinha *dezessete anos*?

— Tá bom! — explode Chloe, nos deixando chocadas e em silêncio por um momento. Quando ela volta a falar, sua voz mal passa de um sussurro. — Depois que você foi ao apartamento dele... ele me disse que só tinha tentado ser legal com você.

A essa altura ela já descascou quase todo o esmalte das unhas, e seu colo está cheio de farelo rosa-claro.

— Tipo, de que foi uma coisa totalmente inofensiva que você tinha entendido errado, ou algo assim. Mas então ele terminou comigo.

— E foi por isso que você ficou tão puta?

Chloe assente.

— Ele disse que tinha ficado perigoso demais, e eu culpei você — admite ela. — Desculpa, sei que parece que eu nunca vi um filme ou assisti a um seriado ou li um livro na vida, mas eu só... fiz isso. Achei que comigo era diferente, e culpei você. Senti como se você tivesse tirado ele de mim.

— Eu entendo. Quer dizer, é uma droga, mas eu entendo.

— E odeio te contar isso, mas depois de um tempo a gente voltou, só que não era mais a mesma coisa. *Ela* não era o mesmo, e havia, tipo, uma parte de mim que sabia que ele ia fazer alguma coisa contra você. Eu só... deveria ter ficado do seu lado — diz ela, com a voz falhando. — Você é minha melhor amiga, e eu estava... Você teve que fazer tudo sozinha.

Balanço a cabeça, tentando afastar a imagem de tudo o que ela está me contando agora.

— Eu não estava sozinha — asseguro, pensando nos meus pais, no clube do livro e na sra. Klein. Pensando, com uma pontada atrás da costela, em Gray. — Mas eu realmente senti sua falta.

— Sim — diz Chloe, secando o rosto com a base da mão. — Eu também.

Nós nos balançamos por um tempo, em silêncio. Olho para a rua, alguns primeiros sinais indicam que o inverno está acabando. Jayden, meu vizinho, está empurrando um carrinho de compras de plástico para cima e para baixo da entrada da casa, determinado; a três casas de distância a sra. Lancaster está jogando sal na calçada dela.

— Você acha que eu deveria denunciá-lo? — pergunta Chloe finalmente. — Tipo, para o sr. DioGuardi?

Dou de ombros.

— Não sei — respondo. — Você precisa fazer o que for melhor pra

você, eu acho. Ou tipo, nem necessariamente o melhor... só menos ruim. Quer dizer, eu achei que denunciá-lo fosse a coisa certa no momento, e talvez ainda ache. Mas, honestamente, não sei se valeu a pena, sabe? Metade da escola ainda acha que eu inventei tudo.

Conto sobre o processo com DioGuardi e o conselho da escola e como nada funcionou. Como, sem ofensas, eles provavelmente colocariam a culpa de tudo nela.

— Não estou dizendo que você não deveria. Essa decisão não é minha. Eu só... não sei. Gostaria de poder dizer que funcionaria.

Chloe pensa por um momento, limpando as migalhas de esmalte do colo com cuidado. Então levanta a cabeça de repente.

— Quer saber? — pergunta ela, me olhando com um sorriso passageiro. — Acho que tenho uma ideia melhor.

Carta das editoras: a verdade completa

Por Marin Lospato e Chloe Niarchos

Caras e caros colegas, corpo docente e administração do Bridgewater Preparatory,

Durante as últimas semanas, muitos de vocês devem ter ouvido boatos sobre alegações contra um professor muito querido aqui em Bridgewater. Como uma comunidade, é seguro dizer que fizemos de tudo para separar informações de insinuações e reconciliar nossa própria experiência com a realidade vivida por outros. Nunca é fácil aceitar a ideia de que alguém que admiramos — até mesmo adoramos, ou quem sabe amamos — talvez não seja merecedor da nossa contínua estima.

No entanto, como coeditoras do *Beacon* e jovens jornalistas, nós temos um compromisso com a integridade deste jornal e com o uso do seu poder para informar a verdade. Acreditamos no poder da imprensa de promover mudanças positivas na comunidade a que ela serve, e é nesse espírito da disseminação da verdade que hoje escrevemos para vocês.

As alegações contra esse professor — de que ele tem tido relações afetivas e físicas inapropriadas com suas alunas; de que ele as convidou para irem à casa dele sob pretextos acadêmicos e tomou iniciativas de cunho sexual; de que retaliou as alunas que quebraram o silêncio sobre seu comportamento — são verdadeiras. Relatamos essa informação com confiança em nossas fontes, porque somos a fonte uma da outra. Nós duas vivenciamos o comportamento desse professor em primeira mão.

Nós confiávamos nele. Nós o admirávamos. Nós o achávamos charmoso e carismático. E ele tirou vantagem de nós. Não somos especiais. Não somos, como ele nos disse, “almas antigas”. Somos apenas suas alunas.

Quando uma de nós trouxe essas alegações à tona, a posição oficial de Bridgewater Preparatory foi que a administração não

tinha informação confiável o suficiente para tomar as medidas disciplinares cabíveis contra esse professor. Quando outra de nós admitiu sua situação surpreendentemente similar, não pudemos deixar de questionar se ela receberia a mesma resposta. Será que também perguntariam se não havia simplesmente se “confundido”? Será que sofreria com os mesmos boatos? Será que também seria acusada de querer chamar atenção?

Escrevemos essa carta hoje para trazer à luz um aspecto sombrio de Bridgewater, e também na esperança de que qualquer outra pessoa, aluna ou aluno, que tenha passado por uma experiência parecida — seja com esse professor em particular, outra figura de autoridade, ou outro membro desta escola — se sinta seguro e apoiado caso decida se pronunciar.

Nós acreditamos em você.

Atenciosamente,

Marin + Chloe

TRINTA E CINCO

Nosso editorial é impresso na primeira página do jornal na segunda-feira seguinte, meu primeiro dia de volta à escola depois da suspensão. Eu cuido da edição, e Chloe de alguma forma consegue manter a coisa toda em segredo do resto da equipe, inclusive, é claro, de Bex.

Recém-readmitida ou não, não tem a menor chance de eu assistir à aula de Bex hoje, então eu saio da escola quando o sinal da terceira aula toca. Estamos quase na primavera, e o ar frio está entremeado com um cheiro úmido e salgado. Atravesso o campo lamacento e subo as arquibancadas, parando na metade e me sentando. Inclino a cabeça para o fraco sol de meio-dia, feito uma plantinha desesperada para crescer.

Não sei há quanto tempo estou sentada ali, vendo os padrões formados pela luz no interior das minhas pálpebras, quando alguém chama meu nome do outro lado do campo. Abro os olhos e avisto Gray atravessando a linha de cinquenta jardas abaixo de mim, com a mochila pendurada em um dos ombros largos. Ele não está mais de muleta, mas ainda manca bem de leve, de uma forma que eu nunca notaria se não tivesse passado um semestre inteiro observando o jeito que ele costuma andar.

— Oi — exclamo, erguendo uma das mãos num cumprimento enquanto ele sobe cuidadosamente os grandes degraus de metal. Está com um moletom de capuz de Bridgewater por cima do uniforme e seu contador de passos ridículo afivelado a um dos pulsos. — Já

voltou a fazer vinte mil por dia?

— Chegando lá — informa ele com um meio sorriso.

Ele hesita por um momento como se pedisse permissão até que eu faço que sim com a cabeça, então se senta ao meu lado, esticando as longas pernas à frente.

— Li o editorial — conta, assentindo para o *Beacon* que desponta para fora da sua mochila. — Achei incrível. Quer dizer, é uma merda o que aconteceu com a sua amiga, Chloe, obviamente, mas... Foi muito corajoso da parte de vocês.

Faço um esforço para sorrir.

— Valeu.

A verdade é que eu não me sinto nada corajosa: estou feliz por Chloe ter tido a chance de falar sobre o que Bex lhe fez. Estou um pouco nervosa pela possibilidade de ser expulsa. Mas, em grande parte, só estou meio dormente. É como se eu ficasse esperando por algum momento cinematográfico que sinalize que eu superei tudo o que aconteceu, que signifique que está tudo acabado e esquecido. Mas a realidade difícil e frustrante é que tudo o que eu posso fazer é viver um dia de cada vez.

Ficamos em silêncio por um minuto, observando dois gansos-do-Canadá andarem pelo campo, grasnando com irritação um para o outro. Um vento frio farfalha os galhos com folhas brotando.

Finalmente, Gray toma fôlego.

— Falei para as minhas mães que não quero ir para St. Lawrence — confessa ele.

— *Jura?* — Giro meu corpo depressa em sua direção, esquecendo por um momento tudo o que aconteceu entre nós dois. — Como elas reagiram?

Gray dá de ombros.

— Quer dizer, elas não amaram — admite ele. — Usaram toda a habilidade de advogadas comigo. Mas acabamos chegando a um consenso: eu posso aceitar o emprego em Harbor Beach desde que também faça aulas em alguma faculdade local, Bunker Hill ou U Mass ou outro lugar. Então acho que vou fazer isso.

— Que bom saber disso — digo, estendendo a mão para apertar seu braço como se por reflexo antes de me lembrar do que houve e baixar a mão, sem jeito. — Eu estou muito orgulhosa.

— Valeu — responde ele, dando um sorrisinho tímido. — Você foi meio que a pessoa que me inspirou a fazer isso, na verdade. Acho que

pensei que, se você pôde se colocar na linha de tiro, o mínimo que eu poderia fazer era ter culhões de falar para as minhas mães que não quero praticar esporte na faculdade.

Não consigo evitar uma risada, mas então fico séria de repente.

— Gray, me desculpa. — Dessa vez eu toco nele, só a ponta dos dedos na manga da camisa. — Sobre... tudo. Eu fui uma babaca com você, e você não merecia nem um pouco.

Gray balança a cabeça na mesma hora.

— Ei — responde ele —, nem se dê ao trabalho. Você estava passando por uma parada, sabe?

— Quer dizer, acho que sim — digo, relutante em me livrar da culpa de maneira tão fácil. — Mas isso não é desculpa. Você foi um namorado muito, muito bom, e eu descontei um monte de coisa em você que não era sua culpa. E eu sinto muito.

— Sério, Marin, não se preocupa. — Gray faz um gesto indiferente no ar. — A gente se divertiu, não foi?

— Eu... é.

Isso machuca um pouco; tanto as palavras em si quanto o jeito como ele dá de ombros. Subitamente, ele se torna o cara que eu pensava que fosse lá em outubro: um cara do time de lacrosse meio babaca que só quer se divertir. Acho que o que rolou entre nós, seja lá o que for, poderia ter sido mais do que só diversão. Eu pensei que fosse. Mas tenho bastante certeza de que perdi minha chance agora.

— É — repito, tirando um fiapo imaginário da calça jeans. — A gente se divertiu.

Gray assente, como se satisfeito por tudo estar resolvido.

— Então, e você? — pergunta ele, pigarreando. — Já descobriu para onde vai no outono?

— Amherst — informo, tentando soar empolgada e quase conseguindo; continua sendo uma faculdade sensacional, mesmo que não tenha sido a mesma frequentada pela minha avó, e sei que tenho muita sorte de ter essa opção. — Mandeí meu depósito ontem, na verdade.

— Você vai ser incrível onde quer que vá — assegura Gray, como se fosse um fato. — Amherst também não fica muito longe.

Olho para ele com surpresa, sem saber o que quis dizer; não fica muito longe daqui? Ou dele? O milagre de Gray sempre foi a facilidade que eu tinha de conversar com ele. Mas agora parece que eu perdi essa habilidade.

— Não — concordo enfim, com cuidado. — Não fica muito longe.

Gray sorri. Por um segundo, parece que ele vai dizer mais alguma coisa, ou talvez que eu vá; como se houvesse algum assunto não resolvido entre nós, e ambos sentissem isso. Mas o sinal toca anunciando o início da próxima aula antes que encontremos as palavras.

— Merda, eu tenho prova de trigonometria — anuncia Gray, se levantando e pegando a mochila. — Se cuida, tá? Digo, por causa do editorial e tudo mais. Te vejo por aí.

— Tudo bem — respondo. — Pode deixar.

Então, de repente:

— Gray...

— Oi? — Ele se vira. — O que foi?

Abro a boca, então volto a fechar. De todas as coisas que perdi nos últimos meses, essa de alguma forma parece a pior.

— Nada — digo enfim. — Se cuida também.

TRINTA E SEIS

A escola fica estranhamente silenciosa pelo resto do dia. Chloe e eu estamos completamente preparadas para repercussões de proporções épicas — até rascunhamos cartas de emergência para nossas respectivas faculdades no caso de sermos expulsas —, mas fora a minha conversa com Gray na arquibancada, ninguém comenta nada comigo. Faço um teste de cálculo. Almoço com o clube do livro. Até Michael Cyr me deixa em paz.

Por um lado, sinto um alívio enorme; aquele editorial foi o mais arriscado que já escrevi, e mesmo que eu pudesse ter me preparado para sacrificar o que restava do meu futuro, eu não estava exatamente ansiosa pelas consequências.

Por outro lado, é difícil não sentir um pouquinho de decepção também. Tipo, é sério que ninguém nem se importa?

Chloe me busca em casa na manhã seguinte, e nós ouvimos o episódio mais recente do nosso podcast assustador favorito enquanto pegamos o caminho mais longo para poder passar no drive-thru da Starbucks e comprar cafés gelados e croissants levemente secos. Quando chegamos ao estacionamento de Bridgewater, quase parece que estamos no outono passado, antes de tudo acontecer.

Ou melhor, até de fato entrarmos na escola.

Eu me tornei meio que uma especialista em avaliar a energia do corredor sul nas últimas semanas, e nesta manhã definitivamente parece que alguma coisa incomum está acontecendo, como se houvesse uma eletricidade no ar. Sean Campolo nos encara. Allie Chao sussurra alguma coisa atrás da mão.

— Ah, que droga é essa? — murmuro, incapaz de me segurar.

Parece que estou de volta ao primeiro dia depois das férias, com o mesmo calafrio descendo pela coluna. Achei que já estivesse imune a isso, à vergonha de ser apontada e encarada. Acho que, mesmo depois de todo esse tempo, eu estava enganada.

Estou prestes a fugir — direto para a primeira aula, ou possivelmente porta afora de novo —, mas Chloe estende a mão e enlaça nossos braços.

— Relaxa — diz ela, com toda a sua intuição tranquila de sete anos como minha melhor amiga. Sua voz sai perfeitamente estável. — Não importa o que aconteça, estamos juntas, certo?

Eu me forço a assentir.

— Certo — respondo com esforço, e para minha surpresa, sinto um minúsculo *lampejo* de confiança e endireito um pouquinho a postura. — Estamos juntas.

Seguimos para nossos armários e pegamos nossos livros; no fim do corredor, avisto um grupo de membros do clube do livro esparramados no lounge em frente ao refeitório, e quando ziguezagueamos pelo corredor lotado na direção deles, noto que Elisa está sorrindo. Lydia ergue o queixo num cumprimento.

— Tá bom, sério — murmuro, baixo o bastante para ser ouvida apenas por Chloe. — Que droga é essa?

Antes que ela consiga responder, vejo o diretor DioGuardi se aproximando pelo corredor, vindo da direção da administração em uma camisa social azul tão brilhante que é quase iridescente. Ele faz contato visual comigo e gesticula para que nos aproximemos, colocando o apito na boca.

— Meninas — diz ele, voltando a tirá-lo quando nos aproximamos. — Posso conversar com vocês por um momento?

Respiro fundo.

— Sr. DioGuardi — começo, assim como ensaiamos no quarto de Chloe —, Chloe e eu teremos prazer em discutir qualquer preocupação que você tenha sobre a edição desta semana. Mas devo informá-lo de que lemos a papelada organizacional do *Beacon* antes de o publicarmos, e ela diz claramente que a administração não deve interferir com a página editorial a não ser que haja uma violação notória de...

O sr. DioGuardi balança a cabeça.

— Não é sobre isso. Ou melhor, é, mas... — Ele volta a levar o apito à boca, visivelmente incomodado. — Eu só queria que vocês duas

soubessem que o sr. Beckett não faz mais parte do nosso corpo docente.

Por um segundo, eu só o encaro com cara de idiota. Sua resposta... não era a que eu esperava.

— Sério? — pergunto depressa.

O sr. DioGuardi assente.

— Outras pessoas já se pronunciaram — explica ele, arrasado. Parece exausto, com olheiras esverdeadas e barba por fazer; se as coisas tivessem sido um pouco diferentes na época da minha denúncia, eu quase sentiria pena. — Parece que havia... um problema maior do que imaginávamos com o sr. Beckett. Tanto aqui quanto na última escola onde ele trabalhou.

A última escola onde ele trabalhou. Lembro-me do primeiro dia em que Bex me deu carona para casa, aquele papo sobre fazer jantares para alunos no apartamento dele, e não consigo deixar de balançar a cabeça.

— Ele realmente foi embora? — pergunto, ainda esperando que aquilo fosse uma pegadinha, mas o sr. DioGuardi volta a assentir.

— Na mesma hora — garante ele. — Não voltará mais.

— Nossa. — É mais do que eu jamais sonhei que aconteceria, sinceramente. — Isso é... nossa.

Chloe parece pensar por um momento; para minha surpresa, ela não parece totalmente satisfeita.

— Então, sr. DioGuardi — fala ela com educação, inclinando a cabeça para o lado com um olhar aguçado e intenso por trás dos óculos. — Parece que você está dizendo que estava errado em não acreditar na Marin quando ela o procurou pela primeira vez, hein?

O diretor franze a testa.

— Bem, não era uma questão de acreditar ou não — explica ele, olhando de uma para outra alternadamente. — O conselho trabalhou com a informação que tinha no momento...

— Incluindo a informação que ela lhe deu, certo?

— Eu... sim — admite o sr. DioGuardi. — Mas sem uma informação que corroborasse...

— Então meio que parece que você deve um pedido de desculpas pra ela.

Por um momento, ele parece querer discutir, mas no fim das contas apenas deixa os ombros caírem.

— Me desculpe, Marin — diz ele, as palavras tão tensas e

constrangidas em sua boca que parece que ele está tentando falar Klingon. — Sei que você passou por muita coisa nesses últimos dois meses.

Não é um pedido de desculpas espetacular, e acaba que estou cagando se ele sente muito ou não. Eu contei a verdade. Bex foi embora. E Chloe e eu voltamos a ser amigas. Levando tudo em consideração, poderia ter sido pior.

— Obrigada — respondo em um tom tão frio quanto o chá gelado da minha avó no dia mais quente do verão. — Agradeço.

Assim que ele vai embora, eu olho ao redor, então de volta para Chloe. Ela está com uma expressão tão chocada e satisfeita quanto a minha.

— Quer pular a primeira aula e ir tomar café na lanchonete? — pergunto. — Só nós duas?

— Sabe de uma coisa? — diz Chloe, pensativa. — Acho que essa é a melhor ideia que ouvi o ano todo.

Damos os braços de novo e voltamos para o estacionamento. O sol está quente na minha nuca.

TRINTA E SETE

Vou ao Sunrise depois da escola na sexta e encontro Camille na estação de enfermagem, cantarolando baixinho para si mesma enquanto preenche uma papelada. Seus Crocs são rosa-shocking hoje, seu jaleco com estampa de tucanos e flamingos. Tem um copo enorme de café gelado do Dunkin' ao seu lado.

— Tenho uma coisa pra você — falo, vasculhando a mochila por um momento antes de puxar uma camiseta de Amherst.

Camille fica boquiaberta.

— Ah, Marin, não precisava!

— Promessa é promessa — digo, dando de ombros. — Só sinto muito por não ser da Brown.

— Está brincando? — fala ela com um sorriso largo e alvo. — Estou tão orgulhosa de você, querida. — Ela ergue as sobrancelhas. — Você está orgulhosa de si mesma?

Penso por um momento.

— Quer saber? — respondo enfim. — Na verdade, estou sim.

— Que bom. — Camille estende a mão e aperta meu ombro antes de apontar com a cabeça para o corredor na direção da suíte da vovó. — Avise se precisar de qualquer coisa, ok? Ela teve uma manhã muito boa, mas só para garantir.

Assinto. É a primeira vez que volto aqui sozinha desde o dia em que a vovó não me reconheceu — vim com a minha mãe um dia de manhã, e com Gracie na vez seguinte —, e sinto o coração martelar desconfortavelmente enquanto caminho pelo corredor.

É só a vovó, lembro a mim mesma com firmeza. O fato de ela se lembrar ou não de você não muda quem ela é para você.

— Oi — cumprimento, batendo de leve na porta.

— Oi, minha Marin.

Solto a respiração, tomada pelo alívio de ouvir o som do meu próprio nome. Vovó está sentada no sofá com uma biografia de Katharine Graham no colo. Ela usa um vestido de linho e um cardigã rosa-claro, e seu cabelo está preso num coque fino na base da nuca. A linha do batom está levemente tremida, mas, fora isso, ela parece consigo mesma.

— Papai fez um *ciambellone* — anuncio depois de dar um beijo nela, erguendo a sacola com o Tupperware como prova. É um bolo italiano que ela fazia quando eu era criança, denso e com limão. Eu me lembro de vagar pelo quintal dela com um pedaço na mão fechada enquanto o poodle toy do vovô Tony tentava morder por entre meus dedos. — Ele usou sua receita, então pedi uma opinião sincera sobre o resultado.

— Ah, que adorável! — exclama ela, parecendo genuinamente satisfeita. — Consegui essa receita com a minha sogra, já te contei isso? Ela não era uma mulher muito agradável, sua bisavó, mas tinha jeito na cozinha.

Dou uma risada, corto fatias para nós duas e levo-as para a mesa de centro, passando o dedão na beirada esculpida do prato delicado.

— Você tem palavras cruzadas por aqui? — pergunto. — Tenho praticado.

Passamos boa parte da visita assim, preenchendo as palavras cruzadas e conversando sobre as novidades das minhas últimas semanas na escola. Estou falando sobre o vestido que comprei para o baile de primavera quando algo no rosto dela, uma apreensão cautelosa, me faz parar.

— Está tudo bem? — pergunto.

Vovó assente.

— Sabe — diz ela, com um tom quase acusatório —, eu costumava fazer um bolo igualzinho a esse.

Mordo o lábio e tento fazer uma expressão neutra.

— Eu sei, vó — respondo com delicadeza. — É a sua receita, lembra?

Ela estreita os olhos, então sei na mesma hora que a perdi.

— É uma delícia, não é? — pergunto em vez de tentar fazê-la

lembrar. Depois da minha última e desastrosa visita sozinha, minha mãe explicou que é melhor não forçar quando ela fica assim; ela vai voltar por conta própria quando estiver pronta. Pode ser esta tarde, ou não. Em certo ponto, pode ser que ela não volte mais. — Tem gosto de primavera.

Passo o resto da visita tagarelando alegremente, mantendo a voz leve e suave: sobre como o verão enfim está chegando e sobre os canteiros de tulipas de Sunrise; sobre Katharine Graham, que eu soube pela sra. Klein que foi a primeira editora mulher de um grande jornal americano. Vovó, por sua vez, parece contente em me escutar, beliscando o bolo e assentindo com educação nas pausas apropriadas do meu monólogo como se eu fosse uma estranha particularmente sociável em uma estação de trem. Quando me levanto para ir embora, ela toca minha mão.

— Eu gosto de você — diz com um sorriso caloroso, mas, de alguma forma, nem um pouco familiar. — Você me lembra de mim mesma.

Inclino a cabeça para o lado, engolindo em seco.

— Lembro?

Vovó assente e continua:

— Você é uma boa garota, mas não precisa ser sempre *tão* boa. — Ela ergue as sobrancelhas de um jeito arteiro. — Deus sabe que eu não fui.

Por um segundo, ela parece consigo mesma de novo, a vovó que comprou meu primeiro diário, plantava rosas premiadas e me ensinou a separar ovos sobre a pia de aço inox imaculadamente polida; então ela pisca e o momento se evapora. Viro a mão e aperto a dela por um instante, bem de leve, antes de soltar.

— Eu sei — prometo. — Vou me lembrar disso.

EPÍLOGO

A última reunião do ano do clube do livro feminista acontece em uma tarde agradável de quinta-feira no começo de junho, com uma brisa entrando pelas janelas abertas da sala da sra. Klein e as árvores explodindo de folhas verdes do lado de fora. A mãe de Elisa mandou *tamales* feitos em casa. Grace e eu fizemos cookies de sete camadas. Nós lemos *Teaching My Mother How to Give Birth*, de Warsan Shire, que foi indicação da Lydia — e que vem com o benefício de nos deixar assistir a *Lemonade*, da Beyoncé, que está passando no repeat em um laptop no canto da sala. Maddie e Bridget começam uma pista de dança improvisada ali perto, e flagro Dave cantando “Formation” baixinho junto com a música quando acha que ninguém está prestando atenção.

— Você criou uma coisa muito legal aqui, Marin — diz a sra. Klein em voz baixa, parando ao meu lado com um copo de papel cheio de água com gás em uma das mãos.

Os alunos das séries mais baixas decidiram que o clube vai continuar se reunindo no ano que vem; Lydia indicou Elisa para presidente, e ela ganhou sem concorrência. Gosto da ideia de que o clube vai continuar sem mim — talvez seja bobo, mas meio que me faz sentir que terei um legado de verdade em Bridgewater além de apenas ser a garota que fez um professor ser demitido.

É claro que não desgosto que isso também faça parte do meu legado.

Chloe e seus pais prestaram queixa, o que foi difícil para Chloe, mas ela sentiu que era o correto a ser feito. O jornal local fez uma

reportagem enorme sobre Bex, e Bridgewater sofreu muitas críticas pela maneira como lidou com toda a situação. As pessoas ficaram chocadas com as ações da administração — ou melhor, com a falta delas.

“Como é que coisas desse tipo continuam acontecendo até hoje?”, todo mundo comentou; mas acho que é a realidade, não é? Ainda acontece mesmo.

Olho ao redor da sala com uma sensação calorosa no peito. Até Chloe veio hoje, por mais que não tenha lido o livro.

— Tem certeza de que não tem problema? — perguntou ela no caminho para cá, hesitando no corredor. — Entrar de penetra?

— O ponto mais importante não é o livro — prometo, pegando a mão dela e puxando-a para dentro da sala. — Quer dizer, é e não é. — Agora eu a vejo papeando com Elisa sobre o maquiador que trabalha em todos os vídeos da Beyoncé, e sei que ela está feliz por ter vindo.

Gray foi o único que não apareceu.

Suspiro, dando um sorriso desanimado para a sra. Klein antes de seguir para a mesa das comidas. Achei que ele pudesse aparecer por uma questão de nostalgia — é nossa última reunião, afinal —, mas acho que o espantei de vez. E, claro, eu pedi desculpas naquele dia nas arquibancadas. Mas sei melhor do que a maioria das pessoas que às vezes um pedido de desculpas não basta.

Estou prestes a afogar as mágoas em outro *tamale* quando sinto um movimento na porta às minhas costas. Quando me viro, lá está ele, de uniforme e boné do Sox, com o mesmo sorriso tímido e torto do primeiro dia em que veio ao clube. Ele faz contato visual comigo e sorri.

Abro um sorriso largo e sincero de volta.

Penso que nossa história, seja lá o que for, está longe de terminar.

— Desculpa pelo atraso — diz ele, dando de ombros meio constrangido. — Eu precisava terminar o livro.

Harper
Collins



NOVA WEETMAN

O verão da minha vida

Weetman, Nova

9788595082199

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida é feita de escolhas, e ninguém sabe melhor disso do que as meninas! Terminar o dever ou ir para o shopping? Juntar a mesada para aquele celular incrível ou comprar o box da sua série mais amada? São tantas decisões...

As personagens da coleção *Escolha o seu felizes para sempre* também têm muitas opções — aqui cada escolha delas é sua, e é você quem decide o caminho que elas devem tomar. Siga o seu coração e veja aonde ele leva, ou volte atrás e escolha tudo outra vez!

É o último dia de aulas e Frankie só consegue pensar que seu verão não está prometendo: um calor de morrer e seu violão como única companhia... Isto é, até que surge uma oportunidade de ir para Londres nas férias! Isso pareceria ótimo se não significasse reencontrar Jake, o menino que partiu seu coração. Além disso, Frankie ainda precisa decidir se férias na praia com o pai são uma saída perfeita ou uma torta de climão, já que seu pai está com uma namorada nova, que também tem uma filha! Será que ela vai perceber que esqueceu Jake de vez? Ou vai acabar enterrando a nova "irmã" na areia? Cabe a você decidir o que Frankie vai fazer em *O verão da minha vida*!

[Compre agora e leia](#)

"IMPOSSÍVEL PARAR DE LER." — JOHN GREEN

Cordialmente CRUEL

DA AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

MAUREEN
JOHNSON

 Harper
Collins

Cordialmente Cruel

Johnson, Maureen

9788595085978

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Instituto Ellingham é um famoso colégio privado em Vermont. Fundado por Albert Ellingham, um magnata do início do século XX, é um local maravilhoso, repleto de charadas, caminhos mirabolantes e jardins. "Um lugar", nas palavras de seu criador, "onde aprender é um jogo."

Porém, em 1936, logo após a abertura da escola, a esposa e a filha de Ellingham são sequestradas. A única pista digna de ser seguida é uma debochada carta listando métodos para cometer um assassinato, assinada com o pseudônimo "Cordialmente, Cruel". A polícia não consegue resolver o crime, que se torna um dos grandes enigmas da história dos Estados Unidos. Algo como aquilo jamais poderia acontecer novamente, é claro.

Anos depois, Stevie Bell, aluna e detetive amadora, está pronta para começar seu primeiro ano no Instituto Ellingham, e tem um plano ambicioso: solucionar esse antigo caso. Isto é, depois de lidar com sua exigente vida escolar, seus deveres de casa e seus excêntricos colegas de classe. Mas algo estranho acontece. Cordialmente Cruel faz um retorno surpresa e a morte revisita a escola. O passado ressurge das cinzas. Alguém que se safou de um assassinato ainda está vivo. Será que Stevie e seus amigos vão conseguir desvendar a identidade do dono da assinatura?

Primeiro livro de uma trilogia, Cordialmente Cruel mostra todo o talento e o amor que a escritora Maureen Johnson tem pela literatura policial, mas sem esquecer do seu público fiel, o que torna este livro uma obra rara, que mistura dois gêneros de maneira inesquecível.

Compre agora e leia

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor

Tradução
original
de 1952

 Harper
Collins



O pequeno príncipe (original)

Saint-Exupéry, Antoine de

9788522014743

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de criança? Com certeza.

Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi.

Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantos milhões e milhões de pessoas? Como explicar a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes?

Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja comovente para tantas pessoas?

O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO DE OURO DA

MITOLOGIA

Histórias de deuses e heróis

Thomas Bulfinch

O livro de ouro da mitologia

Bulfinch, Thomas

9788595082755

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Altars ruíram e templos se perderam nas areias do tempo, mas as religiões da Grécia e da Roma Antigas nunca desapareceram por completo. Seu legado de mitos e heróis continua presente até hoje, e é o pilar da cultura ocidental. As histórias passadas de geração a geração há milênios, que hoje são peças-chave das mais populares e consagradas obras de diversas formas de arte estão reunidas aqui, sob as bênçãos de Zeus.

As mais cativantes narrativas que a mente humana já criou transportam o leitor para terras onde fatos incríveis acontecem - onde belas ninfas e corajosos heróis veem seus destinos nas mãos de caprichosos deuses e criaturas fantásticas ganham vida.

[Compre agora e leia](#)

Joanna
Moura

E se eu parasse de comprar ?



O ano em que
fiquei fora da moda

 Harper
Collins

E se eu parasse de comprar?

Moura, Joanna

9786555112375

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um armário lotado e uma conta bancária vazia. Assim era a vida de Joanna Moura.

Durante anos, ela usou o consumo como uma válvula de escape. Dia ruim no trabalho? Blusinha nova! Pé na bunda? Vestido novo! Mas foi esse mesmo comportamento que a levou ao fundo do poço. Com a conta no vermelho, e seus sonhos cada vez mais distantes, se propôs um desafio: passar um ano inteiro sem comprar nenhuma roupa, nem um par de meias sequer.

Dez anos depois, a autora revela as reflexões e aprendizados do experimento que deu origem ao blog *Um ano sem Zara*. Com bom-humor e um olhar extremamente pessoal, Joanna provoca o leitor a também repensar a sua relação com o consumo.

[Compre agora e leia](#)